



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

AUTONOMIA E FLEXIBILIDADE CURRICULAR
AS MUDANÇAS CURRICULARES DECRETADAS E OS EFEITOS NA AÇÃO
ORGANIZACIONAL ESCOLAR
Estudo de caso duplo

ANEXOS

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação

por

(Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
(setembro de 2021)

VOLUME II - Índice

Índice

Anexo 1 – Carta de intenções do projeto de investigação	1
Anexo 2 – Tema e questões de investigação, compromissos e garantias.....	3
Anexo 3 – Consentimento informado – autorização dos encarregados de educação	4
Anexo 4 – Guião de entrevistas - diretores	5
Anexo 5 – Questionário - alunos	11
Anexo 6 – Questionário - professores	21
Anexo 7 – Matrizes de análise de conteúdo	33
Anexo 8 – Transcrição das entrevistas – diretores.....	54

Anexo 1 – Carta de intenções do projeto de investigação



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Eu, Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista, doutoranda em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, declaro a minha intenção de desenvolver um projeto de investigação subordinado ao tema «Autonomia e Flexibilidade Curricular», sob a orientação do Professor Doutor José Matias Alves.

Tema de investigação

O trabalho empírico que tenciono empreender no âmbito deste projeto consistirá num estudo de caso duplo que será desenvolvido em duas escolas distintas. O estudo apresenta como propósito compreender a forma como as organizações escolares se apropriaram das orientações decretadas relativas à Autonomia e Flexibilidade Curricular, especificamente, em seguimento da aplicação do Decreto-Lei n.º55/2018 de 6 de julho.

Esta investigação pretende, assim, dar resposta à seguinte questão de investigação: “Que impacto está a ter o Decreto-Lei n.º55/2018 de 6 de julho a ação educativa das escolas públicas?” Para obtermos resposta a esta grande questão de investigação, não poderemos deixar de colocar subquestões, como sendo:

- Houve variáveis organizacionais que foram mobilizadas no decurso da aplicação das orientações legais relacionadas com a Autonomia e Flexibilidade Curricular (AFC)?
- Houve consequências das medidas da AFC na cultura organizacional em relação ao ensino, aos resultados escolares e às aprendizagens dos alunos?
- Foram desenvolvidas áreas temáticas e modalidades de formação profissional no contexto da AFC?
- Foram implementados mecanismos de sustentabilidade da mudança (avaliação continuada das mudanças; redes de escola)?

Metodologia e instrumentos de recolha de dados

Dada a natureza do nosso objeto de investigação, optámos por uma metodologia tendencialmente qualitativa, com recurso às seguintes técnicas de recolha de dados:

- análise de documentação relativa ao planeamento da ação educativa (projeto educativo; planificações anuais de disciplinas; planos de turma), pautas de avaliação e relatórios de autoavaliação
- aplicação de entrevista semiestruturada ao Diretor
- aplicação de entrevistas semiestruturadas coletivas a alunos, no âmbito da técnica de grupos de focagem
- aplicação de um inquérito por questionário (professores e alunos – amostra representativa)

Compromissos e garantias

Toda a investigação será conduzida segundo princípios éticos fundamentais, de entre os quais destacamos:

- princípio da não intrusão (comprometemo-nos a não interferir com as dinâmicas próprias da instituição);

- princípio da confidencialidade (será mantido o anonimato de todos os participantes envolvidos);
- princípio da devolução de resultados (comprometemo-nos a devolver os resultados obtidos, realizando uma ação na escola para todos os interessados).

No que se refere mais concretamente à fase de recolha de dados, comprometemo-nos a:

- respeitar e garantir os direitos de quem participa no trabalho de investigação;
- informar os participantes sobre todos os aspetos da investigação, obtendo o seu consentimento informado;
- assegurar a honestidade nas relações estabelecidas com os participantes;
- aceitar a decisão daqueles que não pretendam colaborar ou desistam da colaboração;
- assegurar que os participantes não serão vítimas de quaisquer danos ou prejuízos decorrentes da pesquisa;
- garantir a confidencialidade da informação obtida;
- informar os participantes dos resultados da investigação.

Por fim, na apresentação pública do relatório de investigação, será ainda nossa preocupação:

- proteger os participantes envolvidos, garantindo a confidencialidade e o anonimato;
- não alterar dados ou resultados;
- não enviesar conclusões, omitindo ou acrescentando pormenores.

Calendarização prevista:

- Trabalho de campo: fevereiro a julho de 2020
- Tratamento de dados: maio a outubro de 2020
- Redação da dissertação: ao longo do ano letivo de 2020/2021
- Apresentação de resultados e defesa pública: ano de 2021
- Devolução de resultados: ano de 2021

Porto, 27 de setembro de 2019

Anexo 2 – Tema e questões de investigação, compromissos e garantias



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Professores

Ex.mo(a) senhor(a) professor(a),

no âmbito de uma tese de doutoramento em ciências da educação que estou a realizar na Universidade Católica Portuguesa, sob orientação do Prof. José Matias Alves, sobre a problemática da autonomia, flexibilidade e inovação curricular e organizacional, gostaria muito de poder contar com a sua colaboração.

O pensar e o sentir dos professores são fundamentais para melhorarmos os processos de ensino.

A sua participação é livre, confidencial e os dados são apenas usados para efeitos académicos.

A resposta a esta inquirição significa que aceita participar neste estudo, podendo desistir se, porventura, assim o entender.

Ficaria grata se respondesse até 3 dias após ter rececionado este pedido.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo o meu contacto para esclarecimentos ou outras informações que considere necessárias - baptistacarla@gmail.com



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Alunos

Caro(a) aluno(a),

este inquérito tem como objetivo recolher informação para a realização de um trabalho de doutoramento em ciências da educação que estou a desenvolver na Universidade Católica Portuguesa.

Pretendo compreender como a sua escola organiza a participação dos alunos, os modos de aprender e de ensinar, bem como as formas de avaliação das aprendizagens.

Perceber-se como os alunos pensam e sentem a escola é fundamental para a melhoria da educação escolar.

A sua contribuição é muito importante.

A sua participação é livre, confidencial e os dados são apenas usados para efeitos académicos.

Ficaria grata se respondesse até 3 dias após ter rececionado este pedido.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo o meu contacto para esclarecimentos ou outras informações que considere necessárias - baptistacarla@gmail.com

Anexo 3 – Consentimento informado – autorização dos encarregados de educação



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Porto, 11 de janeiro de 2021

Ex^{mo(a)}. Sr(a). Encarregado(a) de Educação,

encontrando-me a desenvolver um projeto de investigação para preparação do Doutoramento em Ciências da Educação, com o Orientador Professor Doutor Matias Alves, a apresentar na Universidade Católica, sobre a problemática da autonomia, flexibilidade e inovação curricular e organizacional, gostaria de solicitar a participação do seu educando neste estudo, através da resposta a um inquérito.

O inquérito tem como objetivo compreender como a escola organiza a participação dos alunos, os modos de aprender e de ensinar, bem como as formas de avaliação das aprendizagens. Perceber-se como os alunos pensam e sentem a escola é fundamental para a melhoria da educação escolar. A contribuição dos alunos é muito importante.

A participação é livre, confidencial e os dados serão apenas usados para efeitos académicos. O preenchimento do questionário é breve, demorando cerca de 15 minutos.

Mais se acrescenta que os objetivos do estudo serão previamente apresentados e que os participantes poderão, em qualquer momento, desistir de colaborar se assim o desejarem. Comprometo-me a salvaguardar os interesses dos participantes, assegurando uma rigorosa confidencialidade da informação recolhida e revelando a minha total disponibilidade para qualquer informação ou intervenção considerada útil.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo-me para prestar mais informações que V. Ex.^a considere pertinentes.

Respeitosos cumprimentos,

Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista

(e-mail: baptistacarla@gmail.com)

Eu, _____ Encarregado de Educação do aluno(a)

Autorizo Não autorizo o meu educando a participar no estudo.

Assinatura

Data

____/____/____



Guião das Entrevistas aos Diretores das Escolas A e B

Tema: A apropriação e o impacto do Decreto-Lei n.º55/2018 de 6 de julho

A presente entrevista insere-se num estudo que tem como propósito procurar compreender se as respostas normativas decretadas (especificamente o Decreto-Lei n.º55/2018 de 6 de julho), a organização curricular adotada, a formação contínua realizada, as culturas organizacionais e profissionais dominantes, numa palavra se a *gramática escolar* instituída na ação concreta cumpre as promessas enunciadas e, no caso de não cumprir, compreender o porquê.

Objetivos gerais:

1. Identificar e caracterizar, na configuração local da escola, a eventual (re)apropriação das orientações da legislação escolar relativa à AFC, nas seguintes variáveis:
 - a. organização do tempo dos alunos e do tempo dos professores;
 - b. organização dos espaços e agrupamento dos alunos;
 - c. modos de ensinar e de aprender (modos de trabalho docente, gestão do currículo, modos de trabalho pedagógico, estratégias de ensino, estratégias de avaliação das aprendizagens).
2. Identificar, segundo as perspetivas dos diretores, as eventuais consequências das medidas da AFC na *gramática escolar* (organização curricular adotada, a formação contínua realizada, as culturas organizacionais e profissionais dominantes), nos resultados escolares e nas aprendizagens dos alunos.
3. Identificar as áreas temáticas e modalidades de formação profissional no contexto da AFC, no caso de terem existido (e no caso de ausência, tentar perceber o motivo).
4. Identificar se existem/se foram criados mecanismos de sustentabilidade da mudança (avaliação continuada das mudanças; redes de escola).

Guião 1 – Escola B

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos orientadores/possíveis questões
<p>Bloco A</p> <p>Motivação e legitimação de entrevista</p>	<p>A1. Esclarecer o entrevistado acerca da temática, finalidades e objetivos da investigação.</p> <p>A2. Solicitar autorização para a gravação da entrevista.</p> <p>A3. Motivar o entrevistado a participar.</p>	<p>A1.1 Informar o entrevistado sobre as finalidades e os objetivos da investigação e sobre a fundamentação da temática escolhida.</p> <p>A2.1 Solicitar a autorização para gravar o entrevistado assinalando que a mesma será utilizada unicamente para este trabalho de investigação.</p> <p>A3.1 Realçar a importância e o papel do entrevistado na realização do estudo, dando a conhecer o que se vai fazer na entrevista.</p> <p>A3.2 Reforçar a importância da colaboração do entrevistado na concretização dos objetivos do estudo e informar o que se vai fazer com os resultados da entrevista.</p>
<p>Bloco B</p> <p>Implementação do Decreto-Lei n.º55/2018 de 6 de julho</p>	<p>B1. Verificar se houve adesão à AFC.</p>	<p>B1.1 A escola aderiu à AFC?</p> <p>B1.2 Se sim, passar para o bloco C / Se não, passar para o Guião 2</p>
<p>Bloco C</p> <p>Posicionamento da escola face à AFC</p>	<p>C1. Identificar os princípios orientadores da adesão/posicionamento da escola à AFC</p> <p>C2. Caracterizar a forma de adesão da escola à AFC</p>	<p>C1.1 Que princípios / motivações orientaram a escola à adesão da AFC? (legislação? fatores internos? contexto externo? ...)</p> <p>C1.2 Ação autónoma da escola ou ação constrangida por regulamentação administrativa/legislação?</p> <p>C1.3 Quais os graus de autonomia e de constrangimento tem agora a escola? Como diretor, que grau de autonomia tem e não tem? E em que domínios?</p> <p>C2.1 Houve alguma mobilização para a reflexão/debate sobre a adesão à AFC?</p> <p>C2.1.1 Se sim, quem? (conselho pedagógico/departamentos curriculares/conselhos de turma/assembleia de escola...)</p> <p>C2.1.2 Que papel /efeitos tiveram na adesão/implementação/posicionamento?</p> <p>C2.2 Existiram parcerias externas constituídas nesta fase? Se sim, quais e que efeitos tiveram?</p> <p>C2.3 Foram garantidos apoios por parte do Ministério da Educação? Que tipo de mecanismos</p>

		de apoio foram proporcionados pelo ME? E por parte de universidades? Que apoios foram garantidos? (pedagógicos, financeiros, formação de professores, realização de sessões de sensibilização/formação...)
Bloco D Organização da escola em AFC	<p>D1. Identificar possíveis alterações ao Projeto Educativo da escola e/ou a documentos de planeamento da ação educativa (documentos estratégico-operacionais).</p> <p>D2. Elencar as possíveis estruturas organizadas/construídas de desenvolvimento da AFC</p> <p>D3. Caracterizar as opções curriculares adotadas / gestão flexível das matrizes curriculares-base</p> <p>D4. Identificar as formas de organização do trabalho dos alunos</p> <p>D5. Definir os modos de ensinar e fazer aprender os alunos</p>	<p>D1.1 Houve alterações no PEE? Missão/ambição estratégica (re)formulada? Definição de novos objetivos/princípios; estratégias?</p> <p>D2.1 Foram constituídas / existem equipas específicas para o desenvolvimento da AFC? (criação de equipas educativas; atribuição de tempos para trabalho colaborativo de equipas – de grupo disciplinar/ de equipas, conselhos de turmas...?)</p> <p>D2.2 Houve outras diferentes formas de organização do trabalho dos docentes adotadas?</p> <p>D3.1 Houve alteração nas opções curriculares? / Houve adequação das matrizes curriculares-base/gestão flexível? D3.1.1 Solicitar a descrição das opções curriculares adotadas na escola (DAC: combinação parcial de disciplinas; combinação total de disciplinas; alternância de períodos de funcionamento; trabalho rotativo; desdobramento de turmas; novas áreas/disciplinas...?)</p> <p>D3.2 Se sim, a que níveis/turmas estão a ser aplicadas as opções curriculares descritas? D3.2.1 Questionar o entrevistado sobre as razões que justificaram as opções.</p> <p>D4.1 Como é organizado o tempo/espço semanal dos alunos? (fixa todo o ano; alterna em períodos de tempo específicos...)</p> <p>D4.2 Como foi definido o agrupamento de alunos? (por idade, por níveis de aprendizagem, por tipo de projeto de trabalho... é fixo ao longo do ano ou poderá alterar?) Porquê?</p>

		<p>D5.1 Que medidas/estratégias de promoção do sucesso escolar são desenvolvidas?</p> <p>D5.2 Que abordagens/metodologias de ensino/aprendizagem são privilegiadas na ação em sala de aula? (centradas no aluno ou no professor?; integração do currículo local? Aprendizagens significativas? Aprendizagens transdisciplinares...)</p> <p>D5.3 Que dimensões da avaliação são valorizadas? Que instrumentos de avaliação estão a ser usados?</p> <p>D5.4 Questionar sobre o grau de envolvimento e motivação dos alunos</p>
<p>Bloco E</p> <p>Desenvolvimento da AFC</p>	<p>E1. Definir as percepções sobre o impacto nos resultados escolares e educativos e nas aprendizagens dos alunos.</p> <p>E2. Identificar processos de avaliação continuada</p> <p>E3. Compreender a existência de processos de partilha de experiências</p>	<p>E1.1 Houve efeitos do desenvolvimento da AFC em relação a:</p> <p>Motivação dos alunos? Quais?</p> <p>Motivação do professores? Quais?</p> <p>Aprendizagem dos alunos (resultados escolares, relatórios de provas de aferição e exames nacionais)? Quais?</p> <p>E2.1 Foi estabelecido/existe na escola algum processo de avaliação continuada interna (autorregulação e melhoria)? Se sim, qual? Como funciona?</p> <p>E2.1.1 O ME está a acompanhar o trabalho da eventual mudança na escola?</p> <p>E2.2 Que fatores facilitadores e que obstáculos têm surgido no desenvolvimento da AFC?</p> <p>E3.1 Questionar o entrevistado sobre existência de troca/partilha de práticas, experiências e de aprendizagens (rede de escolas).</p>
Outras questões:		Como se posicionam/reagem os pais/EE?
Espaço aberto		Possibilitar que o entrevistado possa acrescentar o que entender acerca da temática (permitir que o entrevistado possa demonstrar a sua perspetiva...)

Guião 2 - Escola A

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos orientadores/possíveis questões
Bloco C Planeamento da ação educativa	C1 Indicar os processos de planeamento curricular	C1.1 Que documentos existem relacionados com o planeamento curricular? C1.2 Quando se constroem? Quem? Como?
Bloco D Organização do trabalho docente	D1 Identificar as formas de organização do trabalho docente	D1.1 Existem equipas educativas? Quais? Como funcionam? Com que finalidade? D1.2 Existe atribuição de tempos no horário para trabalho colaborativo de equipas (– de grupo disciplinar/ de equipas, conselhos de turmas...)?
Bloco E Gestão das matrizes curriculares-base	E1 Caracterizar as opções curriculares adotadas das matrizes curriculares- base	E1.1 Como se concretizam/materializam as matrizes curriculares-base?
Bloco F Organização do trabalho dos alunos	F1 Identificar as formas de organização do trabalho dos alunos	F1.1. Como é organizado o tempo/espço semanal dos alunos? (fixa todo o ano; alterna em períodos de tempo específicos...) F1.2 Como foi definido o agrupamento de alunos? (por idade, por níveis de aprendizagem, por tipo de projeto de trabalho... é fixo ao longo do ano ou poderá alterar?) Por que motivo se organizam assim os alunos? F1.3 Em que espaços os alunos trabalham? Como é organizado o espaço da sala de aula?
Bloco G Modos de ensinar e modos de aprender	G1 Definir os modos de ensinar e fazer aprender os alunos	G1.1 Que medidas/estratégias de promoção do sucesso escolar são desenvolvidas? G1.2. Que abordagens/metodologias de ensino/aprendizagem são privilegiadas na ação em sala de aula? (centradas no aluno ou no professor?; integração do currículo local? Aprendizagens significativas? Aprendizagens transdisciplinares...)
Bloco H Modos de avaliar a aprendizagem dos alunos	H1 Caracterizar os processos de avaliação das aprendizagens dos alunos	H1.1 Que dimensões da avaliação são valorizadas? H1.2 Que instrumentos de avaliação estão a ser usados?
Bloco I Processos de melhoria contínua da organização	I1 Definir os processos de monitorização da qualidade educativa	I1.1 Existe na escola algum processo de avaliação continuada interna (autorregulação e melhoria)? Se sim, qual? Como funciona?

	<p>I2 Caracterizar o tipo de formação dos professores e da liderança</p> <p>I3 Compreender a existência de processos de partilha de experiências</p>	<p>I2.1 Existe um plano de formação de professores? E de lideranças?</p> <p>I2.2 Como se articula a formação com a realidade escolar?</p> <p>I3.1 Questionar o entrevistado sobre existência de troca/partilha de práticas, experiências e de aprendizagens (ex. <i>rede de escolas</i>).</p>
Outra questão		Se não é esta a autonomia e a flexibilidade desejadas pela escola, quais seriam? Em que domínios?
Espaço aberto		Possibilitar que o entrevistado possa acrescentar o que entender acerca da temática (permitir que o entrevistado possa demonstrar a sua perspetiva...)

Anexo 5 – Questionário - alunos

Alunos – Escola A e B

Inquérito por questionário a Alunos

Caro(a) aluno(a),

este inquérito tem como objetivo recolher informação para a realização de um trabalho de doutoramento em ciências da educação que estou a desenvolver na Universidade Católica Portuguesa.

Pretendo compreender como a sua escola organiza a participação dos alunos, os modos de aprender e de ensinar, bem como as formas de avaliação das aprendizagens.

Perceber-se como os alunos pensam e sentem a escola é fundamental para a melhoria da educação escolar. A sua contribuição é muito importante.

A sua participação é livre, confidencial e os dados são apenas usados para efeitos académicos.

Ficaria grata se respondesse até 3 dias após ter rececionado este pedido.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo o meu contacto para esclarecimentos ou outras informações que considere necessárias - bantistacarla@gmail.com

Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista
janeiro de 2021

*Obrigatório

Caracterização

1. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

2. Idade *

3. Ano de escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

12.º ano

11º ano

10.º ano

9.º ano

8.º ano

7.º ano

4. Turma *

Dimensão Envolvimento/Participação

5. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
É-me permitido participar na discussão sobre as mudanças que acontecem na minha escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pedem-me a opinião sobre o modo como a escola funciona.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante ouvir os alunos sobre vários aspetos da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que sou ouvido com regularidade na escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Dimensão Modos de ensinar e fazer aprender

Por favor, seleccione as suas respostas, a partir da sua percepção do que ocorre na maioria das disciplinas.

7. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Algumas atividades desenvolvidas em sala de aula são propostas pelos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, eu e os meus colegas ajudamos uns aos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando tenho dificuldades, os professores dão-me tarefas diferentes para melhorar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando termino as atividades, e quero aprender mais, posso fazer atividades diferentes das dos meus colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, tenho aulas com professores de várias disciplinas, ao mesmo tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As aulas têm permitido conhecer melhor o sítio onde vivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maioria das aulas, fazemos muitos trabalhos em grupo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, as aulas acontecem fora da sala de aula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. (Cont.) Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Nas aulas, fazemos muitas atividades diferentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, há tempo para tirar dúvidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, é frequente estarmos a fazer atividades diferentes uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando há trabalhos de casa, são iguais para todos os alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, a maior parte do tempo são os professores a explicar a matéria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, usamos frequentemente tecnologias (computadores, tablets, etc.) para pesquisar/trabalhar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maioria das aulas, usamos o manual e fazemos fichas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Habitualmente, faço projetos/experiências científicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Dimensão Avaliação das Aprendizagens

Por favor, seleccione as suas respostas, a partir da sua percepção do que ocorre na maioria das disciplinas.

10. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Avalio o meu próprio trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participo na avaliação dos colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou avaliado apenas com testes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou avaliado de formas diferentes (apresentações, trabalhos de grupo, projetos, testes, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maioria das disciplinas, para a nota final apenas contam as notas dos testes escritos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Dimensão Efeitos

Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem.

12. As aulas/atividades desta escola ajudam a: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
gostar mais de estudar e aprender.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
aprender mais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
trabalhar melhor com os meus colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ter uma boa relação com os professores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
que os alunos se portem melhor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

14. Sinto que os resultados das aprendizagens dos alunos se devem: (escolher 1 opção) *

Marcar apenas uma oval.

- fundamentalmente ao esforço dos alunos.
- ao esforço dos alunos e ao esforço dos professores.
- ao esforço dos professores.
- sem opinião

15. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

16. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente à afirmação que se segue. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
A escola consegue garantir a todos os alunos o direito à aprendizagem e ao sucesso educativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Questões abertas

Responda, por favor, às questões que se seguem. Cada resposta deverá ter um máximo de 50 palavras.

18. Como vive e sente a escola?

19. Se pudesse, o que mudaria na sua escola?

Alunos – Escola AFC

Inquérito por questionário a Alunos

Caro(a) aluno(a),

este inquérito tem como objetivo recolher informação para a realização de um trabalho de doutoramento em ciências da educação que estou a desenvolver na Universidade Católica Portuguesa.

Pretendo compreender como a sua escola organiza a participação dos alunos, os modos de aprender e de ensinar, bem como as formas de avaliação das aprendizagens.

Perceber-se como os alunos pensam e sentem a escola é fundamental para a melhoria da educação escolar. A sua contribuição é muito importante.

A sua participação é livre, confidencial e os dados são apenas usados para efeitos académicos.

Ficaria grata se respondesse até 3 dias após ter rececionado este pedido.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo o meu contacto para esclarecimentos ou outras informações que considere necessárias - baptistacarla@gmail.com

Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista
janeiro de 2021

*Obrigatório

Caracterização

1. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

2. Idade *

3. Ano de escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

12.º ano

11º ano

10.º ano

9.º ano

8.º ano

7.º ano

4. Turma *

Dimensão Envolvimento/Participação

5. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Particpei na discussão sobre as mudanças que aconteceram na minha escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fui informado/a do que ia mudar na escola e porquê.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pedem-me a opinião sobre o modo como a escola funciona.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considero importante ouvir os alunos sobre vários aspetos da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que sou ouvido com regularidade na escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Dimensão Modos de ensinar e fazer aprender

Por favor, seleccione as suas respostas, a partir da sua percepção do que ocorre na maioria das disciplinas.

7. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Algumas atividades desenvolvidas em sala de aula são propostas pelos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, eu e os meus colegas ajudamos uns aos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando tenho dificuldades, os professores dão-me tarefas diferentes para melhorar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando termino as atividades, e quero aprender mais, posso fazer atividades diferentes das dos meus colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, tenho aulas com professores de várias disciplinas, ao mesmo tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As aulas têm permitido conhecer melhor o sítio onde vivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maioria das aulas, fazemos muitos trabalhos em grupo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, as aulas acontecem fora da sala de aula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. (Cont.) Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Nas aulas, fazemos muitas atividades diferentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, há tempo para tirar dúvidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, é frequente estarmos a fazer atividades diferentes uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando há trabalhos de casa, são iguais para todos os alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, a maior parte do tempo são os professores a explicar a matéria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nas aulas, usamos frequentemente tecnologias (computadores, tablets, etc.) para pesquisar/trabalhar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maioria das aulas, usamos o manual e fazemos fichas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Habitualmente, faço projetos/experiências científicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Dimensão Avaliação das Aprendizagens

Por favor, seleccione as suas respostas, a partir da sua percepção do que ocorre na maioria das disciplinas.

10. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Avalio o meu próprio trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participo na avaliação dos colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou avaliado apenas com testes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou avaliado de formas diferentes (apresentações, trabalhos de grupo, projetos, testes, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maioria das disciplinas, para a nota final apenas contam as notas dos testes escritos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Dimensão Efeitos

Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem.

12. As atividades que fazemos nesta escola ajudam a: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
gostar mais de estudar e aprender.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
aprender mais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
trabalhar melhor com os meus colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ter uma boa relação com os professores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
que os alunos se portem melhor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

14. Sinto que os resultados das aprendizagens dos alunos se devem (escolher 1 opção): *

Marcar apenas uma oval.

- fundamentalmente ao esforço dos alunos.
- ao esforço dos alunos e ao esforço dos professores.
- ao esforço dos professores.
- sem opinião

15. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

16. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente à afirmação que se segue. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
A escola consegue garantir a todos os alunos o direito à aprendizagem e ao sucesso educativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Observação/comentário (se entender, acrescente aqui o que considerar importante sobre este tema):

Questões abertas

Responda, por favor, às questões que se seguem. Cada resposta deverá ter um máximo de 50 palavras.

18. Como vive e sente a escola?

19. Se pudesse, o que mudaria na sua escola?

Anexo 6 – Questionário - professores

Professores – Escola A e B

Inquérito por questionário a Docentes

Ex.mo(a) senhor(a) professor(a),

no âmbito de uma tese de doutoramento em ciências da educação que estou a realizar na Universidade Católica Portuguesa, sob orientação do Prof. José Matias Alves, sobre a problemática da autonomia, flexibilidade e inovação curricular e organizacional, gostaria muito de poder contar com a sua colaboração.

O pensar e o sentir dos professores são fundamentais para melhorarmos os processos de ensino.

A sua participação é livre, confidencial e os dados são apenas usados para efeitos académicos.

A resposta a esta inquirição significa que aceita participar neste estudo, podendo desistir se, porventura, assim o entender.

Ficaria grata se respondesse até 3 dias após ter rececionado este pedido.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo o meu contacto para esclarecimentos ou outras informações que considere necessárias - baptistacarla@gmail.com

Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista
janeiro de 2021

*Obrigatório

Caracterização

1. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino

2. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- 60 - 66 anos
 50 - 59 anos
 40 - 49 anos
 30 - 39 anos
 22 - 29 anos

3. Grupo Disciplinar *

4. Função(ões) exercida(s) na escola *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Professor(a)
 Diretor(a) de Turma
 Coordenador(a) de Departamento
 Sub-coordenador (a) de Departamento
 Coordenador(a) de Projeto

Dimensão Envolvimento/Participação

5. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Sou auscultado aquando da adesão da escola a novos projetos/propostas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adiro com entusiasmo a novos projetos/propostas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho formação específica aquando do desenvolvimento de novos projetos/propostas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participo da tomada de decisão sobre as medidas que vão sendo adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho apoio/acompanhamento especializado no desenvolvimento de novos projetos/propostas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconheço ser necessário, para a qualidade das aprendizagens dos alunos, o desenvolvimento de novos projetos/propostas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Organizacional

6. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Concordo com as medidas organizacionais adotadas na escola(ex. calendarização, horários, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou habituado(a) a dinâmicas inovadoras nesta escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considero que existe uma cultura de escola favorável à inovação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avalio positivamente as estruturas de coordenação da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avalio positivamente o modo como os alunos são agrupados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Existem mecanismos de avaliação do impacto das dinâmicas em curso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Modos do trabalho docente

7. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Avalio positivamente o modo como o trabalho colaborativo docente é desenvolvido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço a gestão do currículo em equipa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monitorizo e discuto regularmente os efeitos das opções curriculares adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planifico em conjunto a intervenção pedagógica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reflico em conjunto sobre as práticas pedagógicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monitorizo e discuto regularmente, em equipa, os efeitos das opções pedagógicas adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avalio positivamente o processo de trabalho colaborativo docente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Currículo

8. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Faço com regularidade uma contextualização do currículo, tendo por base as características do contexto local.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvo atividades com alunos de diferentes anos de escolaridade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvo atividades com grupos de alunos de diferentes turmas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço com regularidade articulação curricular com outras áreas disciplinares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço uma gestão do currículo por ciclo de ensino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço com regularidade articulação curricular com outros ciclos de ensino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Modos de ensinar e fazer aprender

Dimensão Avaliação das aprendizagens

10. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
As estratégias de avaliação das aprendizagens adotadas na escola são adequadas às opções de gestão curricular e de metodologias de ensino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Privilegio processos de avaliação formativa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolve regularmente os alunos na sua própria avaliação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esclareço os alunos sobre os objetivos a atingir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolve os alunos na avaliação dos colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dou feedback permanente aos alunos e indicações sobre estratégias de melhoria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Privilegio metodologias de aprendizagem que envolvem a participação ativa dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Introduzo mudanças/inoações nas práticas pedagógicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho os espaços/tempos de aula com outros docentes da mesma área disciplinar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho os espaços/tempos de aula com outros docentes de outras áreas disciplinares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Privilegio metodologias de aprendizagem menos centradas na exposição das matérias.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recorro a espaços diferenciados, de acordo com as atividades a desenvolver.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolve os alunos no planeamento das atividades de ensino-aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvo atividades de ensino-aprendizagem fora do espaço físico da sala de aula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuo esclarecer os pais/EE relativamente aos fundamentos das medidas adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Avaliação das aprendizagens

10. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
As estratégias de avaliação das aprendizagens adotadas na escola são adequadas às opções de gestão curricular e de metodologias de ensino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Privilegio processos de avaliação formativa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolve regularmente os alunos na sua própria avaliação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esclareço os alunos sobre os objetivos a atingir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolve os alunos na avaliação dos colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dou feedback permanente aos alunos e indicações sobre estratégias de melhoria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Efeitos

Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem:

11. A ação educativa da escola tem tido efeitos positivos: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
no desenvolvimento pessoal e social dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
na qualidade das aprendizagens académicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
na gestão dos comportamentos dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
no desenvolvimento do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
na motivação dos professores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
nas dinâmicas de trabalho colaborativo entre professores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. A ação educativa da escola tem contribuído: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
para um maior envolvimento dos pais/EE na vida da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
para um clima de escola mais positivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
para uma cultura de escola mais participada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
para uma positiva relação professor-aluno.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Refletindo sobre a realidade da escola onde atualmente exerce funções, assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
A ação educativa da escola promove autonomia dos alunos na aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monitorizo e discuto regularmente os resultados alcançados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto ser necessário implementar na escola inovações pedagógicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deter uma maior autonomia incentiva a inovação pedagógica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As práticas organizacionais e pedagógicas da escola conseguem garantir a todos os alunos o direito à aprendizagem e ao sucesso educativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questões abertas

Cada resposta deverá ter um máximo de 50 palavras.

14. A partir da sua experiência, considera serem necessárias mudanças nos modos de organizar, gerir, liderar as escolas? Se sim, em que âmbitos específicos e porquê?

15. Na sua perspetiva, quais os maiores entraves/obstáculos à inovação curricular e organizacional nas escolas?

16. Na sua perspetiva, quais os fatores que poderiam ser promotores da mudança nos modos de organizar, gerir e dirigir as aprendizagens dos alunos?

Professores – Escola AFC

Inquérito por questionário a Docentes

Ex.mo(a) senhor(a) professor(a),

no âmbito de uma tese de doutoramento em ciências da educação que estou a realizar na Universidade Católica Portuguesa, sob orientação do Prof. José Matias Alves, sobre a problemática da autonomia, flexibilidade e inovação curricular e organizacional, gostaria muito de poder contar com a sua colaboração.

O pensar e o sentir dos professores são fundamentais para melhorarmos os processos de ensino.

A sua participação é livre, confidencial e os dados são apenas usados para efeitos académicos.

A resposta a esta inquirição significa que aceita participar neste estudo, podendo desistir se, porventura, assim o entender.

Ficaria grata se respondesse até 3 dias após ter rececionado este pedido.

Agradeço, desde já, a colaboração e disponibilizo o meu contacto para esclarecimentos ou outras informações que considere necessárias - baptistacarla@gmail.com

Carla Manuela Pimentel Fernandes Baptista
janeiro de 2021

*Obrigatório

Caracterização

1. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

2. Idade *

Marcar apenas uma oval.

60 - 66 anos

50 - 59 anos

40 - 49 anos

30 - 39 anos

22 - 29 anos

3. Grupo Disciplinar *

4. Função(ões) exercidas na escola *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Professor(a)
- Diretor(a) de Turma
- Coordenador(a) de Departamento
- Sub-coordenador de Departamento
- Coordenador(a) de equipa de professores
- Coordenador(a) de Projeto

Dimensão Envolvimento/Participação

5. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Fui auscultado aquando da adesão da escola ao projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aderi com entusiasmo ao PAFC.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tive formação específica para o desenvolvimento do projeto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participo da tomada de decisão sobre as medidas que vão sendo adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho apoio/accompanhamento especializado no desenvolvimento do projeto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconheço que este projeto é necessário para as aprendizagens dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Organizacional

6. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Concordo com as medidas organizacionais adotadas (ex. calendarização, horários, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou informado(a) sobre os fundamentos para a adoção das novas medidas organizativas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Já estava habituado(a) a dinâmicas inovadoras neste agrupamento de escolas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considero existir uma cultura de escola favorável à inovação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avalio positivamente as estruturas de coordenação criadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho regularmente momentos para reflexão/discussão dos processos em curso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avalio positivamente o modo como os alunos são agrupados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Modos do trabalho docente

7. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Avalio positivamente o modelo de equipas pedagógicas adotado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço a gestão do currículo em equipa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monitorizo e discuto regularmente os efeitos das opções curriculares adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planifico em conjunto a intervenção pedagógica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reflico em conjunto sobre as práticas pedagógicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monitorizo e discuto regularmente os efeitos das opções pedagógicas adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avalio positivamente o modo como o trabalho colaborativo docente é desenvolvido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Currículo

8. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Faço com maior regularidade uma contextualização do currículo, tendo por base as características do contexto local.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvo atividades com alunos de diferentes anos de escolaridade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvo atividades com grupos de alunos de diferentes turmas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço com maior regularidade articulação com outras áreas disciplinares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço uma gestão do currículo por ciclo de ensino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faço articulação curricular com maior regularidade com outros ciclos de ensino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Modos de ensinar e fazer aprender

9. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Privilegio metodologias de aprendizagem que envolvem a participação ativa dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Introduzo mudanças/ inovações nas práticas pedagógicas face às práticas anteriores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho os espaços/tempos de aula com outros docentes da mesma área disciplinar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho os espaços/tempos de aula com outros docentes de outras áreas disciplinares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Privilegio metodologias de aprendizagem menos centradas na exposição das matérias.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recorro a espaços diferenciados, de acordo com as atividades a desenvolver.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolve os alunos no planeamento das atividades de ensino-aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvo atividades de ensino-aprendizagem fora do espaço físico da sala de aula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuo esclarecer os pais/EE relativamente aos fundamentos das medidas adotadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Avaliação das aprendizagens

10. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
Introduzo mudanças nas estratégias de avaliação das aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Privilegio processos de avaliação formativa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolo mais regularmente os alunos na sua própria avaliação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esclareço os alunos sobre os objetivos a atingir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolo os alunos na avaliação dos colegas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dou feedback permanente aos alunos e indicações sobre estratégias de melhoria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dimensão Efeitos

Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às afirmações que se seguem.

11. As medidas adotadas têm tido efeitos positivos: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
no desenvolvimento pessoal e social dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
na qualidade das aprendizagens académicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
na gestão dos comportamentos dos alunos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
no desenvolvimento do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
na motivação dos professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
nas dinâmicas de trabalho colaborativo entre professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. As medidas adotadas têm contribuído: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Sem opinião
para um maior envolvimento dos pais/EE na vida da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
para um clima de escola mais positivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
para uma cultura de escola mais participada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
para uma positiva relação professor-aluno.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Assinale, por favor, o seu grau de concordância relativamente às seguintes afirmações: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Considero que as medidas adotadas promovem maior autonomia dos alunos na aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monitorizo e discuto regularmente os resultados alcançados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto ser necessário implementar na escola inovações pedagógicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deter maior autonomia incentiva a inovação pedagógica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As práticas organizacionais e pedagógicas da escola conseguem garantir a todos os alunos o direito à aprendizagem e ao sucesso educativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questões abertas

Cada resposta deverá ter um máximo de 50 palavras.

14. A partir da sua experiência, considera serem necessárias mudanças nos modos de organizar, gerir, liderar as escolas? Se sim, em que âmbitos específicos e porquê?

15. Na sua perspectiva, quais os maiores entraves/obstáculos à inovação curricular e organizacional nas escolas?

16. Na sua perspectiva, quais os fatores que poderiam ser promotores da mudança nos modos de organizar, gerir e dirigir as aprendizagens dos alunos?

Anexo 7 – Matrizes de análise de conteúdo

Matriz de análise de conteúdo – Entrevistas a diretores

Dimensão Posicionamento AFC

Categoria	Indicadores	Unidades de registo	Escola
Facilitadores à adesão	crença nos valores da AFC	aquele decreto de lei da inclusão foi feito com toda a bondade pedagógica, com toda a bondade social, é a minha maneira de ser e estar na docência, é tentar esbater as desigualdades.	DA
		E por isso é que nós apostamos mais nesta área, porque ao fim e ao cabo havia aqui e há aspetos que nós achamos que há aqui aspetos que são muito importantes que os alunos consigam vislumbrar algum grau de consciência de cidadania, algum grau de intervenção do ponto de vista ecológico e ambiental...	DB
		E portanto considerava que nova forma de trabalhar conseguiria ajudar a desenvolver essas capacidades? D – Sem sombra de dúvida.	DB
		em princípio traria, o princípio parece-me bem,	DA
		eu acho que os modelos teóricos que estão naquelas cabeças são modelos teóricos eficazes que pretendem a autonomia das escolas que pretendem que isto ande para a frente, em modelos diferentes que não nos ponha a trabalhar para os exames do superior, que acham mal...	DA
		filosofia grande de criar condições de equidade, e darmos as mesmas oportunidades a toda a gente e deixar mesmo esta relação	DB
		nós temos neste momento um governo que eu sei que quer com toda a bondade e com todos os estudos feitos de uma forma consistente.. Ou seja que entende que este modelo não funciona, eles sabem isso e querem dar a volta	DA
		O princípio da flexibilização, o princípio da autonomia o princípio de não sei quê está certíssimo	DA
		portanto, a escola tem ali uma oportunidade para de alguma maneira conseguir uma atenção ao tipo de trabalho que esses alunos desenvolvem enquanto que pelas suas características e dificuldades são alunos que muito facilmente os professores poderiam deixar cair, estavam mais vulneráveis... se não acompanhas deixa lá, o esforço que fazem se fosse fora deste contexto, se calhar não existia...	DB
		insucesso alunos justifica opção 2 turmas 7.ºano	apresentam essas dificuldades não só do ponto de vista do conhecimento, das competências ao nível do que são conhecimentos científicos de determinadas disciplinas, mas sobretudo ao nível da cidadania, das questões sociais.
		eles apresentam perfis de baixo rendimento escolar.	DB
		Estes miúdos são miúdos que efetivamente, primeiro, precisavam de um maior controlo por parte da escola, controlo no sentido de atenção,	DB
		oi escolher portanto o ciclo de ensino em que normalmente nós tínhamos mais insucesso, depois essas duas turmas poderiam funcionar para já.. era uma experiência,	DB
		que os alunos consigam vislumbrar algum grau de consciência de cidadania, algum grau de intervenção do ponto de vista ecológico e ambiental...	DB
Forma de adesão	discussão interna	sta é a característica que é mais uniforme relativamente aos alunos. São alunos com muitas dificuldades...	DB
	falta apoio ME na mudança	aquilo que motivou foram as várias discussões que houve nos órgãos de gestão intermédia	DB
		ão, o ministério da educação fez.. eu fui a um encontro em Lisboa, creio eu que foi.. seria Faculdade de Letras? Olhe não sei, sei que me acabei por vir embora, alias fui lá estive na sessão da manhã e aqui E o ministério da educação vai acompanhando? Tem notado isso? Acompanha ou não?	DB
		D – Não, porque achei que houve pouca partilha e foi mais propaganda ou publicidade às práticas..	DB
	limitações na autonomia	(...) em função também da língua estrangeira que são duas turmas que têm Francês,	DB
		Então e como era em trabalho de projeto e não tinha horas para tudo por causa daquelas 3 horas que ficam a mais.... Deu-se a coincidência da língua estrangeira francês era muito mais fácil formar o conselho de turma porque se fosse um professor de francês e outro de espanhol já não dava...	DB
	parcerias formação externa	no centro de formação, houve também com a Católica também, com a Universidade do Minho também...	DB
		nós ficamos a fazer formação também na nossa escola, vieram pessoas fazer formação..	DB
		nós somos escola parceira da Universidade Católica e é o nosso amigo crítico no programa, participamos nos seminários, nas formações, eu mando sempre equipas de professores para as formações, já realizaram também várias formações na nossa escola, também somos um elemento do arco-maior que é com o professor Joaquim Azevedo que é também o nosso.. aliás é o nosso amigo crítico da Universidade Católica, trabalhamos muito de perto com.. e há esse trabalho..	DB
	professores com formação específica na área	este grupo de professores foi para além de variadíssimas ações no próprio Centro de Formação situado na escola básica e secundária do Cerco do Porto muito próxima e a escola do Cerco entrou no projeto piloto... Resultado, os nossos professores foram lá, falaram com o órgão de gestão, com professores, com alunos, viram mais ou menos o sistema que no início ainda andava assim muito perdida, muitas vezes vinham com a ideia com que vim de Lisboa e mesmo transmitido abertamente por parte dos professores, professores mesmo com responsabilidades, isto é um bocadinho para se ir fazendo ... e pronto.	DB
		maioritariamente um leque substancial de professores que fez muitíssima formação sobre a flexibilidade curricular,	DB
	professores formam professores	aqueilo que estava previsto era no final deste 1º ano haver uma partilha alargada,	DB
		estão a fazê-lo com base em conhecimento, em conhecimento que receberam do ensino superior, é um conhecimento com base em estudos, feitos com base em pesquisas, com base em montes de formações e discussões que tiveram	DB
	reflexão imposta por decreto	mal aquilo saiu nós começamos logo a fazer inúmeras reuniões..	DB
	Pronto, nós em primeiro lugar.. portanto no primeiro ano não entramos não é? Depois no segundo ano.. não participamos na experiência piloto.. Depois no segundo ano então depois de termos realizado durante um ano um conjunto de reflexões nomeadamente em sede de conselho pedagógico estabelecemos portanto uma experiência.	DB	
relação positiva escola-família	Desde que nós de alguma maneira consigamos demonstrar que vai haver benefício para os alunos os pais reagem bem.	DB	
	esta atitude reivindicativa também começou a ter mudanças porque eu nunca tive pais até há cerca de 3 anos a perguntarem-me questões de conteúdos programáticos, questões de aprendizagens dos alunos, questões de processos pedagógicos implementados, questão de tipologias de trabalhos que eram mandados fazer aos alunos ou que não eram dados..	DB	
	houve um investimento dos pais também no conhecimento do saber escolar, isto quer dizer que eles assumem que isto que era importante se não mantinham esse desligamento que tinham anteriormente..	DB	
	Mas agora eu acho que os pais começam a perceber e a dar conta que ao fim ao cabo a escola pode ser um lugar que contribui fortemente para a formação útil dos seus filhos e que lhes vai permitir que eles ao fim ao cabo em linguagem muito simples acabem por singrar na vida.	DB	
	os pais acabam por aceitar porque os pais ao fim ao cabo o que querem é que a escola de alguma maneira ajude na qualificação dos seus filhos	DB	
	os pais não se envergonhassem e entrassem nas salas, comecei a ver as salas muito bem compostas que era uma coisa inusitada e agora isto é quase que rotina, portanto isto é sinal de que há aqui alguma mudança na forma como os próprios pais olham a escola.	DB	
	os pais têm uma relação de confiança relativamente à escola	DB	

		porque está a haver uma valorização da escola;	DB
		porque há muita iliteracia da parte das famílias não é	DB
		Realmente com os pais e com os alunos são (mas sobretudo os alunos) são a força motriz para eu ir todos os dias dar o meu melhor porque eles reconhecem essa.. há esse reconhecimento, e há uma confiança porque nos fazemos uma gestão aberta e discutida com...	DB
Obstáculos à adesão	condições físicas dos edifícios	atividade educativa orientada para o estabelecimento.. já nem é restabelecimento porque nem quando eu lá andava aquilo já tinha condições condignas portanto eu tenho 55 anos já vê.. Portanto para o estabelecimento de condições condignas na escola sede do agrupamento X, a partir do momento em que isso ficou já mais ou menos garantido nós então achamos	DB
		E não me sinto nada confortável.. tento propor, tento convencer com mais ou menos assertividade mas com um sentido de proposta porque isto da imposição Não resulta. Se a pessoa estiver contrariada não faz.	DB
		eu digo-lhe assim, nós daqui a um ano nós teríamos as condições reunidas para isso existir... repare nós tivemos também de priorizar as coisas, portanto eu acabei de lhe dizer que mesmo as coisas [?..], não sei se apercebeu disso, é outra inconfidência, o inspetor que lá foi ele depois confidenciou, mesmo a diretora aqui da direção do norte (da Dgeste), não sei por que é que o X não pediu um regime de exceção relativamente às condições que tem... repare, eu este ano tive de reabrir uma escola que é agora a escola sede. Eu passei o meu verão juntamente com funcionário a carregar móveis, tive de salvar o património, museu...	DB
		im, e as condições físicas eram prioritárias. De que adiantava estar ali a querer ter-me metido logo no projeto piloto sem ter havido condições para ter havido uma reflexão cuidada	DB
		Mesmo em termos de experimentação, contrariamente às equipas piloto das outras escolas até próximas do nosso – e eu não entrei, até gosto porque estávamos numa situação muito particular, não dava, tivemos até discussões sérias... O facto de termos estas condições lamentáveis estaria a exigir aos professores um esforço desmedido.	DB
		Ou seja, dadas essas condições, não houve possibilidade de pensarem no tal plano de Inovação ... D – Pois...	DB
		Salvaguei o museu da Física, da História Natural que tinha um acervo grande, um património substancial da biblioteca... nós temos fechados em caixas fortes de escolas, cheias até ao teto, aí fui eu e a bibliotecária, sozinhos, um ano a selecionar obra que era a mais de 5 mil euros, está tudo muito resguardado, não foi para lado nenhum,	DB
		Vou-lhe dizer eu tenho de ser muito solidário com eles a 100% porque eles trabalharam sempre em condições muito difíceis. Repare, eu sou de Português, na minha escola secundária aquilo é dividido por paredes de madeira se estiver um professor de matemática ouvem tudo... e o esforço que os professores fazem é hercúleo...	DB
	desconfiança na legislação	porque muitas vezes as coisas estão no papel parecem muito bonitas e depois em contexto nem sempre são tão bonitas, então nós tentámos experimentar em círculo muito restrito, nós estamos a fazer em duas turmas de 7º ano	DB
	escolas não auscultadas	houve auscultação antes para que as coisas saíssem de diversas escolas mas não foi tão homogénea nem tão alargada que contemplasse todas as escolas e por acaso havia...	DB
	falta de motivação de professores	distribuição de serviço coloquei facções diversas até porque a flexibilidade vai ter que se impor para a frente.	DB
	falta de preparação nas orientações do ME	Sem qualquer avaliação da situação que existia, sem qualquer indicação teórica de quais as mais valias que poderia eventualmente trazer, em princípio traria, o princípio parece-me bem, eu depois comecei a pensar um bocado na coisa e fiquei um bocado renitente, comecei a imaginar a flexibilização curricular	DA
	não se acreditar na proposta de AFC	as tentativas sucessivas que tem tido de dar a volta tem tido o efeito contrário, o decreto de lei da inclusão teve o efeito contrário,	DA
		até lhe digo de alguma maneira com orgulho, é que pelo menos, apesar de ser incipiente não é folclórico... não aquilo a que fui assistir a Lisboa e ouvi coisas oníricas... aquilo só no domínio da fantasia... eles podia falar e dizer que fizeram e aconteceram, mas eu gostava de ter visto, sou como São Tomé, só vendo para crer.	DB
		digamos que eu não entrei na flexibilização, por um lado por não acreditar nela, porque não acredito nela na generalidade e não me acreditava nela na minha escola, isso é que é importante não é, portanto não me acreditava que aquelas pessoas que ali estão conseguissem... fosse uma mais valia,	DA
		estão com três professores ao mesmo tempo, aquele falava de história durante meia hora o outro de geografia durante meia hora e ninguém falava ao mesmo tempo de história e geografia. Não sei se está a perceber com isso o que eu quero dizer. Eu acho que na generalidade não funcionou mesmo.	DA
		Está-se a tentar com roupagem nova continuar com o modelo velho	DA
	eu acho que ao contrário do que se possa pensar (mas eu ei de ter esta conversa com os meus governantes com quem me dou bem), eu acho que isto está a ficar pior, apesar de aparentemente parecer melhor..	DA	
	Eu isso é que acho que é aldrabar professores e crianças	DA	
	fiquei um bocado renitente, comecei a imaginar a flexibilização curricular aí pela província fora, comecei a pensar nos tuchos que isso ia dar aí a muita gente por essa província fora.. Na cidade é mais difícil porque uma pessoa apesar de tudo está mais controlada mas na província, estou a pensar naquelas aldeias do Alentejo naquelas terras de trás dos Montes, comecei a pensar isto vai dar para tudo, para tudo. Por exemplo pensei nisto: vou apostar (mas não para a minha escola) estava a imaginar se vivesse numa zona rural, vou pegar no ensino tradicional ligado à ruralidade e portanto ao meio envolvente e vou convidar quem? O meu Tio o meu Avô o meu padrinho o meu irmão e pronto não gostei.	DA	
	fui acompanhando algumas experiências de algumas escolas, algumas meritórias sem dúvida, a generalidade não. Na generalidade o que eu vi foi mais do mesmo com uma capa diferente,	DA	
	mas não se traduz em nenhuma realidade substantiva. Em termos de autonomia para a escola não se traduz em nenhuma realidade substantiva	DA	
	na prática tem o efeito contrário	DA	
publicação legislativa desadequada	ao mesmo tempo a flexibilidade curricular e no momento do ano letivo em que saíram em que não permitiu muita reflexão...	DB	
	Eu acho que ele não conseguiu, porque é que ele não conseguiu, primeiro motivo - sempre fora de horas, quando as coisas apareciam nas escolas era em julho era não sei quê, quer dizer fora de horas.. Eu recuso-me a trabalhar assim, quer dizer eu recuso-me a construir um modelo, diferente daquele modelo que eu já tinha em 15 dias, e sem discutir com os meus pares e sem discutir com a escola inteira, portanto não ia ser apropriado por ninguém, portanto..Não.	DA	
	se lembra 54 a 55 saíram concomitantemente o que deu logo um enorme trabalho às escolas,	DB	
resistências de alunos e EE	foi um pouco como o truque da ação tutorial... ninguém queria... estes pais ainda se lembravam da velha tutoria que havia ali na rua das Águas... o quê, o meu filho... foi um bico de obra. E quando começamos a desmontar o discurso e mostrar que era uma mais valia, que não seriam cabaia, que era uma experiência piloto e que seriam um marco no agrupamento ...seriam os primeiros a iniciar um projeto cujo sucesso ou fracasso iria muito depender da forma como eles assumissem. E eles acabaram por aderir... assumiram do sentido do vestir a camisola.	DB	
	Houve resistências, muitas... dos miúdos	DB	

Dimensão Gramática escolar

Categoria	Indicadores	Unidades de registo	Escola
Avaliação das aprendizagens	critérios de avaliação sem mudança	realmente nós tentamos implementar essa mudança... os critérios de avaliação já contemplaram ... agora ainda bem que falou disto agora até me lembro da avaliação externa e quando eles pegaram nos critérios de avaliação e uma das pessoas era a Ariana Cosme foi uma das pessoas e estivemos várias vezes a conversar e ela disse então ainda é disto que tu tens [relativo a professores], isto está ainda incipiente mas estão a sensibilizar-se para... mas neste momento já tenho outros assim e assim... vê-se que está em trabalho muito incipiente...	DB
	critérios gerais de avaliação sem pesos	Nos critérios gerais eu insisti (está na net) e muita coisa no domínio da cidadania está lá, está lá mesmo agora eu não tenho pesos porque eu não sei medir, e a outra grande discussão é que nós não temos pesos sei lá para aí há 15 anos lá na escola, para aí e fui eu que acabei com eles	DA
	diferentes técnicas de recolha	critérios de avaliação e depois eles passam pelos testes que têm uma determinada valoração, os trabalhos, a atitudes têm outra, a questão dos comportamentos outra... do primeiro para o segundo período assumiram que iam mudar... agora não sei... de que forma é que foi, houve uma melhoria.. eles no primeiro período insistiram muito, valorizaram muito a questão dos comportamentos e das atitudes que era a questão das dificuldades dos alunos e da forma como eles encaravam as suas próprias dificuldades... como é que eles as iriam vencer, superar... e isso era uma tarefa muito importante para os professores...	DB
	dissonância entre Diretor e CP/professores	os critérios específicos que a meu ver são muito mal feitos, muito mal feitos eu acho que quilo não são critérios mas pronto eu não vou discutir isso mais já discuti muitas vezes mas o próprio pedagógico acha que sim mas para mim não são	DA
	formativa	ao fim de muita luta, o que se começou a concretizar mais é a avaliação formativa...	DB
		formativa, o que os miúdos conseguem e o que não conseguem... têm momentos de pausa para isso, aproveitando muitas vezes a questão da própria construção do trabalho quando já	DB
		Para ouvir os outros professores e depois ajuda a tentar chegar individualmente aos miúdos para eles saberem onde estão onde podem melhorar onde têm de insistir mais e isso também resultou em alguma uniformização das notas ... sim...	DB
		Têm grelhas de observação, com os detalhes, fazem com folhas excel	DB
	obitatoriedade de instrumentos escritos	(...) o nosso regulamento interno obriga a dois instrumentos escritos por período, não diz que são testes, pode ser trabalho pode ser... mas tem que ser em sala de aula certo? Pronto. Dois instrumentos escritos, pode ser um trabalho de investigação mas tem de ser em sala pronto e depois usam, aí depende dos professores mas há professores que usam uma panóplia de instrumentos há quem saiba usar muito bem os portfólios	DA
	testes continuam	.Os testes que são feitos são por domínios ou são aqueles testes mais tradicionais? D – [hesita] No caso do Português ah... ah... bem, eu acho que no geral são mais tradicionais... ainda foi muito incipiente... é, foi... Mas continuam a fazer os testes? D – Sim, fazem na mesma porque há que... e eu vou-lhe dizer isto é muito simples, há que manter ... e eu vou-lhe dizer isto é muito simples...neste momento o mais importante... neste momento.. não um momento nenhum é uma tristeza o que estamos a viver, mas aquilo que seria expectável é que nós fôssemos criando algum de maturidade em que em certa altura os testes comessem a ter um valor muito mais relativo e muito mais esbatido... mas, para isso é preciso haver trabalho sobre os alunos e os encarregados de educação... ainda há muitos pais e encarregados de educação que continuam a dizer que 50 mais 50 é igual a 3.	DB
		pronto, no 7º ano, aqui, não dava ainda para anular os testes...	DB
	valorização da sumativa	Claramente quem sabe valorizar a ação formativa porque quem não sabe valorizar a ação formativa não sei como é que vai avaliar no final deste período (ensino remoto de final ao letivo 19/20 - não se fazendo testes) Não tenho dúvida que dizem que valorizam a formativa, mas que de facto valorizam a sumativa. Nenhuma dúvida, e agora é que eu estou a ver isto (referência ao tempo do Ensino Remoto/pandemia), agora vê se muito bem.. Claramente..	DA
modos de ensinar e fazer aprender	+ personalização	intervenção pessoal em contexto de aula	DB
		os professores conhecem muito mais nas respetivas turmas a especificidade de cada um dos alunos não ao nível do que são as suas competências e ao nível dos conhecimentos mas também ao nível do que a sua maneira de ser, de estar, a forma das suas relações com os pares e a própria relação com a instituição.	DB
	aluno centro	a flexibilidade foi mais um momento que reforçou esta centralidade do aluno.	DB
		centralização do papel dos alunos, com divulgação em pequeno e grande grupo do trabalho que desenvolveram...	DB
	apoio	As estratégias estão mais centradas no professor na sala de aula, disso não temos dúvidas, eu tento que o apoio seja a última, porque não acredito que seja por ter mais ensino que ele aprenda melhor. Não acredito.. depois temos apoio tradicionais que não.. quando não é mais do mesmo, é bom, quando é mais do mesmo, não é. Eu agora os apoios, sim, já pedi para serem por níveis, por níveis de dificuldade, quer dizer não ter no mesmo apoio miúdos em estados muito diferentes porque isso não dá, têm de ser poucos, menos de 5, e o professor naquele pouco tempo que tem com eles tem que conseguir chegar a todos e não consegue chegar a todos se as dificuldades forem completamente diferentes.. pronto apostamos sobretudo na matemática e no português e não deixo que haja apoio a história geografia ciências isso não deixo, não deixo mesmo,	DA
		não é dar mais do mesmo e às vezes até brinco com isso ... no caso dos professores de matemática, às vezes até brinco com eles, o aluno é mau a matemática e como é que eles resolvem o problema? Com mais horas de matemática... ora não vai por aí, porque ele vai odiar a matemática.	DB
		O que nós fazemos é criar grupos de apoio mais individualizado ...	DB
		papel fundamental o diretor de turma que é o mesmo e que conhece a realidade e pode até juntar alunos em situações similares. Depois ... E – Juntar como? D – Juntá-los em aulas de apoio ...	DB
		programa ciber escolas e recorremos a uma professora do 1º ciclo para aumentar a proficiência em língua portuguesa	DB
	aulas menos expositivas	Muito menos expositivas...	DB
	diferentes ambientes de aprendizagem	O professor, primeiro, socorre-se muito mais de materiais, começou a utilizar muito mais o vídeo projetor, muitas vezes pedem-nos as salas (aquilo que acontece na Ramalho Ortigão) com quadros interativos. Mudaram aqui algumas rotinas. Da mesma maneira que levam os alunos para a Biblioteca. Já não é a primeira, nem a segunda vez... Não eram hábitos comuns... Mudou, mudou... quinta feira de manhã é para o trabalho de projeto... E eles aí vão pegando nos elementos da turma que podem... vai... saem 30 minutos para ir ter com o professor para o ajudar ou tem um problema qualquer com a informática....podem sair para formatar texto... pesquisa de site...ou ter alguma orientação, aí os miúdos podem sair... o resto do trabalho	DB
	ensino expositivo	aquela matéria que está naqueles três livros os meninos sabem todos e o professor é impecável a transmitir aqueles conteúdos, são de facto bons professores nesse nível, a nível de transmissor são bons professores, Mas são de facto uma minoria não é, eu diria que há um em cada 20 ou 30... E – Tradicionalmente continuam a ser mais expositivas, mais tradicionais..	DA

	Quer dizer não têm de estar ali a ouvir um professor.. Aquela seca que não se pode não é? Outros a lerem powerpoints, outra seca que não se pode, e acham que fizeram um grande avanço porque já têm powerpoints. Pronto.. Agora já todos temos projetores, agora é os projetores com aquilo.. Não há paciência, não muda nada.. O facto de ter lá um projetor, onde o professor projeta, dantes era powerpoint agora já não é, é uma coisa qualquer que fazem em casa para projetar para os miúdos e depois ler.. O que é que mudou? Rigorosamente nada	DA	
mais equidade	porque a crença na possibilidade, o esbatimento de estigmas do burrinho, da turma dos mais fracos ... Sabe que ainda há professores, cada vez menos, que têm essas ideias... mas isso foi-se esbatendo dado o trabalho que se ia desenvolvendo	DB	
medidas específicas individuais	o conselho de turma implementou medidas específicas individuais ... é uma das oportunidades da flexibilidade curricular nomeadamente mesmo na gestão da própria disciplina e na organização haver uma flexibilidade de modo a que o aluno só tem de estar presente na escola e o professor, por exemplo, repare, se estiver a dar matemática ou se estiver a dar história, e se o aluno em história não tem problema ou o contrário, aliás a questão do sucesso não foi o sucesso esperado mas foi acima de 50%...	DB	
mérito escolar	reconhecemos o mérito escolar... fazemos o que está na lei, mas o dia do diploma é, sem sombra de dúvida, um dia muito importante, solene da escola, em que os meninos vão todos muito compostos e num agrupamento em que se pensava que as famílias se demitiam muito da escola, o dia da entrega do diploma é muito importante, e há aquele reconhecimento do quadro de honra, do quadro de excelência.	DB	
mudança de hábitos/rotinas	Mudaram aqui algumas rotinas. Da mesma maneira que levam os alunos para a Biblioteca. Já não é a primeira, nem a segunda vez... Não eram hábitos comuns... Mudou, mudou	DB	
não altera muito	não só as suas práticas, como os próprios ritmos, que é uma coisa muito mais importante....	DB	
	não um modelo tão flexível como nós gostaríamos que fosse...	DB	
participação em projetos	aproveitamos esta janela de oportunidade que são os projetos da Câmara Municipal do Porto. Participamos em projetos que nos são lançados pela Câmara Municipal, Porto de Futuro, Porto de Criança, ... os alunos participam ativamente e ganham muitas vezes prémios, havendo também um reconhecimento do mérito por parte da Câmara Municipal	DB	
	história de Comenius muito grande, seremos das escolas do Porto das que mais participa, ainda agora, mandamos projetos para diversos parceiros europeus que conhecem as condições que as escolas têm... o ano passado lançamos o Erasmus para o 1º ciclo, levamos miúdos à Roménia, a Espanha, a Itália e nunca na vida interessa-nos muito, face às características dos nossos alunos, a questão da formação integral... passa por apostar fortemente nas questões de cidadania e eu acho, como lhe digo, vamos tendo algum sucesso.	DB	
	Levamos os alunos a participar em tudo aquilo que são (projetos)	DB	
	tentamos fazer com que o professor do 2º ciclo de educação musical vá já às escolas do 1º ciclo e está a promover uma sensibilidade para a música, a biblioteca tem um manancial de propostas e de trabalho, fazemos sessões de leitura participadas pelo diretor, pelos professores, por funcionários, por pais dos alunos, por alunos... comemoramos este ano diversas efemérides, o dia internacional das línguas, por exemplo, ...	DB	
sinergias de todas as equipas	criar sinergias e sobretudo dentro de um contexto cultural paupérrimo valorizar o contributo de todas as equipas, sejam professores, assistentes operacionais, ou mesmo de famílias e da associação de pais que é fenomenal	DB	
trabalho de projeto	pegaram-se em conteúdos, verificaram-se conteúdos que poderiam ter abordagens e contributos das diferentes disciplinas, certo que eram próximos por afinidade	DB	
	professor de suporte um professor da área da informática que vai portanto pode estar com os alunos todos a fazer trabalho de apoio para a realização de trabalho de projeto,	DB	
	Variadíssimas situações. Passam por tudo. Situações em U..., trabalho de pares, e muitas situações de trabalho em grupo. E – Mudam as cadeiras conforme.. D – Mudam ... depende, na parte mais relacionada com o trabalho de projeto têm de partilhar o material, aí está mais gente, e depois há aulas em que eles podem circular.	DB	
tutorias dirigidas	há essa equipe que ajuda e que conhece muito bem a escola que são só três pessoas que gerem isso tudo pronto e depois sempre comigo e funciona muito melhor do que o apoio,	DA	
	pronto é no fundo o que a criança precisar não é?	DA	
	são as tutorias dirigidas, ou seja por exemplo aquela criança é ótima aluna a tudo, a matemática é o desatino. Porquê ele não acredita que consegue aprender matemática, tem negativa há 3 anos e ele não acredita, e eu começo a pensar apoio de matemática nem pensar! Para o que é que serve? Para nada! Na aula de matemática porta-se mal.. pois está farto daquilo não percebe nada. Então eu penso olha para conseguir subir a estima àquele gajo aquela mulher ali era fantástica e então é à la carte, é aquela professora para aquela criança, as tutorias ali são muito bem..	DA	
	são sempre individuais, às vezes mando-os dar uma volta "saíam da escola", são sempre individuais e à la carte, eu escolho o professor que quero para aquela criança.	DA	
modos de trabalho docente	criação de equipa educativa (AFC)	as pessoas trabalham em uníssono relativamente a tentar agarrar os alunos	DB
		coesão nas práticas portanto o conselho de turma é o mesmo das duas turmas portanto em todas as disciplinas..	DB
		equipa reúne semanalmente duas horas	DB
		um grupo de WhatsApp de discussão em que eles vão articulando... e foi por livre iniciativa...	DB
	desilusão com trabalho colaborativo	eu no contexto presencial tinha lançado às quartas feiras uma hora de trabalho colaborativo, portanto todos os docentes de todos os grupos durante essa hora não tinham qualquer tipo de atividade, nem letiva nem não letiva que era para se destinar a trabalho colaborativo e eram horas da componente não letiva que dediquei a isso mas nem sempre os resultados eram aqueles que nós esperávamos..	DB
	eficaz criação de equipa educativa (AFC)	em segundo lugar, impacto na vida dos professores houve esta rotina dos encontros, os professores extrapolaram o que está previsto nas horas de trabalho colaborativo	DB
		equipa educativa, é a mesma, a equipa educativa é portanto.. os professores de todas as disciplinas são os mesmos, e depois fazem encontros sistemáticos semanais onde vão fazendo balanços.. pronto..	DB
		resulta de concertação entre os professores e que há trabalho colaborativo entre os professores	DB
	equipas pedagógicas	"Preciso de uma reunião!" eu a primeira coisa que pergunto é "ouve lá não consegues discutir isso em RAP e se calhar ouvir outros professores de outra turma não vai ajudar?" e normalmente eles dizem-me que a RAP funciona.	DA
		a articulação vertical e horizontal, o	DA
		o seguinte por essa articulação horizontal e os professores aí também têm um tempo precioso para conversar como ultrapassar problemas definir estratégias	DA
		português do quinto ano reúnem, todos os professores de inglês do quinto ano reúnem, todos os professores de francês reúnem..	DA
		Que todos os professores que têm ensino básico tem no seu horário uma vez por semana aquilo a que nós chamamos de RAP, reuniões das equipas pedagógicas. Por exemplo, todos os professores que têm o 5º A, B, C, reúnem uma vez por semana está no horário. Uma semana reúnem para ver coisas da turma para o plano de atividades para fazerem cidadania..	DA
		vamos articular os apoios, como damos, a quem damos, qual é a estratégia como é que pomos um a reunir com outro, também tenho uma equipe que só tem isso no horário, e isso é importante porque eles não se têm de estar a dispersar por milhares de coisas.	DA

	organização/segurança	a escola é muito organizada, eu acho que isso dá segurança tanto aos professores, a história destas reuniões já está tudo no horário direitinho não há que enganar, agora vou estar com aquela colega que ensina comigo físico-química, depois vou estar com os meus colegas do 8ºC.. quer dizer, está organizada e isto apesar de tudo dá segurança às pessoas.	DA
	partilha de experiências entre professores	esta é uma das boas razões das equipas, são as propostas não é? É o professor do 8º ano que tem aquela criança que não sabe como dar a volta, no 8ºB há um professor que tem um miúdo semelhante e conseguiu dar a volta e explica como conseguiu, estas trocas de experiências são importantes mesmo para ultrapassar isto,	DA
	professores cooperam se obrigados	Isto parecendo que não obriga ao trabalho cooperativo que é uma coisa que percebi muito rapidamente que os professores só fazem se forem obrigados, e assim fazem com prazer, ou seja eles assim primeiro fazem dentro do seu horário.	DA
organização do trabalho dos alunos	continuidade pedagógica	continuidade pedagógica,	DB
		Porque é uma questão de muitas vezes, com esta lógica de agrupamento, há muitos alunos que vêm já juntos do 1º ciclo ... se tentarmos separar gente é um bico de obra. Porque fulano vem de boleia com o pai do outro, porque o outro...	DB
	grupo-turma fixo ao longo do ano	Deixe ver se eu percebo... agrupam os alunos no início do ano, mantêm essa forma até ao final do ano, certo?	DB
		D – Sim, só em situações muito pontuais em que por intervenção direta das famílias ou por intervenção dos professores ou por... mas situações pontuais...	DA
		É assim, os miúdos seguem, só mudam quando? Do quarto para o quinto, depois do sexto para o sétimo porque têm que escolher a língua não é? E têm que escolher a oferta de escola e depois do nono para o décimo porque têm que fazer os cursos.. Se não seguem, portanto oitavo é o sétimo é a continuação, Mantêm sempre os mesmos grupos?	DA
	quebra do grupo-turma	(situações muito pontuais) que este aluno poderá trabalhar colaborativamente com aquele da outra turma	DB
reduzida alteração trabalho alunos (AFC)	Os alunos têm o horário normal nas turmas com exceção das quintas-feiras em que têm este espaço como espaço comum das duas turmas.	DB	
Planeamento da ação educativa	AFC não alterou docs de planeamento	implicou alterações nos documentos estruturantes da ação educativa no projeto educativo, na missão? Vocês mudaram os documentos? Não?	DB
		D – Não, não mudámos porque a filosofia do nosso projeto educativo é inerente, nós estávamos a meio da mudança... a filosofia está em articulação com o próprio projeto TEIP, houve reestruturação do plano de melhoria TEIP sim, de forma a poder haver esta articulação e correlação com aquilo que estamos a fazer repare o projeto educativo sofreu uma lavagem em função daquilo que já eram as nossas percepções da educação, ao fim ao cabo, digamos que se antigamente eram mais de cariz reivindicativo aquilo que era um projeto reivindicativo e com sentido prospectivo neste momento tornar-se-à mais realista a sua consecução porque a lei nos dá essas possibilidades.	DB
	Conselho Pedagógico constrói docs de planeamento	base é o conselho pedagógico, sempre ouvindo antes os professores não é, é o conselho pedagógico com sugestões que são sempre pouquíssimas do resto dos professores, que normalmente dão poucas. Mas é ali uma equipe pequena que manda isto para a frente não é..	DA
	documentos orientadores em demasia matriz tradicional	Eu pessoalmente acho que temos demais e podíamos ter menos	DA
		É quase impossível com os tempos que nos são dados superiormente definir uma matriz decente. Porquê? Eu acho que os miúdos têm muitas aulas, mas tem muitas aulas divididas em muitas disciplinas, como é que lhe hei de explicar?	DA
		Mas agora mudar de disciplinas, aquilo que algumas escolas fazem não, a matriz curricular do início do ano é igual à do fim do ano.	DA
	matriz curricular tradicional não é	DA	

Dimensão Efeitos da ação educativa

Categoria	Indicadores	Unidades de registo	Escola
colaboração docente	falta de sintonia na equipa educativa	A questão da gestão dos comportamentos por exemplo, porque num processo em que há flexibilidade.. por exemplo naquela que lhe falei (sic) neste espaço das 3 horas da quinta feira ele mesmo tem implícito uma coisa muito simples, a movimentação dos próprios alunos, o permitir que eles saiam e vão ter o apoio, ou estejam em conjunto até os alunos das duas turmas, ou um grupo de alunos das duas turmas com o professor que lhes dá apoio para a realização de um trabalho de projeto. Mesmo aí por parte dos professores mais tradicionais isto do menino sair da sala de aula sem autorização o que é que vai fazer? Vai lá divertir... Ainda por cima a professora que está é da informática portanto há aquele preconceito já de que bom vai lá para brincar com os computadores..	DB
Motivação alunos	alunos mais motivados	a escola deixou de ser aquele local de encontro de amigos e já viram alguma utilidade nas aulas..	DB
		e os alunos tiveram a oportunidade de ter um modelo diferente,	DB
		há aqui alguma coisa de novo na forma como estão a ser dados e isso creio que os tem entusiasmado de alguma maneira	DB
		mas eles começaram a ver a escola com utilidade e sobretudo a ter gosto por aprender e começaram a perceber – e isto é muito giro, fui falando com alguns deles – que há muitas maneiras de aprender, um professor pode desempenhar diversos papéis,	DB
		os alunos têm consciência de que estão num processo de prestígio	DB
		possibilidade de serem surpreendidos seja pela didática e pelos instrumentos que o professor utiliza seja pela forma como abordagens	DB
	alunos percecionam trabalho dos docentes	ah, em primeiro lugar acho que houve aqui algum impacto junto dos alunos no sentido deles perceberem alguma coisa relativamente ao que lhes era totalmente desconhecido que era o trabalho dos professores...	DB
qualidade das aprendizagens	abaixo do esperado	aliás a questão do sucesso não foi o sucesso esperado mas foi acima de 50%...	DB
		alunos face a um modelo um bocadinho diferente, até em função da faixa etária, nem sempre correspondem às expectativas que os professores têm e às apostas que os professores fazem	DB
		e que por acaso não tem dado os frutos que nós estávamos à espera..	DB
relação professor-aluno	proximidade professores - alunos	a proximidade do professor em relação aos alunos mudou	DB
		Mesmo esses que costumam ser mais distanciados, mesmo esses começaram a encetar um caminho de aproximação. E tenho pena que agora mude tudo outra vez por causa da crise económica...	DB
visão geral	experiência positiva	e acho que foi uma pena termos interrompido o processo porque estava a ser um benefício para os alunos.	DB
		Não lhe posso quantificar o benefício... houve mudança para melhor.	DB
	poucos dados sobre a experiência	para a minha escola foi importante, agora a experiência da minha escola ainda é muito incipiente...	DB

Dimensão **Melhoria contínua da organização**

Categoria	Indicadores	Unidades de registo	Escola
Formação de professores	formação a partir da observação de projetos implementados	e a escola Y entrou no projeto piloto... Resultado, os nossos professores foram lá, falaram com o órgão de gestão, com professores, com alunos, viram mais ou menos o sistema que no início ainda andava assim muito perdida, muitas vezes vinham com a ideia com que vim de Lisboa e mesmo transmitido abertamente por parte dos professores, professores mesmo com responsabilidades, isto é um bocadinho para se ir fazendo ... e pronto.	DB
	formação ao serviço da mudança	tenho maioritariamente um leque substancial de professores que fez muitíssima formação sobre a flexibilidade curricular, muitíssima.. e portanto têm ali um trabalho de partir pedra e de.. apesar de serem os mais novos.. mais novos que já têm uma larga experiência de ensino,	DB
	formação com qualidade	E toda a gente tem uma capacidade de comunicação que é fundamental não é? Não é só o saber é a capacidade de comunicar, eu assisti a coisas fantásticas, fantásticas ali, foi tudo muito bom.	DA
		Há formação muito boa	DA
	formação como melhoria	nós somos escola parceira da Universidade Católica e é o nosso amigo crítico no programa, participamos nos seminários, nas formações, eu mando sempre equipas de professores para as formações, já realizaram também várias formações na nossa escola, também somos um elemento do arco-maior que é com o professor X que é também o nosso.. aliás é o nosso amigo crítico da Universidade Católica, trabalhamos muito de perto com.. e há esse trabalho..	DB
		plano de formação também é feito com base naquele relatório da comissão de auto-avaliação, se ela reconhece que naquele ano por exemplo que os diretores de turma não têm perfil de líder.. eu não consigo conceber um diretor de turma que não tenha perfil de líder, ele tem que liderar os colegas os alunos os pais.. está no nosso plano de formação, diretora de turma liderança.. não interessa, bom.. mas também é feito por duas formas: os próprios departamentos fazem propostas como em todas as escolas "eu preciso disto, eu preciso disto, eu preciso disto.." e nós pedagógico quase que impomos outras não é? Decidimos outras..	DA
	formação sem qualidade	E se calhar é muito melhor, é uma hora, mas em muitos casos se calhar muito melhor do que 20 horas de formação.	DA
	professores internamente dão formação	E – Por aquilo que eu percebi aqueles que tinham mais formação iriam sensibilizar os outros? A ideia era essa? D – Claro, claro, e têm essa capacidade, porque estão a fazê-lo com base em conhecimento, em conhecimento que receberam do ensino superior, é um conhecimento com base em estudos, feitos com base em pesquisas, com base em montes de formações e discussões que tiveram, aliás nós ficamos a fazer formação também na nossa escola, vieram pessoas fazer formação...	DB
		Foram criadas equipas depois de replicação de formação que tiveram	DB
professores internamente não querem dar formação	Sim até porque nós podemos começar a fazer a formação por dentro, eu tenho gente naquela escola completamente capaz de fazer boa formação nalgumas áreas não tenho dúvida nenhuma, mas não querem, não querem..	DA	
sem impacto na melhoria	considera que a formação realmente melhora a organização? Tem um papel fundamental? D – Depende, eu acho que na generalidade, não, mas a culpa não é dos professores aí.. eu acho que... pois...	DA	
monitorização da qualidade educativa	ausência de acompanhamento do ME	E – Portanto nesta mudança ou nesta inovação na flexibilidade com estas turmas do sétimo ano não teve apoio do ministério da educação. E o ministério da educação vai acompanhando? Tem notado isso? Acompanha ou não? D – Não, repare o nosso segundo período foi sui generis em muitas coisas.	DB
	Diretor ouve pessoas	Eu acho que é fundamental. Um bom diretor (eu não me considero uma boa diretora, agora estou velha) mas um diretor precisa a meu ver de uma coisa, respeitar muito o trabalho dos professores, se não não consegue ser bom diretor, não consegue. Saber gerir conflitos e saber ouvir as pessoas, saber ouvi-las e depois saber dar o feedback não é? Eu acho que isso é fundamental, acho que é muito mais importante que todo o resto.	DA
	lacunas na equipa de autoavaliação	A equipa de autoavaliação da escola, exatamente pelo impacto que o adiamento das obras na escola B teve, acabaram sempre por concorrer, quando havia concurso as pessoas saíam, nós púnhamos a informação, eu mandava os professores (...) fazer cursos de um ano desde a avaliação em rede da Universidade do Minho até projetos que participaram da Universidade Católica também sobre modelos, sobre formas de fazer autoavaliação. Concorreram para outras escolas, de forma que, portanto, nós andámos tipo a Penélope continuamente a fazer e a desfazer as coisas, de forma que neste momento não temos um processo tão...	DB
	Processos de avaliação continuada interna	Elas pegam nos resultados sempre e depois para além disso pegamos.. elas pegam em temas.. em temas não.. sei lá.. o funcionamento dos departamentos por exemplo, e depois com inquéritos com entrevistas com não sei quantos fazem o seu trabalho no fim produzem um relatório onde o papel do diretor de turma, a forma como o diretor de turma está a interagir com os alunos, com os pais, se é líder se não é líder se consegue dirigir os professores por exemplo.. Vários domínios, sendo que não podem ser sempre todos porque não é possível e depois produzem um relatório no fim do ano que vai a conselho geral e que vai a conselho pedagógico que contém os pontos fracos os fortes também claro, no fim em síntese e que contém propostas de melhoria, e é a partir desse relatório que a nossa escola faz o seu projeto de melhoria.	DA
		Mas damos ordens mesmo, fica no papel, damos ordens. Por exemplo diretor de turma, verificou-se que tinha estas falhas, estas falhas, estas falhas (sic) para que isso não aconteça tem que funcionar assim, assim, assim, assim (sic) quando as coisas são assim a preto e branco não é, mas há outras alturas que são mais complicadas e exigem muitas conversas e isso é muito importante.	DA
	Na nossa escola não, não não. (sic) Lá na escola aquilo depois.. a regra é esta, vai ao conselho geral e vai ao pedagógico, no pedagógico nós fazemos o levantamento das questões essenciais e depois damos ordens.	DA	
Partilha de experiências/aprendizagens	"mostra" de projetos sem impacto	Agora até o tecido social dos alunos ..eram de um colégio da zona de Lisboa é de gente com algum poder económico e miúdos que já trazem de casa um saber que não é a escola que lhe deu. E eles realmente falaram muito bem, mas depois, até foi mais aqui da parte do Porto ... sabiam das dificuldades que estavam a ter (?) falaram de uma receita e eu disse que é isto? Disse para a minha colega vamos embora... Vamos aproveitar o dia [dado o desinteresse da sessão de Lisboa]. Aquela parte da partilha onde mais queria beber...	DB
	importância das redes de escolas	E é uma experiência interessante por ser doutro país, e eles vinham cá agora, vinham cá com turmas e entretanto com a pandemia já não vieram.	DA
		Mas os vossos professores vão lá depois? Há uma troca? D – Pois não, falta essa parte, falta o Rui Moreira deixar pagar os nossos professores não é? Já não pode pedir o apoio da Junta de freguesia de Ramalde coitado. Mas ali é a Junta da Galiza mesmo que paga.	DA
		Nós temos é uma coisa que é bem interessante (da Junta de Galícia ?) que é, eu queria fazer o contrário mas agora só eles é que ganham o que eu digo. Tenho todos os anos tenho Galegos assim sei lá para aí 15 Galegos das diferentes áreas disciplinares, todos professores que vêm para a nossa escola durante um período, ver aulas, dar aulas, assistir a aulas, eles gostam muito de vir para a nossa escola porque dantes iam para as aulas e estavam a assistir a aulas.. Eu disse vocês estão proibidos de vir para aqui assistir a aulas! Querem dão o corpo ao manifesto ou não dá! Pronto, fantástico esse trabalho foi fantástico nós temos aprendido imenso com eles e eles conosco. O conhecimento dos problemas e das soluções que as escolas vão encontrando é importante.	DA
			DB
	inexistência de redes de escolas	Essa rede de partilha existe agora? D – Não, e devíamos ter. A criação de trabalho em rede é um dos alicerces mais importantes que vão fazer com que o prediozinho no fim não caia por maior que seja o terramoto, vai estar ali seguro e vai aguentar com a maior das tormentas.	DB
	como agrupamento há alguma rede de escolas numa lógica de partilha de experiências, partilha de aprendizagens de.... D – Não não. Nós temo	DA	

Dimensão Inovação curricular e organizacional nas escolas

Categoria	Indicadores	Unidades de registo	Escola	
Alavancas da mudança	bottom-up insucesso académico dos alunos	Que tenha que ser de baixo para cima não tenho dúvidas, de cima para baixo...	DA	
		(...) foi escolher portanto o ciclo de ensino em que normalmente nós tínhamos mais insucesso, depois essas duas turmas poderiam funcionar para já... era uma experiência	DB	
		Apresentam essas dificuldades não só do ponto de vista do conhecimento, das competências ao nível do que são conhecimentos científicos de determinadas disciplinas, mas sobretudo ao nível da cidadania, das questões sociais	DB	
		Eles apresentam perfis de baixo rendimento escolar	DB	
		Esta é a característica que é mais uniforme relativamente aos alunos. São alunos com muitas dificuldades...	DB	
		que os alunos consigam vislumbrar algum grau de consciência de cidadania, algum grau de intervenção do ponto de vista ecológico e ambiental...	DB	
	necessidade urgente da mudança	Agora começo a ter feedback porque as pessoas vão prestando contas de que há efetivamente um contacto muito maior,	DB	
		Aprende-se muito, aprenderam-se as fragilidades, acho que cada escola se quiser olhar mesmo para dentro percebe bem que estas situações onde estão as suas maiores fragilidades. Isso para melhorar é fundamental não é?	DA	
		E isto é bom.. quer dizer isto é horrível, eu às vezes sou mesmo pérfida mas sou porque penso caramba isto para o ano.. eu daqui consigo tirar muitas coisas para discutir para o ano.. Eu ter uma comissão agora vai ser ótimo vou ter os professores todos a terem que perceber.. sou mesmo má porque eu às vezes acho que é preciso assim um abanão para as pessoas perceberem que isto não é preto no branco não é?!	DA	
		Ele arrisca-se .. não tem carta de condução, vem em transporte público, vem de máscara e vem fazer isso por amor aos alunos.	DB	
		neste momento realmente por uma questão de necessidade as vontades tiveram de se unir e também se fomentou o trabalho colaborativo e o contacto.. um trabalho colaborativo fomentou-se também o planeamento das atividades.. Apesar da barreira que existe de ter que se ser realizada à distância mas há um contacto muito mais; (por incrível que pareça) muito mais regular	DB	
		Somos muitos voluntariosos e quando acreditamos nas coisas o professor é capaz de fazer coisas... tem-se visto isso neste contexto de pandemia.	DB	
		top-down	criou-se aqui uma enorme janela de oportunidade que nos está a deixar de alguma maneira também com alguma boa expectativa que é o facto de se ter lançado sementes para que se possam implementar novos modelos disponibilidade por parte da tutela de criar mecanismos legais que permitem esta execução e esta mudança de filosofia na forma de olhar os processos.	DB
	é verdade é que se abriu aqui uma janela de oportunidade porque se eu tivesse lançado assim um repto aos professores sem ser no contexto de uma sociedade premente eu iria ter muitas resistências e iria ter diversos ritmos,	DB		
	o facto de se ter lançado sementes para que se possam implementar novos modelos em relação de complementaridade	DB		
	o que é verdade é que se abriu aqui uma janela de oportunidade porque se eu tivesse lançado assim um repto aos professores sem ser no contexto de uma sociedade premente eu iria ter muitas resistências e iria ter diversos ritmos, aliás até previsivelmente já iria saber quem eram as pessoas que iriam aderir, que iriam desenvolver e apostar e cooptar alunos para o trabalho e já sabia onde é que iria haver resistências,	DB		
	voz dos alunos	Pronto o que é que eu sinto, as melhores respostas são dos miúdos as melhores sugestões são dos miúdos. Sem dúvida, mas sem dúvida. As piores são dos professores, e dos pais há de tudo,	DA	
	Entraves à mudança	afastamento entre a escola e as estruturas centrais do Ministério da Educação	Agora não vou fazer sabendo que a administração sabe que isto existe, que foi pedida autorização (coisa que eu nunca fazia) foi pedida autorização várias vezes que essa nunca foi dada (sic) depois não respondem.. Por acaso responderam a dizer não é permitido devido ao artigo não sei quantos não sei quê.. Por isso eu vou responder para lá e disse (sic) obrigado, também sei ler.	DA
			As coisas produzidas pelo Ministério são coisas muito longínquas, mesmo para nós, as que nos são dirigidas não são explicadas, se nós temos dúvidas, ligamos para Lisboa e eu passo uma manhã inteira a ouvir uma gravação a dizer que não foi possível atender.. Às duas da tarde estou a pedir ao funcionário para ligar logo às duas que é a hora em que a senhora entra na 24 de Julho para trabalhar... Também lhe posso confidenciar que a 24 de Julho às 4 e meia da tarde fica vazia e isso faz-me uma confusão...	DB
E a resposta oficial que tivemos "ahh vocês tentem resolver, nem quero saber.." porque claro se for através da lei o que é que acontece? A lei obriga a que as pessoas venham para a escola.			DB	
e depois ainda temos uma enorme burocratização, como lhe disse, passa pelos corredores da 24 de julho e da 5 de outubro em que estão lá os mesmos senhores seja qual for o governo e por mais que vá lá gente... não tem a ver com cores políticas... se houver gente mais conservadora ou se quiser ser mais inovadora... não vai conseguir porque aquela máquina, aquela engrenagem está cheia de areia.			DB	
e muitas vezes era fácil conquistar os professores motivando-os para a acção se realmente as pessoas depois sentissem que não esbarravam em certos princípios e certos mecanismos.. e se não continuássemos a ver a tutela lá ao longe			DB	
eu acho que aquilo já está lá há 500 anos, sempre esteve e eu nunca cumpri, nunca cumpri, nunca! Nem comunicar, não fazia pronto, achava que tinha razões pedagógicas para poder fazer aquilo e fazia.			DA	
faz falta aqui uma direção regional. Não faz sentido... porque repare aquilo que sucedeu aqui há pouco tempo que se ouviu e que andou por aí pelas televisões, de que no Norte éramos			DB	
Isto não tem sentido, ninguém me consegue explicar o sentido disto não é.			DA	
Mas só ao fim de termos fechado a escola.. você sabe quantas comunicações e quantos ofícios andámos à anos a mandar para o ministério da educação? Milhentos! E nunca tivemos feedback nenhum,			DB	
não anda para a frente porque estão lá as mesmas pessoas que já lá estão há não sei quantos anos e por muito inovador que uma pessoa seja não vai conseguir realmente avançar.			DB	
no ministério da educação nós temos aquilo muito fossilizado			DB	
porque constava em Lisboa que eu não ligava assim muito às leis que iam saindo, então o que é que me perguntam?			DA	
Repare eu para ter o ministro da educação e o primeiro ministro na escola, tive que mandar os alunos todos embora, mas foi democraticamente, os miúdos andavam-me a perguntar quando é que fecha a escol			DB	
Uma das mais valias é tentarmos ser arrojados, apelarmos ao nosso engenho, tentarmos dar a volta para fazermos mais e melhor. Mas, por outro lado, se eu fizer isso, tenho de mandar para Lisboa um pedido de autorização cuja resposta nunca mais vou receber ou se receber será tardiamente a dizer que não... e depois chega o início do ano e lá vou ter a inspeção e ? económico da minha escola é nulo... está a ser paga pelo POCH, por fundos europeus, portanto...	DB			
arquitectura do edificio	(livros...) Ahh... não não não, não cabe... Agora todas as salas têm projetor é verdade, essas coisas estão lá todas nunca me falta nada, agora o essencial não está.	DA		

	pronto ali eu própria fui experimentar as salas não cabem.. ou seja eu não consigo por outra disposição porque se não eu obrigava, decidia as aulas arrumadas aqui são assim (sic) mas não consigo porque não cabem já tentei tudo, um U com dois grupos no meio, só grupos, não cabem, as salas são minúsculas, depois das obras da parque não cabem, aquelas salas foram mesmo feitas para ter os meninos uns atrás dos outros, entre mesas o professor não cabe no meio das mochilas não sei quê não consegue andar entre eles..	DA
burocracia na ação docente	os professores fiquem mais ainda de pé atrás, porque quando se diz que não se quer papéis, quando se diz que o professor é professor e que essa deve ser a sua primeira função, quando se diz que é nisso que o professor se tem de focar (este é o meu discurso diário) mas depois na prática não é verdade, na prática não é verdade (sic) nós temos de preencher plataformas todos os dias temos que preencher os papéis todos os dias... E os professores estão zangados, estão zangado	DA
diretor não seleciona os docentes	ah professor Manuel Lima os seus professores...	DB
	às vezes a mim o meu grande problema é com os professores	DB
	e há uma lei que fala de flexibilidade curricular e que terá de ser implementada.. então eu não vou depois escolher dentro dos professores da escola.. só daqueles que eu sei que são capazes..	DB
	em sombra de dúvida, isso desde logo posso-lhe dizer que teria uma excelente escola, teria um excelente agrupamento, isso era fantástico	DB
	Eu acho que a partir do momento que (os professores) consigam chegar aos alunos consegue-se fazer a mudança. E era bom que nós pudéssemos ter uma voz ativa na seleção dessas pessoas	DB
	se eu pudesse escolher as pessoas	DB
	temos alguns fosseis que não tinham jeito para mais nada podiam ir para professores,	DB
	Toda (risos) olhe logo para contratar professores que era logo um problema, tinha os sindicatos todos a baterem-me, mas logo essa era fundamental.	DA
discrepância entre o dizer e o fazer	Não tenho dúvida que dizem que valorizam a formativa, mas que de facto valorizam a sumativa.	DA
encarregados de educação	as famílias ainda não estão muito sensibilizadas para esta possibilidade da escola. Primeiro porque são também pessoas mais velhas, com muito maior afinidade a um sistema mais diretivo, mais rígido e olham um bocadinho, até com ideias populistas que andam por aí na nossa praça.. olham para esta coisa como um certo facilitismo e desconfiança e não estão devidamente informadas	DB
	os encarregados de educação... ainda há muitos pais e encarregados de educação que continuam a dizer que 50 mais 50 é igual a 3.	DB
falta de autonomia	Aí é que eu gostava que as escolas tivessem autonomia, por exemplo, eu tenho uma visão de ciclo... quando falamos no 3º ciclo do ensino básico, seja em que disciplina for, os ritmos de aprendizagem podem ser muito diferenciados e podemos programar as coisas para 3 anos e podemos chegar ao fim do 9º ano com os miúdos todos, embora partindo de contextos diferenciados, podem chegar no mesmo momento e nas mesmas condições...	DB
	ainda que por exemplo o ministério quando publica as circulares e tudo mando também com conhecimento à inspeção geral da Educação mas nem sempre da parte da inspeção geral da Educação existe essa flexibilidade, porque por exemplo eles continuam a aparecer nas escolas com os mesmo roteiros e têm de obedecer aquilo que lá está; portanto por muito que a escola.. por exemplo onde é que eu vejo que não tenho autonomia? É quando me perguntam assim: tem isto? E eu digo: Não, mas... Mas eles respondem logo não. É o que interessa, não adianta nada.	DB
	ambém contribuem, não é tão vinculativo porque não há horas..... está a ver é a questão da autonomia... se tivesse punha-os a todos...	DB
	As pinguinhas não é autonomia, eu não acho que seja autonomia .. Que autonomia é que eu tenho? Ora vamos lá ver, dizem que o diretor tem os poderes todos centrados em si, autonomia de quê? Poder de quê? Ir justificar faltas? Não me apetece não gosto.. Qual é a autonomia que eu tenho?	DA
	decreto lei de lançamento do ano letivo que diz exatamente isto "que a escola só pode parar uma vez por ano durante dois dias para atividades que na sua autonomia julguem portanto fazer." eu não quero só uma vez uma vez não me serve e falei com o João Costa na altura e expliquei-lhe pelo telefone olhe, desculpe lá não dá... lembro-me perfeitamente, eram 11 da noite e o diretor ge	DA
	E acho que muitas vezes eles chegam ao 9º ano em contexto muito desequilibrado porque a escola se remete unicamente à assunção do papel burocrático de fazer os ciclos no tempo normal... o 7º, 8º, 9º e não para quando devia parar e, muitas vezes, perdem-se miúdos pelo caminho. É isso que eu acho...	DB
	E estou convencido que se dermos autonomia às escolas os alunos que fizerem isto com base neste processo de flexibilidade curricular e ao fim de certos anos eles vão ter um desempenho se calhar superior a quem não passou por este processo... estamos a criar mais pessoa, vai mais ao encontro do perfil dos alunos... acho que concorre muito mais ... os documentos estão todos intercecionados	DB
	e por isso parece-me assim um bocadinho paradoxal mas olhe eles é que governam eles é que sabem e a gente obedece.. manda quem pode..	DB
	é quando toda uma comunidade educativa quer uma coisa, quando foi demonstrada a validade dessa coisa, quando essa coisa dá frutos e dizem-me não por causa de um artigo num decreto lei, que eu acho que nem lê.	DA
	almente a escola ainda não tem autonomia... gostava que o Ministério tivesse dado autonomia para nós fazermos avaliação...	DB
	esmo no próprio processo de avaliação dos professores que também fosse mais clara e inequívoca a nossa intervenção na valorização daquilo que é bem feito.	DB
	Eu não me acredito, e quando me dizem "podes fazer isto porque tens autonomia" eu tenho quê? Vai dar uma volta pah, eu nem consigo fazer uma reunião com pais que tu não deixas. Pronto, não há autonomia.	DA
	Isto é com a autonomia que o ministério quer que a gente tenha, e que eles não conseguem ter, ficam muito zangados quando eu digo isso mas é verdade. Aí chuta para as escolas, avaliação do secundário? Não, não vamos falar, têm que ser as escolas. Ok. Se faz o favor como é que vão avaliar o secundário? Quer dizer, aí temos autonomia. Os nossos senhores governantes, de quem eu gosto (diga-se de passagem) conseguiram regular a avaliação do ensino secundário agora, mas nós temos que a regular e até temos inspeções não é?	DA
	ma escola ter autonomia por exemplo de contratação de professores?	DB
	D – Ah claro! Sem sombra de dúvida, isso desde logo posso-lhe dizer que teria uma excelente escola, teria um excelente agrupamento, isso era fantástico porque.	DB
	Mas efetivamente o ensino não pode... Tem que ter algo que o regule mas não pode ter este tipo de abordagem tão inflexível sobretudo num momento em que tanto falamos em poder adaptar as coisas à realidade..	DB
	Mesmo assim eu mandei estes dados todos, vários relatórios, vários, vários.. Com o parecer do conselho geral com o parecer do conselho pedagógico com o parecer de toda a comunidade não é, toda a gente acha bem, o ministério diz que não. Isto é autonomia? É por isso que não acredito.	DA
	Nós não termos ainda a liberdade, não se vislumbrar ainda uma autonomia que seria desejável.	DB
	o.. Eu acho que a partir do momento que consigam chegar aos alunos consegue-se fazer a mudança. E era bom que nós pudéssemos ter uma voz ativa na seleção dessas pessoas.	DB
	oi por uma questão de dinheiro não é.. 14 alunos não compensa..	DA
	Olhe eu penso que sim, aquilo que disseram.. aquilo que ficou claro foi que portanto as atividades assíncronas deixam de existir quando forem implementadas as atividades presenciais.	DB

	<p>Quando eu tentei também neste plano para a melhoria que apareceu, que nós temos também algumas coisas interessantes, mas eu contei e tive foi há dois anos tentei e foi chumbado. Tinha eu já não me lembro se eram 12 ou 14 alunos todos do oitavo ano, todos reprovados e todos com dupla retenção, eu queria fazer uma turma só com esses meninos, eu já tinha feito uma experiência dessas há uns anos mas que foi uma experiência muito engraçada porque foi monitorizada a par e passo pela faculdade de psicologia com o Matos e com o Zé Alberto Correia, foi muito interessante aquilo porque foi monitorizado mesmo com eles o ano inteiro. Portanto não era assim mas queria fazer e garantir ao ministério fazer a proposta que poria lá aqueles que eu considerava serem os melhores professores da escola.. Não foi aprovado... Não foi..</p> <p>Quer dizer se nem isto podemos fazer que é uma coisa simplicíssima, que não implica nada, nem mais dinheiro nem mais nada, não implica não estou a onerar os cofres públicos e nem isto podemos fazer.. O que é que nós podemos fazer?</p> <p>se é um papel de responsabilidade também é um papel sobre o qual tem que prestar contas, portanto isto por parte da tutela até era muito fácil, dão autonomia entretanto no fim a pessoa presta contas, serve serve não serve olha meu amigo depois terá as consequências que tiver e por isso muitas vezes não entendo porque é que ficamos sempre pela metade..</p> <p>ue pudesse ser proativamente útil, isso não está a acontecer porque depois nós esbatemo-nos nas regras e ficamos confinados às paredes que a própria tutela nos vai lançar.</p> <p>vançam e nós começamos a mobilizar-nos para a ação mas depois empacámos no terreno com determinadas coisas.. porque por exemplo depois quando saem os despachos de lançamento do ano letivo nós acabámos por não ter horas suficientes nem crédito horário para fazer montes de coisas que poderiam complementar e poderiam ser muito úteis.. O diretor ainda não tem autonomia..</p> <p>velhinho... Mesmo naquela altura foi assim um flop, mas mesmo quando saiu, para quem tinha algumas expectativas, como eu que até estive em Lisboa numa reunião para conseguir perceber como é que se construía uma autonomia nas escolas.. Pronto foi um flop, e para o seu autor também foi um flop, não temos dúvidas nenhumas, agora não me lembro do nome dele.. bem, mas o autor daquele despacho tem um flop. Depois foram saindo imensas coisas que foram retirando autonomia às escolas, não foram dando portanto... Agora nós temos que pedir autorização mais ou menos por tudo.</p>	DA
	<p>Eu gostava de ter uma autonomia que me permitisse estar um ano, dois anos, dois anos (sic) assim num período sabático a conversar com pessoas que também estão num período sabático a pensar o que é que vamos fazer com isto? O que é que nós podemos fazer? Porque se não for assim.. Às pinguinhas não é autonomia, eu não acho que seja autonomia ..</p> <p>O que eu quero que os meus alunos saibam ao fim da saída desta escola consigam fazer é isto isto isto e isto (sic) , para eu conseguir chegar a isto eu tenho que fazer isto e nós podemos fazer isso. Isso não se faz assim, ou seja não me vou sentar com sete pessoas da minha escola: "como é que vamos fazer isto?" Isto faz-se com algumas cabeças pensantes e estudiosas que se sentam durante um ano provavelmente a pensar como é que se pode fazer isto, mas de certeza que se pode, isso não tenho dúvidas tenho a certeza que..</p> <p>tem a ver com a falta de tempo para podermos pensar.</p>	DA
formação inicial professores sem qualidade	<p>A formação que estão a ter que é abaixo de cão, aquilo não existe! Eu fui orientadora de estágio antes e quando virou este sistema de estágio vim me embora a correr muito que isto é do pior.</p> <p>E depois eu não sei era descobrir se neste país assim uma elite de formadores de orientadores de estágio mas é assim mesmo uma elite, não é um orientador de estágio que põem o braço no ar, é quem já deu muitas provas de que pode ser disruptivo, de que pode querer a mudança!</p> <p>É do pior! Não aprendem nada! Quer dizer basicamente não aprendem nada de importante, substantivo para a profissão...</p> <p>E eu acho que se tem de apostar na nova geração de professores, acho eu, e acho que isto (foi colocado?) logo mal desde o início porque se desinvestiu na formação de professores. E a formação de professores é péssima agora, é péssima, é péssima, é péssima não existe!</p> <p>eu sou completamente contra o estágio integrado</p> <p>Não há nenhuma alteração, nenhuma modificação deste paradigma se não tivermos a malta nova dos professores conosco, disto eu não tenho dúvidas..</p>	DA
instabilidade de políticas educativas	<p>Lembro-me que na primeira reunião que tive com o ministro da educação o meu maior pedido foi: não legisle, esteja quietinho, deixe-nos trabalhar em paz. Ele prometeu que ia fazer isso, obviamente não fez como os outros também não fazem.</p> <p>Mas não podia era muito difícil muito complicado por questões técnicas porque a ideia era fantástica e queriam disseminá-la e queriam isto e aquilo. Portanto para o ano.. Eu no ano seguinte vejo outra vez a porcaria daquela coisa e fico passada, passada!</p>	DA
instabilidade do corpo docente	<p>A equipa de auto-avaliação da escola exatamente pelo impacto que o adiamento das obras no Alexandre teve acabaram sempre por concorrer, quando havia concurso as pessoas saíam, nós púnhamos a informação, eu mandava os professores.. foi porreiro eu notei aqui algumas escolas da cidade do Porto de pessoas especialistas em processos de auto-avaliação que andaram a fazer cursos de um ano desde a avaliação em rede da Universidade do Minho até projetos que participaram da Universidade Católica também sobre modelos, sobre formas de fazer auto-avaliação.. Concorreram para outras escolas, de forma que portanto nós andámos tipo a Penélope continuamente a fazer e a desfazer as coisas, de forma que neste momento não temos um processo tão..</p>	DB
instabilidade políticas educativas	<p>aliás o ensino em Portugal perde muito, e já perdeu mais do que muito com estas coisas do vem um governo...</p> <p>Se bem se lembra aquilo era exames exames exames (sic) e os exames é que certificavam e agora passámos para o oposto, e isto mesmo para as famílias depois começam a dizer "estes tipos não sabem o que é que querem.. andam para trás e para a frente.."</p> <p>termos de legislação que era o facto da desconexão que existia entre os vários diplomas.. Isto é saía agora uma coisa depois vinha outro governo era outra coisa a contrariar aquilo que estava antes</p>	DB
já fazíamos...	<p>Eu li-o com atenção, discuti-o, pensei ok o que é que a gente pode fazer com isto que seja de facto inovador? A maior parte das coisas nós já fazíamos.. quer dizer ali não trouxe muita inovação, se calhar houve escolas em que trouxe muita mais valia mas eu acho que ali não trouxe, eu acho que nós já fazemos muita coisa há muito tempo, muita coisa quer dizer.. aquelas coisas que nós podemos fazer..</p> <p>O plano de inovação pedagógica não inova muito, quer dizer é de novo nova roupagem...</p>	DA
lacunas na comunicação/envolvimento	<p>e então interessa mais que disseminem as coisas.</p> <p>E muitas vezes os que não fazem também por falta de entendimento.</p> <p>formação geral em relação à intencionalidade desta flexibilidade, do que se procura, da questão do perfil geral, daquilo que se pretende de um aluno que completa a escolaridade obrigatória de 12 anos, daquilo que é essencial e do que acessório... não há esse conhecimento e isso é um dos grandes óbices. E acontece ao nível escolar, no meio dos próprios professores.</p> <p>mobilizarmos órgãos de gestão intermédia ... há fracassos mas também muitos sucessos, por vezes as mensagens passam enviesadas, mas a minha visão de estratégia pode não passar a 100 %, mas é muito importante que as pessoas percebam as responsabilidades, e cada vez mais, e será mais rápido do que aquilo que se pensa, os órgãos de gestão intermédia poderão até sobrepor-se aos órgãos de topo das escolas porque são eles que criam as dinâmicas, que mobilizam as escolas, são os verdadeiros intermediários. E nós efetivamente ainda não temos uma sensibilização dentro das escolas para as coisas.</p>	DB

	nas escolas o grande problema, o nº um, é a questão da comunicação. Ainda não temos uma eficácia comunicativa. Nem sempre as coisas são muito claras.	DB
manutenção da ideia de boa escola	é muito difícil fazer qualquer mudança que seja, é muito difícil.	DA
	peço quando eu tento fazer alguma introdução perguntam-me para quê Rosário? A nossa avaliação externa é sempre muito bom nunca temos pior que muito bom, os resultados dos nossos alunos são fantásticos. Se eles entram na faculdade o que é que queres mudar? E eu calo-me..	DA
	Porque tem professores cumpridores, automaticamente assim, são tipo autónomos são mesmo cumpridores aquele daquela matéria e aquela matéria que está naqueles três livros os meninos sabem todos e o professor é impecável a transmitir aqueles conteúdos, são de facto bons professores nesse nível, a nível de transmissor são bons professores, não faltam, faltam muito pouco. Os alunos são meninos com aspirações	DA
	tenho o azar de dirigir uma escola que sempre esteve no topo dos rankings e quando eu quero mudar alguma coisa até as metodologias dizem-me para quê? Para piorar? Nem penses estamos tão bem assim.. O que é que eu digo? Isso não é tudo, há coisas muito mais importantes mas cai em saco roto não é?	DA
não se quer autonomia	à espera de diretrizes... à espera não que lhe deem a cana para a pessoa pescar mas que lhe tragam o peixinho já grelhadinho e todo porreiro à mesa.. gostam muito de ler que isto é assim e eu tenho de fazer , assim, assim e assim.	DB
	é as pessoas estarem todas à espera das orientações orientações orientações..	DB
	É preciso ensinar a ter liberdade.	DB
	Em que medida é que as pessoas estão muito acomodadas, não preferem resguardar-se e esperar instruções muito claras para cumprir e dizer amém vamos fazer isto e isto e isto ou pelo contrário quererão ter autonomia para fazerem inovação sustentada	DB
não usar a autonomia que se tem	ai efetivamente como diretor eu acho que tenho mais autonomia	DB
	Digamos que esta nova legislação permite realmente haver algum movimento, flexível...	DB
	mais autonomia na forma de olhar para a especificidade da realidade que temos à nossa frente, na forma de poder gerir horas de gerir até conteúdos ou até articular o trabalho colaborativo entre os professores cooptando diversas áreas do saber, torna-se muito mais fácil e muito menos rígido	DB
	que face à tutela nós ganhamos efetivamente mais autonomia,	DB
preocupação - acesso ao ensino superior	Mesmo os pais mais letrados continuam a ver na escola só um objetivo ... continuam a por os filhos numa escola, mesmo de professores e depois colocam num colégio para aceder ao curso superior pretendido... sei de miúdos que são autênticos escravos de uma décima ou duas para entrar nos cursos onde normalmente se exigem notas altas.	DB
preparação para o exame	é preverso, nós estarmos a trabalhar para os exames é preverso. E estamos a destruir o que de bom nós podíamos eventualmente dar aqueles jovens. É uma coisa que me mete muita impressão, mete-me muita impressão..	DA
	Mais ativas, darem mais tempo aos miúdos, porem a fazer mais trabalhos de pesquisa, trabalharem mais a autonomia.. Isso eu estou convicta que melhoraria.. Mesmo trabalhar em projeto por exemplo, eu acho que sim que havia professores que sem dúvida se não tivessem a pressão do exame...	DA
	Mas eu acho que a maioria só era benéfico para o ensino secundário (não haver exame de acesso ao ensino superior) disso não tenho dúvida nenhuma que acabasse de sermos nós os responsáveis pelo ensino superior que não tem nenhum sentido..	DA
	Nalguns casos mudava de certeza porque alguns professores funcionam assim porque acham que têm mesmo obrigação que os meninos tenham boa nota nos exames porque não é essa a sua forma de estar e de ser. Portanto tenho a certeza que em muitos alteraria de certeza a metodologia para melhor, também não tenho dúvidas.	DA
	Não ter havido os do nono este ano foi fantástico, e eu espero que eles se esqueçam para o ano que havia dantes exames de nono, esses podiam acabar já, foram os do sexto e agora haviam de ser estes.	DA
	nesses as aferições, as aferições, que todos nós sabemos para que serve uma prova de aferição, não é para avaliar meninos é para aferir sistemas é para aferir.. Os professores ficam malucos, eu comecei a ver, eles o ano passado acho que tiveram matemáticas ou foi ciências já não sei, no quinto ano acho que tiveram ciências o ano passado, foi uma disciplina qualquer que eu comecei a ver as pautas e disse o que é isto?! A disciplina de maior insucesso na escola é ciências? Está tudo doido.. no quinto ano.. O que era? lam ter prova de aferição. As provas de aferição pressionam os professores, que fará exames..	DA
	os exames são uma coisa terrífica para o ensino secundário, mas acho mesmo, acho que são um impedimento para quem está à frente das escolas e os conselhos pedagógicos e as pessoas que não têm tempo nenhum de casa mas são naturalmente pessoas ativas e que se interessam pela educação, tenho a certeza que as coisas funcionavam de maneira diferente se não houvessem os exames, não tenho dúvida nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma..	DA
processo de publicação de orientações legislativas	ao mesmo tempo a flexibilidade curricular e no momento do ano letivo em que saíram em que não permitiu muita reflexão...	DB
	Eu acho que ele não conseguiu, porque é que ele não conseguiu, primeiro motivo - sempre fora de horas, quando as coisas apareciam nas escolas era em julho era não sei quê, quer dizer fora de horas.. Eu recuso-me a trabalhar assim, quer dizer eu recuso-me a construir um modelo, diferente daquele modelo que eu já tinha em 15 dias, e sem discutir com os meus pares e sem discutir com a escola inteira, portanto não ia ser apropriado por ninguém, portanto..Não.	DA
	Eu acho que legislar contra não dá	DA
	Isso das medidas universais, medidas seletivas, medidas não sei quê, isso são... é que é mais papel é mais trabalho é mais tempo gasto que não se traduz numa mais valia significativa, aquilo que nós tínhamos antes que era ok, aquele garoto está diagnosticado, tem este problema, o que vamos fazer com este miúdo? Sem ser medida adicional, medida seletiva, medida... São as medidas necessárias para que aquela criança tenha sucesso, e não me interessa como se chama, não me interessa que haja uma equipa (n.t. emai?) que tenha de reunir todas as semanas durante horas.. Não traz mais valia. Não traz.. não traz.. e traz desconforto para os professores	DA
	Não sei se lembra que o 54 e o 55 saíram concomitantemente, o que deu logo um enorme trabalho às escolas...	DB
querer não é fazer	. É muito difícil falar sobre isto, o que está em causa não é só as metodologias, essas são mais fáceis de mudar.. quer dizer são difíceis de mudar mas são mais viáveis, é mais possível, não implica de facto nenhuma autonomia especial,	DA
	E nem isso conseguimos dar a volta e para isso não é preciso autonomia nenhuma,	DA
	E porque não renovar-se por dentro?	DA
	Eu acho que o que as metodologias ativas podem trazer de mais valia para a personalidade do jovem no fim da escolaridade são muito mais importantes do que o conteúdo em si só.	DA
	Eu não posso dizer eu não gosto da forma como as aulas estão a ser lecionadas, eu não posso dizer eu não gosto da maneira como os miúdos estão a aprender história porque o problema é nosso não é?	DA
	Mantemos, mantemos, se calhar não devíamos, mas mantemos.	DA
	nós escola se tivermos unhas para saber tocar guitarra podemos alterar as metodologias de ensino,	DA
	O que eu queria era mudar este sistema de ensino, este sistema de ensino compartimentado, em que é tudo na sua gavetinha não é? O trabalho em projeto, os brainstormings, os design thinking os não sei quantos, quer dizer isto pode na prática funcionar e tenho a certeza que o tipo de competências e o tipo de autonomia que os miúdos iam ter no fim do seu percurso ia ser melhor.	DA

	<p>porque aquilo foi uma empatia tão grande, um trabalho tão de perto era o discurso amoroso, o discurso policial o lógico foi o discurso político.. isso é maravilhoso. Tenho imensa pena, isso é um tipo de autonomia que eu gostava de ter.</p> <p>E – Mas aí já é uma autonomia na decisão do currículo.</p> <p>D – Mas é na decisão do currículo... neste caso eram um bocadinho mais velhos não é eu não posso introduzir ali nada... não é, não posso...</p> <p>Trazem melhores resultados porque eu quero acreditar que a aquisição de conhecimentos as duas trazem, mas também quero acreditar que as metodologias mais ativas, em que ele está mais envolvido, em que o aluno se sente o seu próprio agente.. quer dizer acho que aí não tenho dúvidas nenhuma que em termos de autonomia, de responsabilidade de maturidade de crescimento... Não tenho dúvidas que tem resultados muito melhores.</p>	DA
receio da mudança profunda	<p>É muito perigoso no sentido que isto ou é muito bem monitorizado ou isto pode dar para tudo, isto pode dar para o bem ou para o mal.</p> <p>Tinha que ter o poder, e isto é perigoso, de alterar todo o esquema de ensino pronto. Eu não quero ter aula de Biologia de Física de Química de Matemática de não sei quantos de não sei quê. Eu quero projetos, eu quero outro tipo de.. Não tem nada a ver com isto... Mas isto é perigoso, é muito perigoso.</p>	DA
resistência à mudança - docentes	aliás até previsivelmente já iria saber quem eram as pessoas que iam aderir, que iam desenvolver e apostar e cooptar alunos para o trabalho e já sabia onde é que iria haver resistências	DB
	aqueles pessoas que ali estão conseguissem... fosse uma mais valia, e por outro lado porque sei que não ia ser bem aceite	DA
	Com os professores não posso eles não vão, não deixam, eu fiz essa proposta no pedagógico milhares de vezes, eu digo-lhes que a avaliação externa vai chegar aí, porque não é possível que não chegue aí.. bem não vai ser uma avaliação externa não se vai ver aulas	DA
	corpo docente é muito envelhecido,	DA
	corpo docente envelhecido..	DB
	duas facções, facção A e facção B, isto é os professores mais proativos também mais flexíveis mais dinâmicos, mais motivadores em que eu tenho evidências de melhores resultados no contacto e na relação pedagógica com os alunos e também dois ou três docentes que são ainda mais conservadores, até porque eles ainda têm de ser sensibilizados para esta mudança e pronto.. e realmente.. aí vai sendo mais lenta a evolução, a avaliação pedagógica vai sendo mais lenta, aliás os princípios.. a ironia.. como sabe dentro da nossa classe nós perante aquilo que é novo a primeira tendência é passarmos logo para os extremos não é?	DB
	em qualquer organização onde são precisas mudanças tem de haver uma linha da frente coesa e que ande para a frente, e essa linha da frente na minha escola é muito reduzida.	DA
	eu acho que isso desde logo implica muito maior responsabilidade de um professor, mas os ecos que fui tendo na minha escola não.... Foram os ecos de facilitismo, não é? Ah isto agora passa tudo não interessa não sei quê isto agora... portanto.. e depois tivemos que fazer.. que partir muita pedra não é?	DB
	eu iria ter muitas resistências e iria ter diversos ritmos, aliás até previsivelmente já iria saber quem eram as pessoas que iam aderir, que iam desenvolver e apostar e cooptar alunos para o trabalho e já sabia onde é que iria haver resistências	DB
	há pessoas que são de facto muito reactivas à mudança e ainda por cima quando os números lhes dão razão,	DA
	iria logo ter muita gente que ia logo dizer que não porque está à espera de orientações e tinha outras que fariam e iam fazer mal porque estavam à espera de instruções e iam apreender as instruções com uma intencionalidade comunicativa que jamais existiria da nossa parte...	DB
	o e ainda continua a ser um miúdo, se tem 35 é um miúdo.. isto faz-me lembrar a primeira vez que eu fui trabalhar era colega.. era provisório e agora.. continuo a dizer eu na minha escola sou o mais novo do meu grupo e já tenho 32 anos de serviço.. continuo a ser o miudinho do grupo não é? Porque os outros é tudo gente mais velha..	DB
	como lhe disse eu tenho muita resistência ainda, a sorte é que eu tenho pessoas que se irão reformar daqui por dois anos e a coisa vai ficar por aí porque se não ia ser muito difícil.	DB
	Os professores ou qualquer pessoa que desde logo tenha uma atitude de resistência perante alguma coisa ainda que não a conheça quando.. primeiro não vai ter disposição para estar a ler, se estiver a ler vai.. (isto aconteceu nalgumas reuniões de trabalho) as pessoas ironizavam..	DB
	Ou nós temos pessoas conosco, assumimos o que precisamos mas temo-los conosco ou então.. Eles boicotam qualquer coisa que a gente queira fazer de novo é boicotado pelos agentes principais desta coisa não é, eu isso resolvi que não fazia.	DA
por exemplo eu acho que um dos grandes males das nossas escolas do ensino secundário no que diz respeito à gestão é que nós temos dinossauros, temos gente que está lá há 20 anos, ora se eu estiver à 20 anos a impor a minha visão sobre as coisas.. quer dizer nem dou oportunidade a outras pessoas de trazerem uma lufada de ar fresco ou de continuarem ou de projectarem ou aumentarem a qualidade.	DB	
porque eles já não se gostam de expor na sala perante os alunos ainda há alguma exposição, quanto mais estando o resto da família toda a assistir se quiser não é? Mas é mesmo não é?! Isto é uma invasão da privacidade que é de loucos e de loucos..	DA	
s grandes obstáculos passam um bocadinho pelas características do nosso corpo docente, pela faixa etária que tem... o corpo docente envelhecido está muito à espera de diretrizes	DB	
isto é um trabalho que efetivamente a mudança está a haver mas está a ser muito mais lenta e por isso isto o que não pode, digamos assim, ser cortado, foi encetado este caminho e foi um caminho que tem que ser monitorizado e tem que ser criado aqui um espaço temporal substancialmente alargado para depois podermos chegar a conclusões.	DB	
sentimentos de desânimo /desistência	Eu estou a ficar velha mas o ministério está a perder gente assim, eu sempre fui militante do ensino como eu costume dizer, e estou completamente... não me apetece, só me apetece ir embora, não me apetece ser diretora, não quero, quero me ir embora.. As pessoas é que me deixam vir, mas eu para o ano não venho.. (risos)	DA
	Eu por exemplo sou formadora na avaliação lá certificada por aquela coisa de Braga.. já dei muita formação quando era mais nova mas agora as pessoas também estão cansadas...	DA
	Mas eu também não me vou incomodar mais, já me incomodei muito, já escrevi muitas vezes, já... Pronto não me vou incomodar mais.	DA
	Qual é o resultado? E qual é o feedback?	DA

Matriz de análise de conteúdo – Perguntas abertas – questionários a aluno e a professores

Dimensão Visão da escola

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Sujeito
Negativa	frustração/desilusão	a escola é muitas vezes um sítio para decorar matéria até a chegada do teste para depois esquecer a matéria desse teste e decorar a matéria do teste seguinte	AB1236
		A escola para mim sempre foi um local de conforto e no qual me sentia bem. O ensino secundário, porém, colocou demasiada pressão sobre a minha vida e comecei a ver certas disciplinas como algo que me prejudica, ao contrário do que seria e sempre foi suposto.	AA1235
		A escola tem matérias que não se entende o porquê de serem ensinadas. Para que se vai precisar destes assuntos.	AA956
		Acho que cada vez mais a carreira escolar deixa de ter valor. Vemos demasiados estudantes a sair das universidades com diplomas com "status" para trabalhar numa área alheia à sua. Sinto que ando demasiado preocupado com a minha carreira escolar, a investir imenso tempo, para não tirar retorno. Sei que estou a, de certa forma, a apresentar um problema que ainda não tenho a solução. Mas é frustrante ter noção das horas que gasto em áreas que não me vão trazer retorno no futuro, que na realidade são apenas estudadas para o teste ou, nem isso, quando as podia aplicar numa área que goste, tornar me bom nela, e eventualmente poder seguir carreira nessa mesma área.	AA1162
		aprender e ter novas informações que possamos utilizar na vida, mas em alguns casos não conseguimos reter tão bem essas informações.	AB841
		limitativa no pensamento e criatividade	AA81
		não gosto minimamente da escola	AA1250
		nem sempre a escola oferece as melhores condições isso desmotiva um pouco também.	AB1230
		Para mim a escola é um lugar que nos mete para baixo, eles ensinam que só há uma opção para todas as coisas, que só há uma solução, que só há um de tudo. A escola não nos ensina a ser nós mesmos, a lutar contra os nossos medos e a defender os nossos direitos. Eu penso que a escola por vezes exagera um pouco no que ela ensina.	AAF830
		por vezes com falta de motivação.	AB1221
	Sinto que pequenas folhas de papel definem o meu futuro e sucesso e não me sinto feliz por isso	AB1219	
	Vou para a escola à espera que o dia acabe para sair de lá	AA1264	
	Apenas desempenho a minha função de aluno.	AA1076	
	Lugar que somos obrigados a ir todos os dias	AA92	
	Sinto-me indiferente em relação à escola. Apenas estou atento as aulas, não perturbo, participo oportunamente e dou o meu melhor para conseguir valores altos. (...) sinto-me indiferente em relação a qualquer assunto que envolva algo além do processo de aprendizagem.	AB1227	
	A escola nem sempre está preparada da melhor maneira para lidar com certas situações, o que leva a insegurança para quem a frequenta.	AA1213	
	mal por conta dos colegas de turma.	AB840	
	ansiosa	AA1078	
	indiferença	Gosto da escola e de aprender mas o stress que me causa no dia a dia também é muito desgastante a nível psicológico e físico.	AA1075
		Para mim a escola é um local que estou por obrigação. De maneira nenhuma a carga horária a que nós alunos estamos sujeitos é produtiva (todavia face à quantidade de matéria dada por ano letivo não sei se existe outro método mais eficaz)	AA1068
Sinto que a escola faz-nos um bocado de pressão a mais		AA1071	
um sítio onde devemos fazer amizades.		AA109	
(...) e convívio com os colegas e amigos.		AA921	
(...) e também o convívio com os colegas e amigos é muito importante.		AA722	
Adoro os meus amigos		AB943	
Conviver com pessoas da nossa idade		AA92	
É bom porque convivo com os meus colegas de turma		AA1233	
Eu sempre gostei de ir para a escola, de estar com os meus amigos, e mesmo as aulas faziam parte de uma rotina que me cativa. Agora, numa situação em que passo grande parte do meu tempo em casa, apercebi-me do quão importante a escola é para mim, para a minha aprendizagem e para o meu bem-estar.		AA1070	
Gosto da escola, pois permite-me ter uma rotina e socializar e conviver com colegas.	AA1234		
Para mim é a minha segunda casa (...) estar com os meus amigos.	AA1011		
insegurança	Com entusiasmo e expectativa	AB1221	
	Intensamente	AA1226	
	A escola desempenha um papel importante na vida do estudantes	AA1239	
	A escola para mim é uma fonte de conhecimento que nos permite evoluir intelectualmente e que nos permite desenvolver capacidades sociais. Eu vejo a escola como uma ferramenta para a minha evolução como cidadão.	AB1225	
	Como o local de aprendizagem	AA1219	
	Como se fosse uma profissão, ou um género de preparação para o futuro.	AB1222	
	Como um local de aprendizagem para toda a vida	AA81	
	Como um meio para atingir os meus objetivos de vida, ou seja, é aqui que eu decido o que quero fazer no futuro e que aprendo matérias que me vão ser úteis para esse futuro.	AB1217	
	Empenho-me ao máximo nos meus estudos, tentando sempre cumprir os meus objetivos.	AB1218	
	Eu sinto que a escola é um lugar onde podemos aprender e ter novas informações que possamos utilizar na vida,	AB841	
Local de aprendizagem	AA921		
Local onde aprendo para ter um futuro melhor	AB949		
Local onde consigo aprender	AA722		
Normal, sinto que a escola é o local onde devo escolher o meu futuro.	AB944		
Para mim é a minha segunda casa posso aprender tudo (...), tem muito impacto na pessoa que me estou a tornar.	AA1011		
Penso que a escola é um local de aprendizagem e construção do nosso futuro.	AA109		
Sinto que a escola é uma grande etapa e uma das mais importantes nas nossas vidas, porque passamos muito do nosso tempo lá, aprendemos muito e adquirimos conhecimento que levamos para a vida. Mas isso não depende só da escola.. mas sim de nós próprios, eu vivo a escola como uma aprendizagem e um novo conhecimento diário.	AA1249		
Sinto que posso aprender sobre vários temas e assuntos e estou grato por ter direito à educação.	AA1024		
Vivo a escola como uma rotina diária. Sinto que na escola aprendo várias coisas, incrementando o meu conhecimento geral.	AA1247		
Vivo e sinto a escola como um dos objetivo a cumprir para ter uma qualidade de vida melhor e mais digna .	AA1217		
preparação - futuro	(Sentia) Eu sinto que a escola é um lugar bom para passar o tempo a absorver estudo. Porque sem a escola não "seríamos" nada. Eu vivo na escola normal, com meus amigos, sem confusões com ninguém.	AAF828	
	A escola é um local agradável, gosto de estar com os meus amigos e com os professores	AAF829	
	A escola sinto como uma segunda casa, a maior parte do tempo passo lá e tenho boas e más recordações, podemos dizer que a escola está presente na vida de um jovem.	AB102	
tranquilidade			

A minha escola baseia-se na integridade. Nada mais importante do que um aluno sentir-se bem, seguro e confiante. Transmite uma boa energia.	AB1224
Bem	AA1151
Bem	AA954
Bem	AAFC81
Bem	AAFC817
Bem	AAFC82
Bem	AAFC821
Bem	AAFC83
Bem	AB1229
Bem	AB1234
Bem	AB948
Bem	AB951
De uma maneira positiva e boa	AB1223
está funcionando muito bem	AAFC816
Eu gosto de ir para escola estar com ou meus colegas e professores, sinto existe uma boa ligação é bom ir à escola,	AB1230
eu me sinto bem	AAFC86
Eu sempre tive uma boa experiência na escola X e sempre achei até uma escola bastante boa	AA108
Eu sinto-me muito bem na escola	AAFC87
Eu vivo bem e sinto bem na escola	AB945
Felicidade	AAFC85
gosto da escola	AA1238
gosto da escola!	AAFC811
Me sinto muito bem, sempre fui bem recebida.	AA1072
Me sinto normal, da para esquecer tudo do mundo de fora (problemas), quando estamos na escola.	AAFC818
Muito bem.	AA1246
Muito fixe convivo com os professores e funcionários da escola os professores e os funcionários são simpáticos	AAFC825
O ambiente escolar é agradável e os professores e colegas fazem me sentir integrado	AB1114
sinto-me bem	AA1010
sinto-me bem	AAFC819
Sinto-me bem na minha escola	AA1066
Sinto-me normal, estou lá para aprender e estar com os meus amigos.	AB953
vivo contente e sinto-me bem	AA104
Vivo feliz nesta escola e sinto-me integrada.	AA75

Dimensão Inovação curricular e organizacional nas escolas

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Sujeito
áreas a mudar	abertura à comunidade	Na relação entre a escola e comunidade, deveria ser incentivada a cultura de trabalho em parceria com as instituições (não de modo institucional, mas verdadeiramente aberto)	PB5
	avaliação das aprendizagens	a justiça entre notas	AB951
		Em algumas disciplinas, como História, diminuir o peso dos testes, reforçando os trabalhos de pesquisa e apresentação.	AA957
		Mudaria o método de avaliação	AA96
		Mudaria várias coisas, uma delas seria dar mais valor às atitudes (...). Penso que é cada vez mais importante a parte cívica dos alunos ter mais influência. É sim essa parte de nós que define as pessoas que vamos ser na vida e não as notas que tiramos às disciplinas.	AA1242
		Mudaria(...) e a contagem para as médias no final de cada período.	AA1075
		Na minha escola, na maior parte das disciplinas, a média dos testes conta 95% da nota final, sobrando apenas 5% para as atitudes. A meu ver, é um método de avaliação bastante injusto, porque, por exemplo, se eu tiver uma má nota no primeiro teste do primeiro período, vou ficar prejudicada até ao final do ano por essa nota, mesmo que obtenha excelentes resultados nos testes seguintes. Nessa situação, os professores deveriam ter em conta o meu esforço e progresso.	AA1245
		Não haver testes	AA97
		O facto da nossa nota final depender praticamente do resultado dos testes, e não das nossas competências cívicas.	AA1151
		Os critérios de avaliação	AB1221
		Outra coisa que mudaria e o facto de o nosso sistema valorizar mais as notas do que o conhecimento.	AA1162
		testes mais acessíveis	AA1250
		Testes mais fáceis	AA1018
		Todos os alunos estão constantemente preocupados com o que sai para os testes e não com o que estão a aprender, assim que o teste acaba, o que cada um retém é muito pouco. Penso que isto não é aprender e não desenvolve o potencial de cada aluno.	AA1246
		Uma mudança seria "a parte da avaliação dos testes não contar para 95% da nota final do período"	AA1080
		Valorizar mais a participação e comportamento nas aulas	AA75
	clima da escola	A forma como alguns colegas me tratam...	AB949
		Melhoraria as condições para tornar a escola um local mais agradável e penalizaria quem não colaborasse para um desenvolvimento social entre o pessoal docente e alunos. Gostava que a escola fosse um lugar onde todos se sentissem confortáveis em frequentar.	AB953
	confiança no professor	confiar mais no trabalho do professor em relação aos alunos.	PB24
	currículo	Mudaria ainda as disciplinas, parece-me que aprender a cozinhar, literacia em economia e política deveriam estar mais presentes.	AA1068
		Disciplinas de oferta de escola (Uma nova língua estrangeira; Programação; STEM; Escrita criativa; Yoga, Pilates, Meditação)	AA823
		programas menos extensos	AA921
		Programas menos extensos (neste momento são muito extensos e não dá tempo para os professores explicarem bem a matéria),	AA722
		valorizar mais as capacidades de cada um, desenvolver mais a criatividade e autonomia, aprender a argumentar	AA1246
	desburocratizar	Desburocratizar; canalizar o trabalho do pessoal docente apenas para a prática letiva, centrando-se no processo de ensino e aprendizagem.	PA11
		Menos burocracia	PB24
		Sim, desburocratização descomplexificando determinados processos.	PB15
		Sim, diminuindo a burocracia	PAFC14
	envolvimento dos E.E.	Ao nível dos comportamentos dos alunos e responsabilidade dos encarregados de educação.	PB20
		Maior envolvimento dos encarregados de educação no processo de ensino/aprendizagem dos seus educandos	PAFC2
	envolvimento/participação dos alunos	alunos serem mais ativos nas propostas de mudança que ocorrem na escola	AA1215
		Mudaria várias coisas, (...) e outra dar mais voz aos alunos	AA1242
		Penso que a minha escola deveria escutar mais os alunos. Tendo em conta apenas este ano, já ouvi várias opiniões e sugestões de alunos que fariam uma grande diferença no ambiente escolar e mesmo nas regras (sobretudo com a pandemia), caso tivessem sido tidas em conta.	AA1235
		Se eu pudesse eu mudaria (...) novas regras	AB944
		também queria dar o direito dos alunos reclamar acerca de algo que esteja mal e dar o direito de os alunos decidirem , tal como , votações acerca de uma mudança na escola , para ver se estava do agrado dos integrantes da comunidade escolar presente na escola ou não.	AB102
	envolvimento/participação dos professores	torná-la mais democrática. Eliminar a figura de Diretor e substituir por um órgão colegial.	PB26
		A escola deve consultar os professores. No CP é tudo resolvido sem ouvir os colegas. Os professores devem ter todos as mesmas regalias (horários e acesso às decisões escolares que envolvam alunos e professores).	PA1
		Deve-se permitir que sejam os docentes a ajudar na definição dos currículos, já que apesar de toda a flexibilização curricular os docentes têm que dar seguimento a estes documentos desajustados, comprometendo, logo à partida, o processo.	PAFC16
		É preciso ouvir mais os professores	PAFC9
		Presença dos representantes dos grupos disciplinares em reuniões de pedagógico e não dos departamentos.	PAFC17
	forma de gestão da escola	Unicamente modelo participativo	PAFC10
		Ao nível da liderança das escolas	PB40
Sim. Melhor rentabilização de tempo e de gestão de recursos humanos. Menos exigência de resposta a múltiplas realidades: diferentes níveis de ensino (3 ou mais), alunos com medidas seletivas, com medidas adicionais, com realidades sociais complexas.... é impossível responder eficazmente com a diferenciação necessária.		PAFC5	
Sim. Na gerência, na distribuição e seleção de alunos por turma, na distribuição de cargos - Cursos Profissionais (D. Turma e D. Curso).		PB39	
intervenção do ME	O ministério faz algumas alterações de fundo que prejudicam o ensino em vez de o melhorar, mesmo em termos de conteúdos programáticos e metas curriculares.	PAFC9	
liderança escolar	Maior atenção da Direção para melhorar o funcionamento da escola	AA1219	
maior inovação e criatividade	Tornar a escola mais inovadora e criativa tendo em conta as necessidades e mudanças dos nossos alunos/sociedade.	PAFC4	
mais autonomia das escolas	Devia existir maior autonomia por parte das escolas	PA9	
modos de ensinar e aprender	(...) fazer projetos mais interativos e dinâmicos, etc. De uma forma geral, se pudesse mudaria o facto de as aulas serem tão teóricas e pouco dinâmicas, o que desmotiva e não cativa os alunos.	AA1246	
	Desenvolvimento de DAC que envolvam todo o conselho de turma.	PA12	
	mais trabalho de grupo, visitas de estudo, mais experiências no laboratório, maior aprendizagem meios tecnológicos	AA722	
	A escola para mim sempre foi significado de aprender e divertir. Parecem conceitos muito diferentes, mas na minha opinião sem os dois o ensino torna-se monótono, seca, um ensino com base em decorar em vez de saber.	AA1244	

	A forma como os professores ensinam, a pouca disciplina que impõem nos alunos, a falta de dinâmica	AA1244
	Acho que as atividades podiam ser mais criativas de maneira a nós gostarmos de as fazer e de aprender.	AAF815
	Acrescentaria novos meios de aprendizagem	AB1219
	as aulas, mudaria as aulas,	AB950
	As escolas (ainda) tendem a valorizar excessivamente o currículo e os conhecimentos e muito pouco a individualidade.	PA17
	Atividades	AA92
	atividades que envolvam mais os alunos na sua autonomia.	PA7
	aulas mais práticas	AA1249
	Cada vez mais aulas práticas em vez de teóricas	AA956
	Daria prioridade a aulas mais dinâmicas, principalmente no ensino básico. É nessa altura que o aluno se forma e realmente desenvolve o gosto pela escola e, por isso, acho importante os professores serem o mais cativante possível.	AA1213
	fazer coisas que nos chamassem mais a atenção.	AAF823
	Fazer workshops que ajudassem a preparar melhor os adolescentes para o futuro e as dificuldades da vida adulta.	AA109
	Gostaria que houvesse mais aulas dinâmicas e práticas, e não tanto horas expositivas com exercícios. Penso que assim iriam motivar mais os alunos, mas compreendo que em certas disciplinas não faça sentido.	AA1070
	Mais tempo nos laboratórios, laboratório de línguas;	AA823
	mais trabalho de campo, grupo, visitas de estudo, mais experiências no laboratório, maior aprendizagem meios tecnológicos e horários só manhãs ou tardes.	AA921
	mais trabalhos diferenciados	AA1238
	menos barreiras à implementação da metodologia de aprendizagem baseada em projeto	PAFC3
	mudaria o plano das aulas de forma a não passarmos horas sentados numa cadeira a ouvir o professor visto que se está confirmado que o nível de concentração dos alunos é muito baixo logo não entendo como é que não podem as aulas a serem mais dinâmicas com mais atividades entre nós alunos principalmente como debates, visitas de estudo, etc	AA1230
	Na minha opinião, não é tanto a implementação das mudanças, mas o incremento e aprofundamento das mudanças. Considero pertinente o âmbito da avaliação e sua correlação com a promoção das aprendizagens, bem como as questões da autoavaliação.	PB34
	nas práticas pedagógicas e colaborativas (incentivando à maior flexibilidade do currículo).	PB5
	O facto de melhorar o nível das tecnologias penso que se pudesse haver mais essa ligação e os professores tivessem a tecnologia presente em sala de aula era uma maneira das aulas serem mais ativas e não apenas focadas nos livros e no papel.	AB1230
	o modo de aprendizagem,	AA1078
	O processo de aprendizagem que é suposto o aluno ter aquelas competências e realizar os diversos trabalhos, contudo não são trabalhadas e refinadas as suas aptidões.	AA1068
	Qualidade do ensino por parte dos professores	AA1215
	Tem de haver mais tempo para que seja possível uma maior articulação entre ciclos de ensino.	PB18
	Trabalhos e projetos mais dinâmicos que entusiasmem os alunos.	AA1024
	Usar outras ferramentas de trabalho na escola; (...) Fazer mais trabalhos em grupo e trabalhos de investigação.	AA75
modos de trabalho docente	Deveria haver mais sinergias dentro do grupo disciplinar e com outros grupos	PA12
	trabalho colaborativo sem obrigar a passar mais horas na escola	PA7
mudança geral	Considero serem necessárias mudanças em todos os setores referidos (modos de organizar, gerir, liderar as escolas). A escola não está a conseguir acompanhar as mudanças sociais e políticas que nos rodeiam.	PA15
	Sim. A resposta seria muito exaustiva.	PB38
	Sim. As escolas estão a ficar desorganizadas e com agentes desmotivados.	PA18
não há necessidade de mudança	Não	PA3
	Não	PA6
	Não	PAFC11
	Não	PAFC15
	Não	PAFC18
	Não	PB1
	Não	PB29
	Não	PB32
	Não	PB7
	Não considero.	PA22
organização do tempo	(...) e os horários de tarde	AA954
	As aulas serem à tarde	AA1072
	e eu pudesse eu mudaria (...) os horários que são muito pesados	AB944
	Eu mudaria os horários escolares	AA1071
	horário	AA92
	Horários	AA81
	Horários de prof e alunos que não tornem tão dura a carga de trabalho	PA7
	horários só manhãs ou tardes.	AA722
	mais tempo de intervalos	AA963
	Menor tempo de aulas	AA921
	Mudaria a organização dos horários	AA1075
	o horário letivo - são demasiadas horas na escola	AA104
	Organização de horários	AA1231
	Os horários	AAF824
	os intervalos	AB948
	Os intervalos seriam todos de 20 minutos e um intervalo teria 30 minutos.	AAF818
organização do trabalho dos alunos	A quantidade de alunos.	AA1077
	Organização de turmas	AA1231
organização dos espaços	Na minha escola mudaria a maneira de organização das salas de aula	AB102
professores	(...) e alguns professores	AA81
	(...) e alguns professores	AB943
	A atitude de certos educadores para com os alunos, quer sejam estas atitudes educativas e/ou morais.	AA1076
	A maneira de ser de alguns professores	AAF814
	Alguns professores	AA92
	Alguns professores (...)	AA954
	Se pudesse, trocaria alguns professores com mais idade por professores mais novos porque acho que estes têm mais paciência e ponderação com os alunos em vários aspetos, mas nomeadamente na parte de aprendizagem- têm mais paciência em voltar a repetir o que os alunos não perceberam tão bem à primeira vez e não avançam enquanto os mesmos não demonstram perceber.	AA1217
recursos / infraestruturas	a comida da cantina	AA1078
	condições das salas onde temos aulas, pois a nossa escola está muito degradada.	AB101
	(...) e a net da escola e as cortinas da sala	AAF825

	A comida do refeitório	AA1066	
	a escola distribuir pc's para os alunos fazerem algumas atividades nas aulas e caficos	AAFC812	
	a qualidade dela, a minha escola está em muito mau estado	AB1236	
	Adicionaria um pavilhão de jeito que aquilo não dá para nada	AA1233	
	Apenas gostaria de mudar alguns aspetos arquitetónicos na escola.	AB1229	
	Aquecedores nas salas	AA1010	
	As condições	AB105	
	As condições	AB106	
	As condições	AB107	
	As condições	AB108	
	as condições da escola.	AAFC830	
	As condições das salas de aula e da escola estão péssimas	AB949	
	As condições do local e condições de aprendizagem.	AAFC811	
	As condições não são muito favoráveis	AB1234	
	As condições, como por exemplo, as salas	AB104	
	As salas de aulas	AB945	
	as salas serem mais quentes , arranjar os computadores	AAFC81	
	Condições nas salas de aula	AB1222	
	criar melhores condições para realizarem o seu trabalho	PAFC9	
	deveria também haver uma maior e melhor dotação de material	PB17	
	disponibilização de recursos tecnológicos à escola e de espaços pedagógico diferenciados para além da sala de aula e sala de informática (nem sempre disponível).	PAFC3	
	e tambem remodelação de toda a escola.	AB1219	
	Estrutura	AB1223	
	infraestruturas	AA92	
	mais recursos de modo a adequar as mudanças ao perfil dos alunos e da região em que a escola se insere.	PA9	
	Materiais escolares (Ex: projetores; materiais laboratoriais; tecnologias)	AA823	
	Melhores instalações e melhores tecnologias.	AAFC88	
	melhoria das condições	AA1249	
	meter aquecedores nas salas no inverno	AB840	
	Mudaria os espaços ao ar livre.	AA1244	
	na minha escola no inverno fica muito frio então punha aquecedores	AAFC810	
	não sei... sempre dá para melhorar alguma coisa , só é preciso ter dinheiro	AAFC813	
	O edifício e (...)	AB943	
	o problema centra-se mesmo nos recursos que cada escola tem para poder fazer isso.	PA23	
	O recinto escolar, especificamente as salas de aula, necessitam de uma reabilitação porque não se encontram em boas condições (apenas me refiro ao lado físico da mesma).	AB1114	
	Os campos de futebol	AAFC827	
	Remodelar o polivalente	AB1225	
	Renovaria as salas de aula, para que os alunos se sintam confortáveis no espaço de aprendizagem.	AB1218	
	Se eu pudesse eu mudaria as condições que por vezes não são favoráveis (...)	AB944	
	Sim, no âmbito das novas tecnologias	PB2	
	Talvez a humidade tirando isso,nada!	AAFC829	
segurança e higiene	A casa de banho (...)	AAFC825	
	a limpeza das casas de banho e sabonete liquido para as mãos	AAFC817	
	higiene nas casas de banho	AA1239	
	Papel higiénico nas casas de banho, a nossa escola normalmente não tem	AAFC85	
	Sempre achei que a entrada na escola é muito fácil de qualquer um entrar, desde o 5º ano que vejo rapazes que nem são da escola a entrar nos estabelecimentos da escola e penso que deveriam mudar de alguma forma isso	AA108	
	Ter mais higiene	AAFC81	
fatores promotores de	apoio informático	Ter bons técnicos informáticos de apoio à Direção e aos professores.	PA1
	envolvimento /participação dos alu	(...) e mais participação deles (dos alunos) na escola.	PB30
		Envolver e incluir os alunos.	PAFC10
	flexibilização do currículo	(deveria promover-se uma) Maior flexibilização dos currículos	PB1
	mais autonomia das escolas	Dar maior autonomia às escolas	PB39
	mais tempo para os alunos	haver a possibilidade de os professores dedicarem mais tempo aos alunos de forma a perceber os verdadeiros problemas que cada um tem e que muitas vezes são as barreiras da aprendizagem. Criar uma bolsa de professores tutores com perfil e tempo para dedicar a muitos dos nossos alunos.	PAFC9
		o professor se dedicar verdadeiramente ao sucesso do aluno, ou seja "fazer menos flores" e trabalhar realmente com o aluno que é uma pessoa e não um nº de registo de uma qualquer estatística.	PB24
	metodologias ativas	(...) e maior motivação dos alunos	PB12
		Colocar o aluno como centro do saber.	PB5
		Práticas de trabalho centradas no aluno e nos seus interesses.	PB14
		Tornar a escola mais atrativa, dando às crianças condições para elas terem um trabalho autónomo.	PB2
	monitorizar a aprendizagem	a monitorização sequencial dos procedimentos, o acompanhamento detalhado dos fatores que mais condicionam (no sentido positivo e negativo) a aprendizagem dos alunos.	PB34
	ouvir os docentes	Haver mais colaboração e auscultação dos docentes.	PB15
	partir-se do contexto real	as tomadas de decisão fossem baseadas em experiências no contexto real!! Só avaliando a realidade e recolhendo evidências da mesma é que é possível reajustar processos	PAFC16
	promoção de projetos/ inovação	Apostar bastante na aprendizagem através de projetos e promover cada vez mais a interdisciplinaridade.	PAFC9
		Dedicar mais tempo específico para o desenvolvimento de projetos com os nossos alunos.	PAFC14
		Promoção e disseminação de práticas inovadoras.	PAFC11
		Reduzir os conteúdos "obrigatórios" ao essencial e dar mais liberdade para trabalho de projeto de acordo com interesses e perfil dos alunos.	PA7
		Uma maior abertura a práticas inovadoras (...)	PA11
	promover a cidadania	(...) trabalhar a cidadania (agora é de forma hermética e igual para todos do mesmo ciclo)	PA1
	redes de partilha de experiências	Mais partilha de experiências intra é Interescolas	PB32
	valorização da classe docente	Valorização desta classe profissional	PB26
obstáculos à inovação	burocracia	(...) e burocracia excessivos.	PB26
		A falta de planeamento e a burocracia que retira tempo à pratica letiva e a uma maior eficácia do trabalho colaborativo.	PB18
		Burocracia excessiva	PB12
		Demasiada burocracia que nos impede de fazer o que melhor sabemos queremos que é ensinar	PAFC17
		Excesso de burocracia; falta de tempo para o professor se dedicar devidamente às necessidades específicas dos alunos que podiam ser devidamente conseguidas através de práticas inovadoras.	PB24
		Menos burocracia e mais tempo para o professor se dedicar verdadeiramente ao sucesso do aluno	PB24
		Sobrecarga dos professores com burocracia.	PAFC18
	corpo docente envelhecido	Um corpo docente envelhecido	PAFC10
	demasiada componente letiva	(deveria haver) Menos carga letiva para os professores	PAFC18

	Atribuição de menos alunos, menos níveis diferentes, mais tempo para professores trabalharem colaborativamente e podem, de facto, planificar em conjunto, avaliar a sua ação e reformular quando necessário	PAFC5
	Distribuição de menos níveis de ensino por docentes e mais tempo para a gestão dos projetos.	PAFC3
	Professores com muitas turmas e níveis.	PAFC18
	Reduzir a componente letiva	PA23
	reduzir o nº de turmas	PA23
desmotivação/resistência docente	o receio de inovar	PA17
	A falta de abertura de todos os agentes educativos a propostas de mudança.	PA15
	A reserva que alguns professores apresenta no trabalho colaborativo e /ou cooperativo, bem como na implementação de práticas inovadoras.	PB5
	a vontade dos profs	PAFC1
	As resistências que ainda vão subsistindo por parte de alguns docentes mais conservadores nas suas conceções e práticas	PB34
	falta de motivação (...) dos professores	PB16
	falta de vontade	PB15
	Mudança de mentalidades	PB1
	O imobilismo, o laxismo e o conformismo	PB17
falta de apoio dos E.E.	nem sempre há uma participação e concordância dos encarregados de educação	PA3
	O maior envolvimento dos Encarregados de Educação na educação dos seus educandos	PAFC4
	responsabilizar mais os (...) Encarregados de Educação.	PB39
falta de crédito horário	não há crédito horário para tal.	PA23
falta de recursos físicos/materiais	falta de espaços diferenciados, para além da comum sala de aula e falta de recursos tecnológicos	PAFC5
	escolas com condições físicas e materiais para lecionar.	PB18
	Falta de alguns recursos físicos	PA12
	Falta de equipamentos para professores e aluno	PB16
	Falta de meios tecnológicos	PB15
	falta de meios tecnológicos nas escolas	PAFC2
	Falta de recursos (...)	PA9
	Falta de recursos de vária índole (tecnologia informática, equipamentos específicos, materiais de desgaste, espaços físicos de qualidade, técnicos, assistentes operacionais...)	PB7
	Falta de recursos físicos.	PAFC18
	Não estarem preparadas com os equipamentos essenciais	PB2
	Possuir na escola mais acesso aos meios digitais	PAFC17
	recursos materiais	PAFC1
	Sem recursos é difícil diversificar estratégias, experimentar, inovar e apresentar formas atrativas de ensinar e aprender.	PB7
falta de tempo	Falta (...) de tempo.	PA9
	Muitos colegas/direções são resistentes à inovação curricular porque sabemos de antemão que é exigido muito mais tempo para desenvolver projetos interdisciplinares	PA23
	necessidade de tempo extra de preparação que nem sempre é fácil gerir.	PA11
	tempo para refletir, lecionar, investigar	PB26
imagem "escola modelo"	Acreditar que a melhor escola não é a que nos obrigam a atribuir nota elevadas.	PA1
	Apostar numa escola inclusiva (...)	PA1
	não admitem que a escola tem que ser uma escola inclusiva, só importa as notas altas e o nº de alunos que entram nas faculdades.	PA1
infraestruturas	as instalações da atual escola	PB30
	caraterísticas do espaço físico da escola.	PA3
instabilidade de políticas educativa	Mudanças repentinas nos currículos por questões de diferentes Governos	PB39
	Muita coisa, desde logo a instabilidade legislativa.	PB38
	O tipo de orientação do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	PA18
lacunas na formação de professores	(...) e pouca formação	PAFC14
	(deveria haver) Mais formação sobre a forma de flexibilizar o currículo e avaliação formativa.	PAFC3
	A formação de professores, sobretudo no que concerne a novas metodologias,	PA17
	Desconhecimento	PB32
	Falta de formação nesta área	PAFC10
	falta de (...) formação dos professores	PB16
	Formação de professores	PAFC2
	Oportunidade de formação/preparação dos professores.	PAFC4
liderança escolar	Alguns professores não podem inovar, só o grupo privilegiado do Status quo	PA1
	(deveria ser desenvolvida uma) Melhor comunicação (...)	PB12
	A gestão dos recursos materiais e humanos.	PA11
	Falha na comunicação	PAFC14
	falta de liderança profissional.	PA18
muitos alunos por turma	(para haver inovação deveremos ter) Turmas mais reduzidas.	PA9
	Elevado número de alunos por turma	PA5
	Turmas mais pequenas	PB18
	Turmas mais reduzidas	PB16
não existem	Não há. As aprendizagens dos alunos são excelentes.	PA22
perfil dos alunos	(deveria haver) Mais interesse, empenho e objetivos por parte dos alunos.	PB20
	(dever-se-ia) responsabilizar mais os alunos (...).	PB39
	A falta de objetivos por parte dos alunos.	PB20
	Comportamento dos alunos e a sua motivação para o sentido da escola.	PAFC11
	Maior intervenção/participação dos alunos, expondo as suas opiniões/necessidades	PAFC4
	tentar que os alunos se empenhem mais no ensino /aprendizagem	PB30
preparação para exames	(para haver inovação deveria dar-se) (...) o fim dos exames nacionais como filtro de acesso ao ensino superior.	PA17
	A existência de exames nacionais/provas de final de ciclo	PA17
programas / currículo	(deverá proceder-se à) alteração do currículo	PAFC16
	A extensão dos programas.	PA8
	Excessiva carga horária e extensão dos programas.	PA7
	Não haver tanta exigência a nível de conteúdos e de classificações	PAFC9
	O cumprimento dos programas	PB40
	O currículo e (...) excessivos	PB26
	O currículo extenso e desajustado às necessidades/ capacidades dos alunos; demasiado exigência, contacto dificuldades desde cedo...a escola deve motivar e o primeiro passo deveria ser acessível, efeito pigmaleão... o 1.ºCEB deveria ser um ciclo para suscitar a aprendizagem, a alegria de aprender, a garantia de ferramentas essenciais para todos	PAFC16
	Programas das disciplinas	PA3
	programas menos extensos	PB16
	Uma melhor adaptação dos currículos à realidade vivencial e às expectativas dos jovens da atualidade	PB17

realidade escolar	As alterações que se pretendem fazer muitas vezes não são exequíveis com a realidade escolar com que nos deparamos diariamente	PAFC9
trabalho colaborativo ineficaz	(...) e um efetivo trabalho colaborativo.	PA11
	(deverá...) formar equipas pedagógicas de sucesso.	PA23
	falta de tempos comuns para trabalho de equipa de docentes	PAFC3
	(deveria proceder-se ao) O incremento do trabalho colaborativo	PB34
	(para haver inovação deverá dar-se) Mais atenção às práticas inovadoras que vão sendo implementadas noutras áreas e consequente reflexão aturada e atempada sobre as nossas próprias práticas.	PA15
	A falta de um modelo de gestão flexível e a reflexão dos vários grupos de trabalho.	PAFC4
	Dificuldades de relacionamento entre alguns colegas.	PA23
	O tempo CC, ser corretamente usado para discussão dos professores do mesmo ciclo, não ser apenas um tempo no horário, haver reuniões de grupo disciplinar, aproveitar os conhecimentos inovadores dos professores criativos.	PA1

Anexo 8 – Transcrição das entrevistas – diretores

Transcrição de registo áudio Entrevista ao diretor – Escola A

Entrevistadora (E) - Em primeiro lugar eu gostava de agradecer imenso, sei que esta fase não é de todo a mais indicada...

Diretora da escola XXX de XXX (D) - Não faz mal.

E - Aliás até chegamos a pensar fazer ou não com o professor XXX XXX, mas ele sugeriu tentarmos fazer desta forma para ver se os trabalhos continuam pela parte do doutoramento. Portanto em primeiro lugar agradecer a disponibilidade e a vontade em querer participar neste estudo.

Assim para lembrar, este estudo tem a ver com a questão de como é que as escolas tendo em conta as orientações relativas à autonomia e flexibilidade curricular tendo em conta as referências inclusive de decretos leis e de orientações legais, digamos dos últimos anos, como é que as escolas estão a viver digamos e a apropriarem-se dessas orientações, até que ponto, se sim se acham válidas, se não, portanto tentamos perceber neste estudo como é que as escolas veem como é que sentem como é que vivem estas orientações digamos...

D - Mas nunca devia ter-me posto como proposta porque ele sabe como eu funciono. Na minha escola não estamos.

Lembro-me que na primeira reunião que tive com o ministro da educação o meu maior pedido foi: não legisle, esteja quietinho, deixe-nos trabalhar em paz. Ele prometeu que ia fazer isso, obviamente não fez como os outros também não fazem.

Eu quando li primeiro o decreto de autonomia, o velhinho... Mesmo naquela altura foi assim um flop, mas mesmo quando saiu, para quem tinha algumas expectativas, como eu que até estive em Lisboa numa reunião para conseguir perceber como é que se construía uma autonomia nas escolas.... Pronto foi um flop, e para o seu autor também foi um flop, não temos dúvidas nenhuma, agora não me lembro do nome dele... bem, mas o autor daquele despacho tem um flop. Depois foram saindo imensas coisas que foram retirando autonomia às escolas, não foram dando, portanto... Agora nós temos que pedir autorização mais ou menos por tudo.

Entretanto entra este governo em funções e eu acho que cheio de boas intenções, acho que é importante dizer isto, tenta dar alguma volta possível à situação. Eu acho que ele não conseguiu, porque é que ele não conseguiu, primeiro motivo - sempre fora de horas, quando as coisas apareciam nas escolas era em julho era não sei quê, quer dizer fora de horas.... Eu recuso-me a trabalhar assim, quer dizer eu recuso-me a construir um modelo, diferente daquele modelo que eu já tinha em 15 dias, e sem discutir com os meus pares e sem discutir com a escola inteira, portanto não ia ser apropriado por ninguém, portanto.... Não.

A questão da flexibilização foi um bocado a mesma coisa, ela apareceu assim.... Assim.... Sem qualquer avaliação da situação que existia, sem qualquer indicação teórica de quais as mais valias que poderia eventualmente trazer, em princípio traria, o princípio parece-me bem, eu depois comecei a pensar um bocado na coisa e fiquei um bocado remitente, comecei a imaginar a flexibilização que ia (N.T. - inaudível) aí pela província fora, comecei a pensar nos tachos que isso ia dar aí a muita gente por essa província fora.... Na cidade é mais difícil porque uma pessoa apesar de tudo está mais controlada, mas na província, estou a pensar naquelas aldeias do Alentejo naquelas terras de trás dos Montes, comecei a pensar isto vai dar para tudo, para tudo. Por exemplo pensei nisto: vou apostar (mas não para a minha escola) estava a imaginar se vivesse numa zona rural, vou pegar no ensino tradicional ligado à ruralidade e, portanto, ao meio envolvente e vou convidar quem? O meu Tio o meu Avô o meu padrinho o meu irmão e pronto não gostei.

Portanto eu disse que não no primeiro ano, entretanto fui acompanhando algumas experiências de algumas escolas, algumas meritórias sem dúvida, a generalidade não. Na generalidade o que eu vi foi mais do mesmo com uma capa diferente, estão com três professores ao mesmo tempo, aquele falava de história durante meia hora o outro de geografia durante meia hora e ninguém falava ao mesmo tempo de história e geografia. Não sei se está a perceber com isso o que eu quero dizer. Eu acho que na generalidade não funcionou *mesmo*. Conheço alguns casos em que funcionou e é meritório. O que é que eu senti mais? Que eu na minha escola.... O XXXX conhece-me, vamos começar por aí, o XXX sabe como eu sei que é preciso dar a volta a isto, mas eu acho que se tem de dar a volta a isto... hmm... foi um bocado revolucionário demais, que se tem de dar a volta a isto não assim de vagar... Eu sei que as mentalidades são difíceis de alterar, sei que antes de tudo temos de alterar mentalidades, sei que este sistema tem o tempo que tem... o Sócrates antigo, não o novo, mas de facto a diferença é muito pequena não é... O cérebro das crianças já está mais que estudado, não está compartimentado em caixinhas, ali para a biologia ali para a química ali para não sei quantos... Portanto é preciso apostar em inteligência emocional... Portanto é preciso apostar em muitas outras coisas, e noutras formas de estudar... Nós temos imensos estudos feitos, há imensa coisa que se sabe... Que se sabe não por experiência, mas por estudo, que poderia eventualmente resultar e isso não se está a fazer. Está se a tentar com roupagem nova continuar com o modelo velho. Eu isso é que acho que é aldrabar professores e crianças, sobretudo quando eu não tenho na minha escola, isso é importante que se diga, a minha escola tem características um bocado estranhas, é uma escola do centro do Porto, num sítio muito apetecível, tanto para professores que concorrem para lá como para crianças porque ali há saídas para todo o lado, ali do Bessa não é...

As crianças com algumas... eu por acaso soube esse número exato, mas quê 18% de miúdos do SASE talvez, o que é manifestamente pouco...

E - Sim eu reparei nos documentos...

D - Eu agora já me perdi, já não sei o que...

E - É uma escola com características muito específicas...

D - É, pois muito específicas, porquê? Porque o corpo docente é muito envelhecido, com esta história do ensino à distância... (isto não é bem ensino à distância, mas enfim...)

E - Aliás essa era uma das questões que depois lhe ia fazer, entretanto depois era como é que está a correr esta...

D - Eu apesar de tudo acho que não está a correr mal, mas depois falamos disso. O que é que eu acho é que há pessoas que são de facto muito reativas à mudança e ainda por cima quando os números lhes dão razão, é uma coisa que me chateia, eu uma vez disse no conselho pedagógico, caramba esta escola devia de estar ... (inaudível) no próximo ranking para eu conseguir fazer aqui alguma coisa porque nós somos sempre o top ou a melhor..., portanto é ali o nosso cluster estamos sempre ali fantásticos. Isso é mau, é muito mau, graças a deus que este ano não houve rankings. Porquê? Porque as pessoas quando eu tento fazer alguma introdução perguntam-me para quê XXX? A nossa avaliação externa é sempre muito bom nunca temos pior que muito

bom, os resultados dos nossos alunos são fantásticos... Se eles entram na faculdade o que é que queres mudar? E eu calo-me... Quer dizer... digo ok está bem, mas eu não estou só a pensar nos exames, estou a pensar na criança num todo isto não tem sentido nenhum, é muito difícil fazer qualquer mudança que seja, é muito difícil.

A tal linha da frente que é sempre precisa, em qualquer escola em qualquer organização onde são precisas mudanças tem de haver uma linha da frente coesa e que ande para a frente, e essa linha da frente na minha escola é muito reduzida. E portanto é difícil, portanto digamos que eu não entrei na flexibilização, por um lado por não acreditar nela, porque não acredito nela na generalidade e não me acreditava nela na minha escola, isso é que é importante não é, portanto não me acreditava que aquelas pessoas que ali estão conseguissem... fosse uma mais valia, e por outro lado porque sei que não ia ser bem aceite e aí se calhar já não estou com o XXX, eu acho que não se deve... Eu acho que legislar contra não tem (*sic*).

Ou nós temos pessoas conosco, assumimos o que precisamos, mas temo-los conosco ou então... Eles boicotam qualquer coisa que a gente queira fazer de novo é boicotado pelos agentes principais desta coisa não é, eu isso resolvi que não fazia.

E - Portanto por aquilo que eu entendi...

D - O princípio da flexibilização, o princípio da autonomia o princípio de não sei quê está certíssimo, mas não se traduz em nenhuma realidade substantiva. Em termos de autonomia para a escola não se traduz em nenhuma realidade substantiva e eu acho que ao contrário do que se possa pensar (mas eu ei de ter esta conversa com os meus governantes com quem me dou bem, eu acho que isto vai ficar pior, apesar de aparentemente parecer melhor... Não sei se me está a entender...

E - Podia esclarecer melhor essa situação?

D - Quer dizer, vamos lá a ver, nós temos neste momento um governo que eu sei que quer com toda a bondade e com todos os estudos feitos de uma forma consistente... Ou seja, que entende que este modelo não funciona, eles sabem isso e querem dar a volta, as tentativas sucessivas que tem tido de dar a volta tem tido o efeito contrário, o decreto de lei da inclusão teve o efeito contrário, nitidamente contrário, aquele decreto de lei da inclusão foi feito com toda a bondade pedagógica, com toda a bondade social, mas de facto na prática tem o efeito contrário. Funcionava bem melhor como estava dantes, em que era a escola que determinava... Isso das medidas universais, medidas seletivas, medidas não sei quê, isso são... é que é mais papel é mais trabalho é mais tempo gasto que não se traduz numa mais-valia significativa, aquilo que nós tínhamos antes que era ok, aquele garoto está diagnosticado, tem este problema, o que vamos fazer com este miúdo? Sem ser medida adicional, medida seletiva, medida... São as medidas necessárias para que aquela criança tenha sucesso, e não me interessa como se chama, não me interessa que haja uma equipa (*n.t. emai?*) que tenha de reunir todas as semanas durante horas... Não traz mais-valia. Não trás... não trás... e trás desconforto para os professores ou seja isto faz com que os professores fiquem mais ainda de pé atrás, porque quando se diz que não se quer papeis, quando se diz que o professor é professor e que essa deve ser a sua primeira função, quando se diz que é nisso que o professor se tem de focar (este é o meu discurso diário) mas depois na prática não é verdade, na prática não é verdade (*sic*) nós temos de preencher plataformas todos os dias temos que preencher os papeis todos os dias... E os professores estão zangados, estão zangados (*sic*), é evidente que depois estão zangados por uma questão que eu digo - bem isso vão discutir com o sindicato isso não é comigo, recuperação do quadro, não é? Mas estou com eles, têm razão, mas não é ali o sítio para discutir, é no sindicato. Mas prontos estão zangados também por isso, porque não veem o seu trabalho reconhecido. Ainda tive oportunidade de dizer isso ao secretário de estado quando estive com ele, os professores neste momento estão exaustos, mas quando eu digo exaustos é dez vezes mais exaustos do que se tivessem no regime presencial, e eles sentem que não há reconhecimento porque os pais (bem já estou a passar para o regime presencial) os pais invadem certo? E os pais da minha escola são terríficos, não tem outro nome, eu sempre me dei muito bem com todas as associações de pais, já teve lá o XXX, O Joaquim Azevedo, tive lá gente fantástica como presidente da associação de pais. O doutor Gouveia que era o responsável na câmara municipal do Porto pelas relações... como era? Já não me lembro disso... A nível de contratação de pessoas e tudo passava

por ele, sempre tive gente capaz, empenhada, que trabalhava connosco, esta associação não é assim. Toda esta associação trabalha contra nós, quando ganhou disse temos que tirar daqui esta gente... Que é daquelas pessoas que acham que o menino pode faltar a uma aula de educação visual para ir ao coiso porque a educação visual não é importante certo... Portanto são pessoas que como eu não deixo... Já quase nem falamos, portanto isso é mau, e é a primeira vez que isto está a acontecer, é uma experiência nova, que é trabalhar não tendo os pais comigo, eu agora tenho os pais sem ser na associação de pais, faço de conta que não existe associação de pais e falo com os pais, mas é muito mau, e no ensino à distância isto tem sido muito mau, porque nos primeiros dias, eu escrevi ao meu delegado a dizer que me ia embora, já não tenho idade para sofrer bullying, a sério aquilo era bullying, eu o outro dia pus uma ação crime...

E - Meu deus...

D - Pus uma ação crime porque me insultou e me ameaçou, ameaçou mesmo, e gente da alta, portanto eu não estou... não me apetece (inaudível) com a forma de incompetente, muito menos por esses senhores que invadem, a sério invadem... era a mesma coisa que se estivesse numa sala de aula e houvesse quinze pais a invadir a aula... E é assim que isto está a funcionar...

E - Aliás isso era uma das questões que lhe gostava de perguntar, quais são os três principais problemas que tem sentido nesta nova forma de ensino remoto, e como está a gerir?

D - Logo no início foi a não preparação dos professores já com alguma idade como eu disse há bocado para trabalhar com as novas tecnologias. Depois a questão tecnológica foi resolvida, porque essa no fundo é mais fácil de resolver de tudo, houve formação, nós demos formação aos nossos professores, e agora penso que todos saberão trabalhar, nós trabalhamos com o meets e com o classroom e diria que todos já sabem trabalhar. Agora que a questão pedagógica ligada à questão tecnológica esteja resolvida tenho dúvidas, mas essa é a mais difícil, é muito mais difícil num ensino em que as crianças não estão à nossa frente, crianças/jovens, eu tenho crianças dos seis aos dezoito não é... Mas a principal dificuldade no início foi essa, eu acho que os professores ultrapassaram rapidamente, a segunda dificuldade é que os meninos não aparecem, ou seja, os professores estão a dar aulas para uma parede... Os meninos não aparecem porque aí eu acho que alguns casos são os meninos, noutros são os pais, há mesmo pais tramados...

E - Eles nem se chegam a ligar online?

D - Não, eles podem estar numa conferência, era como agora se eu desligasse a câmara... E - Ahh ok.

D - Agora isto numa aula com vinte e sete é simplesmente horrível... Para falar para 27, eles estão lá, porque quando os professores pedem trabalhos eles respondem, agora é horrível. Aquilo até parece combinado, vamos todos desligar câmaras... Não não acho, também estou a exagerar, mas eu diria que câmara ligada só 10%.

Sobretudo, e isto foi muito mau, eu aí não fiquei nada bem vista com os professores, porque o ministério obriga a x por cento das aulas em aulas síncronas, definir o que é síncrono é difícil, porque há pessoas que ok estamos aqui as duas vamos ligar as câmaras vamos pelo chat falar uma com a outra. Pronto é assim como nós estamos aqui as duas ao mesmo tempo, não nos vemos, mas estamos a falar do mesmo e se quisermos temos o chat, é síncrono, os professores entenderam isso assim. Uma parte dos professores não usava as aulas em videoconferência, usavam o chat, usavam o classroom para mandar trabalhos, para receber... pronto e eu obriguei, isso não se faz, mas disse, meus senhores, peço desculpa, mas não sei como é que vocês conseguem ensinar assim, eu não conseguiria, portanto peço-vos... Não é nada o meu estilo, mas fiz, disse por amor de deus vocês vão ter que experimentar, e se me disserem é pior... Ok ok, Mas vão ter de fazer, zero! E o resultado foi nenhuma cara do lado de lá, é um bocado mau.

Eu houve uma altura em que senti a necessidade de escrever um texto para os miúdos, alias eu escrevi...

E - Eu cheguei a ler...

Diretora - E depois tive outra necessidade de escrever para os professores numa de algum ânimo não é, e admitir que isto não é o mais importante do que estamos a viver agora, o mais importante que nós estamos a viver agora é a saúde, é a nossa saúde, dos nossos pais, a dos filhos, quer dizer desdramatizar um bocado a coisa, dizer - a única coisa que eu quero é que cada um de nós faça o melhor possível, mas não quero que andem exaustos a cair pelos cantos e a meter atestados médicos, tenho não sei quantos professores em casa com atestado médico.

E - Quantos?

D - Muitos! Nem consigo dizer quantos, sei lá para aí dez. Pessoas em casa, que estão em casa que não precisam de vir para a escola, não precisaram de vir para o regime presencial e estão de atestado médico porque não aguentam. Portanto isto para o ano não sei como é que vai ser.

E - Mas esses foram as situações mais complicados então? Os problemas mais complicados que teve que lidar neste momento?

D - Eu acho que sim, porque eu falei com professores, colegas meus de outras escolas e eles não tiveram este tipo de problemas. Tiveram ao início a reação dos professores, mas eu acho que isso foi generalizado e nalguns casos natural, ninguém estava habituado a isto e assim de repente, sem pré-aviso não é... Pronto isso admito e admito que tenha sido geral, agora eu acho que estou a ter ali naquela escola algumas resistências que não são generalizadas, porque eu falo com outros professores e não têm esses problemas. De tal forma que nós fizemos no google sheets um questionário para professores alunos e pais, fiz uma coisa mal foi fazer as mesmas questões depois por ser mais fácil ver os resultados, só por isso porque as questões deviam ser diferentes para os diferentes intervenientes. Pronto o que é que eu sinto, as melhores respostas são dos miúdos as melhores sugestões são dos miúdos. Sem dúvida, mas sem dúvida. As piores são dos professores, e dos pais há de tudo, há aquele que se vê mesmo que está a chatear e há outros que não que têm mesmo críticas construtivas, esse resultado é interessante, eu passei-o para o XXX, não sei se ele conseguiu abrir, mas é interessante porque apesar de tudo é uma amostra grande, responderam 700 e tal pais, muitos miúdos para aí 700 miúdos não sei, é uma amostra grande.

Andamos ainda no ensino à distância, o que vem do ministério de textos teóricos a que nós não estamos habituados, e ainda bem que vem, são bons, são bons (sic), são de qualidade, eu passo para os professores, peço para estudarem, peço para lerem, peço para tirarem ideias... Ó XX isto é novo e isto nunca pode transformar o ensino, não pode, não pode (sic), não pode mesmo transformar o nosso ensino presencial.

E - E estão a fazer formação essencialmente formativa ou fizeram também...

D - Nós tivemos o pedagógico há muito pouco tempo, anteontem para aí para definir... Os nossos critérios gerais... As generalidades dos critérios gerais adequam-se a este ensino, a cursos específicos nem pensar, nem pensar, mas nem pensar mesmo a não ser estes miúdos que agora têm um mês de aulas presenciais, mas nem para esses, portanto nós estivemos a ver o que é que é medível, o que é que um professor pode avaliar partindo do pressuposto que nem sequer pode olhar para um miúdo e ver este está a perceber este não está a perceber nada... Aquela coisa que se chama interação dentro de uma sala de aula, eles não têm, portanto eles só têm... quais são os elementos usados? Autoavaliação sem dúvida e eu pedi para que fosse o elemento mais importante e bem feito, não é? Depois é o questionamento que eles respondem por chat, não sabemos se foi o pai que disse ou a mãe o avô... Não fazemos ideia nenhuma, alguns professores do portfólio, muitos trabalhos, mas individuais, todos os professores manifestaram a dificuldade de conseguir trabalhar em grupo neste tipo de ensino, e é pena porque é um tipo de trabalho a meu ver fundamental, e pouco mais, e as evidências são as evidências que eles vão tendo porque lhes fazem aquela pergunta e ele responde logo... Porque é uma parede à frente, é uma parede...

E - Claro, claro, e estamos todos a viver uma situação peculiar e estamos a construir...

D - E vou ter na segunda-feira uma inspeção na escola e vou dizer exatamente isto: olhe experimente avaliar uma parede onde estão 28 crianças que não vê.

E - E sabe na escola onde eu estou também vai haver, vão chegar segunda-feira a IGEC. D - A IGEC então vai a todo o lado agora.

E - Eu estou na XXX em XXX, na XXX.

D - Quer dizer que a XXX está a funcionar muito bem com a videoconferência E - Sim tem funcionado bem

D - (inaudível) ... por acaso o taxista da Uber tem lá crianças, e o feedback é dele, mas às vezes estes feedbacks são importantes.

E - Pois são interessantes.

D - E ele estava muito contente, os pais também estão porque os professores estão lá.

E - Pois exato, temos usado o Zoom.

D - Nós não, os professores não estão. Portanto tinha imenso trabalho, e tenho, muito mais do que se estivessem a dar aulas presenciais disso não há dúvida nenhuma, e sem terem um feedback... eles não sabem, eles não sabem (sic)... veio-me perguntar a avaliação vai ser fidedigna? Vai o caramba, não vai! Não vale a pena estar com coisas, não vai... não vai... não vai (sic) porque não pode ser, quer dizer não é possível ser, ou se pensa até março... pronto o percurso daquela criança, os professores tenho alguma sorte que o meu corpo docente é muito estável e, portanto, até há professores que conhecem a criança à 4, 5 ou 6 anos, é muito mais fácil não é, portanto quando não é assim não sabe. Nos últimos dois dias eu tenho 7, 8, 9, 10 professores novos. O que é que eles vão fazer? Como é que vão avaliar? Bem o pedagógico definiu uma série de regras, a mais importante é não inventar, a outra é não prejudicar nunca e essas duas eu acho que são as fundamentais, agora nós próprios assumimos que não vão ser avaliações fidedignas, não vão! Vai ser o melhor que qualquer um... E eu nisso acho que as pessoas se vão esforçar por isso, sempre se esforçaram. Acho que vão fazer o possível por ter uma avaliação mais perto dalguma fidelidade possível, mas...

E - Exatamente, e esperar que um próximo ano seja pensado...

D - Isso é outra angústia, não é? Como é que vai ser o próximo ano? Isto vai acabar quando? Porque se as pessoas soubessem ok isto vai acabar a 26 de junho e depois vamos ter as aulas normais como sempre tivemos na vida é uma coisa, mas não sabem isso.

E - Pois não.

D - Isso causa angústia também, eu acho que se pode definir dos professores é angústia e (inaudível)...

E - Acho que sim.

D - Acho mesmo.

E - Pronto se achar bem eu tenho aqui um conjunto de questões que estão relacionadas diretamente com a organização do seu agrupamento, da escola.

D - Ok.

E - Percebendo que vocês não adotarem, (eu já sabia porque já tinha feito alguma pesquisa, percebi pelos vossos documentos também pelo artigo que foi feito o ano passado por colegas minhas no doutoramento que fizeram com o professor, portanto eu li o artigo e fui percebendo e, portanto, a ideia eu aqui consigo era eu tentar fazer algumas questões sobre a organização da escola, ok?) E tentar perceber como é que vocês funcionam enquanto organismo de educação? Como é que se gerem, como é que funciona ok? E tenho aqui vários tópicos e eu ia lançando ok? O primeiro tópico tem a ver, digamos é como se começássemos o ano, com o planeamento curricular.

Como é que vocês fazem o planeamento curricular? Que documentos é que são feitos? Os documentos de planificação mesmo da gestão curricular e do funcionamento da escola, que documentos é que vocês consideram importantes para arrancar o ano?

D - Eu pessoalmente acho que temos demais e podíamos ter menos. É assim nós para avançar o ano temos a matriz curricular tradicional não é, optámos pelos tempos de 50 minutos sempre com intervalos, nunca estamos com um miúdo nem graúdo pode estar mais de 50 minutos com atenção (sic) 50 minutos, 10 minutos de intervalo 50 minutos um quarto de hora de intervalo, e depois definimos a carga horária. É quase impossível com os tempos que nos são dados definir uma matriz decente. Porquê? Eu acho que os miúdos têm muitas aulas, mas tem muitas aulas divididas em muitas disciplinas, como é que lhe ei de explicar? De história tem duas vezes por semana, geografia tem duas vezes por semana, mais esta tem duas vezes por semana, porque não podem ter mais, porque não cabe mais. Nós ainda temos oferta de escola, portanto TIC conseguimos que seja semestral de 90 minutos se não é só 50 e não serve para nada, ligam o computador e estão a ir-se embora, não é? Portanto definimos a carga curricular e essa está definida, está no nosso projeto curricular, na página da nossa escola ao alcance de todos os pais...

E - Esse projeto curricular que fazem é por ano.

D - Não, a matriz que nós fizemos não é por ano, é por triénio.

E - Ah ok, como se fosse um projeto educativo.

D - Tendo uma ressalva, quando foi a primeira vez que a fizemos há dois anos penso eu, quando saíram as novas matrizes acho.

E - Em 2018 exatamente.

D - Temos sempre uma cláusula em baixo a dizer que sabemos que qualquer coisa ali que manifestamente não funciona deve ser melhorada, será melhorada e não esperamos o tempo para, não é... Pronto. Nós temos sempre também, fazemos todos os anos o plano de melhoria do agrupamento, portanto os pontos que nós consideramos os pontos mais fracos e onde o agrupamento tem de melhorar, com estratégias definidas para que melhore, esse trabalho é apoiado pela equipa interna que funciona muito bem e que pronto, todos os anos temos um relatório onde vemos onde foram os nossos pontos fracos os nossos pontos fortes. Depois nós tentámos não fazer muitos mais papéis, depois nós temos os critérios, obviamente, os critérios gerais de avaliação que têm de ser conhecidos de toda a escola e dos alunos logo no primeiro dia de aulas. Eu agora precisava de ir à minha página para perceber o que é que falta mais, mas estão lá todos os documentos na página da escola.

E - E por exemplo esses documentos normalmente... vamos supor por exemplo...

D - O plano de melhoria é anual

E - É anual, eu esse já percebi quem é que o constrói, e por exemplo quem é que constrói normalmente o projeto curricular da escola, quem é que o constrói?

D - A base é o conselho pedagógico, sempre ouvindo antes os professores não é, é o conselho pedagógico com sugestões que são sempre pouquíssimas do resto dos professores, que normalmente dão poucas. Mas é ali uma equipe pequena que manda isto para a frente não é...

E - Quando arranca o ano digamos assim, vamos supor eu vou para a escola agora de novo não é, por exemplo que documentos é que eu preciso...

D - Exatamente, vai ter uma pasta digital que nós lhe damos com todos os documentos, com o projeto educativo, com o regulamento interno, com o projeto curricular da escola, com o plano de melhoria do agrupamento, com os projetos em que nós estamos envolvidos e com a avaliação do que tem sido até agora, com o plano de atividades da escola, que é construído logo nos primeiros dias... Pronto e depois tenho outro documento que é a forma como a escola está organizada, eu já faço isto há muitos anos e aí eu acho que faço bem, não me estou a gabar mas acho que faço bem. Estou a partir de um princípio, os professores trabalham muito, ao contrário do que o pessoal diz “os professores são calaceiros” eu digo o contrário, os professores trabalham muito, logo, tudo aquilo que é pedagogicamente pertinente e importante deve estar na componente não letiva dos professores. Não tem que estar em mais lado nenhum não tem que estar em casa tem que estar na componente não letiva dos professores. Isso o que quer dizer? Que todos os professores que têm ensino básico têm no seu horário uma vez por semana aquilo a que nós chamamos de RAP, reuniões das equipas pedagógicas. Por exemplo, todos os professores que têm o 5º A, B, C, reúnem uma vez por semana está no horário. Uma semana reúnem para ver coisas da turma para o plano de atividades para fazerem cidadania.... Pronto para várias questões relacionadas com a turma, na semana seguinte todos os professores de português do quinto ano reúnem, todos os professores de inglês do quinto ano reúnem, todos os professores de francês reúnem.... Isto parecendo que não obriga ao trabalho cooperativo que é uma coisa que percebi muito rapidamente que os professores só fazem se forem obrigados, e assim fazem com prazer, ou seja, eles assim primeiro fazem dentro do seu horário. Acha que faz muito mais sentido do que estar na sala de estudo a olhar para o teto ou a fazer uma substituição de aulas, aquilo tem sentido, eles ali estão a conversar de coisas que tem sentido para a prática deles, portanto está no horário deles na componente não letiva. Outra coisa que está sempre no horário deles na componente não letiva é a articulação vertical e horizontal, o que é que eu faço, por exemplo do quarto para o quinto, (porque eu sou um agrupamento não é) em português e em matemática durante todo o ano todas as semanas, um professor do quarto reúne (um ou dois ou três aí depende...) reúnem os professores de português do quarto com os professores de português do quinto, e faço isto em todas as mudanças de ciclo do sexto para o sétimo, depois do nono para o décimo que é um ano complicado, em que nós sabemos que é o ano de maior insucesso em todo o país não é? E é muito importante, normalmente nós fazemos isso nos outros anos a português e a matemática, do nono para o décimo já fazemos em mais disciplinas como na biologia que é um bicho de sete cabeças, é uma disciplina de imenso insucesso mesmo no básico, as ciências da natureza, nunca percebi porquê mas é de facto, e essas horas de articulação são importantes, portanto articulação vertical e depois também há a articulação horizontal, no básico já lhe expliquei como não é, com as equipas, no secundário que não há essas equipas porque não faz sentido, não faz muito sentido porque eu não tenho por exemplo no décimo ano quatro professores diferentes de português ou cinco professores de filosofia portanto não faz muito sentido. Tenho a articulação horizontal, ou seja, os professores de matemática reúnem os professores de português reúnem... Depois aí são dalgumas disciplinas que nós consideramos as disciplinas que... é um estudo que nós fazemos sempre também como é evidente que é o estudo de resultados... aquelas disciplinas é sempre decidido no ano anterior quais são as disciplinas que devem ser privilegiadas no ano seguinte por essa articulação horizontal e os professores aí também têm um tempo precioso para conversar como ultrapassar problemas definir estratégias por exemplo como mudar as viagens na minha terra, como... Pronto... E isso está tudo no horário. E quando há pessoas que têm trabalhos específicos, por exemplo a comissão de avaliação interna, tem lá gente que só tem 14 horas de aulas, não são dispersas para outros trabalhos, têm só aquilo no horário. A pessoa dos projetos pedagógicos só tem os projetos, avaliação interna só tem avaliação interna, nós temos um gabinete disciplinar que gere e previne a disciplina e só tem esse trabalho. Os apoios educativos, a forma como vamos articular os apoios, como damos, a quem damos, qual é a estratégia como é que pomos um a reunir com outro, também tenho uma equipa que só tem isso no horário, e isso é importante porque eles não se têm de estar a dispersar por milhares de coisas.

E - E, portanto, essas equipas educativas, portanto por aquilo que eu percebi, quando estão a pensar no trabalho do professor no início do ano já estão a pensar nas equipas de trabalho que...

D - Já estão no horário quando é entregue ao professor.

E - Já estão no horário ok, por aquilo que eu percebi, portanto seriam professores nessa lógica da articulação quer horizontal quer vertical, mas há outro tipo de equipas?

D - (inaudível) ... as equipas são no 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, isto... pronto... aí fazem-se naturalmente... o trabalho sobre a turma e depois de facto a articulação horizontal porque eles de 15 em 15 dias reúnem os professores de cada disciplina.

E - Portanto aquelas reuniões ditas do conselho de turma, do tradicional conselho de turma fazem com alguma regularidade? Não?

D - O tradicional conselho de turma não, não fazemos de todo. Não fazemos a não ser que haja um professor ou diretor de turma que estejam com problemas muito graves muito específicos e que me digam “preciso de uma reunião!” eu a primeira coisa que pergunto é “ouve lá não consegues discutir isso em RET e se calhar ouvir outros professores de outra turma não vai ajudar?” e normalmente eles dizem me que a RET funciona.

E - Portanto os professores que são de uma determinada turma só se juntam no início do ano, e depois?

D - Depois nos momentos de avaliação, ou naquelas que vem no estatuto do aluno quando ultrapassam x medidas cautelares... pronto

não é muitas vezes como é evidente. Mas nós acabamos... (eu aí é uma história que me põe muito zangada ainda falar disto e ainda vou ter de tirar a limpo... Não é tirar a limpo é pedir contas a quem de direito. Há muitos anos (já estou naquela escola já fez 25 eu sei lá... estava naquela escola há três anos e eu instituí uma coisa, achava que aquelas reuniões intercalares, lembra-se que havia dantes que eram aqueles conselhos de turma intercalares que eram horrorosos era toda a gente a dizer mal de toda a gente, os miúdos eram todos terríficos, aquilo era tudo a falar, conheciam a mãe o tio o avô e eu achava aquilo uma promiscuidade do pior e achava que eram mais negativas do que positivas. Acabei com isso e fiz uma coisa que é reuniões pontuais, o que é que isso quer dizer, isto funcionou brilhantemente naquela escola durante mais de 20 anos. Durante dois dias a meio de primeiro período e durante dois dias a meio do segundo período paravam as aulas. E nesses momentos no primeiro período éramos muitos mais... cada pai podia estar individualmente com cada um dos professores dos filhos, sabiam onde estavam e falava-se sozinho com o professor dos filhos, isto é fundamental. Parece que não, mas é. E contribui sempre para o sucesso. Quando me perguntavam “porque é que tens sempre tão boas notas?” eu dizia “porque trabalhamos com os pais”. E então nesse primeiro momento no primeiro período éramos muito mais nós a receber coisas, a saber coisas, a saber como funcionava o aluno, tentar perceber como é que funcionava a cabeça dos meninos, os pais sabem, funciona melhor a decorar funciona melhor a ler funciona melhor a escrever, pronto saber se tinha problemas se não tinha problemas, se era desinibido se não era se tinha características de líder se não, bem não interessa, éramos nós muito mais a recolher coisas porque nós ainda conhecíamos mal. A meio do segundo período já não, aí já éramos muito mais nós a dar informação para o ajudar e a gerir objetivos, e é por isso que pode haver sucesso. Nós, muitas vezes se dizia “olhe o seu filho definitivamente não gosta de história, não gosta, ele desde o 7º ano que tem negativa a história, nós já tentámos tudo ele não consegue, mas ele não pode reprovar por não gostar de história, ele não vai eu proíbo-o de mexer em história até o final do ano, rapaz pegue no português e na matemática que tem que subir para poder passar... Este tipo de coisas é importante.

E - É uma espécie de tutoria de verdade.

D - Sim, é definido, com os pais nós pedimos aos pais para levarem os filhos, gerir com pais e os miúdos traçar objetivos para o meio do segundo período pelo Carnaval, ainda há muito tempo até ao final do ano, para conseguir recuperar miúdos que poderiam eventualmente reprovar se não tivessem esta....

E - E neste momento ainda fazem esta estratégia?

D - Não, porque o ministério, e ainda por cima foi este governo PS no seu primeiro ano, há alguma coisa no decreto lei de lançamento do ano letivo que diz exatamente isto “que a escola só pode parar uma vez por ano durante dois dias para atividades que na sua autonomia julguem portanto fazer.” eu não quero só uma vez uma vez não me serve e falei com o João Costa na altura e expliquei-lhe pelo telefone olhe, desculpe lá não dá... lembro-me perfeitamente, eram 11 da noite e o diretor geral telefona-me porque prometeu que me ia telefonar e me diz que era muito difícil mudar uma coisa que não tinham sido eles a construir porque eles estavam no início de facto, tinha sido o outro governo a construir aquele decreto... mas pode fazer um regime de exceção caramba, é admitir que isto tem utilidade... Mas não podia era muito difícil muito complicado por questões técnicas porque a ideia era fantástica e queriam disseminá-la e queriam isto e aquilo. Portanto para o ano... Eu no ano seguinte vejo outra vez a porcaria daquela coisa e fico passada, passada! Bem e disse tudo o que tinha a dizer, e não conseguiram dar a volta, não conseguiram, não conseguiram (sic) aquela porcaria está lá e eu acho que eles se esqueceram daquela coisa a sério, eu acho que aquilo já está lá há 500 anos, sempre esteve e eu nunca cumpri, nunca cumpri, nunca! Nem comunicar, não fazia pronto, achava que tinha razões pedagógicas para poder fazer aquilo e fazia. E há uma atividade que nós avaliamos todos os anos, eu tenho a avaliação dessa atividade desde há 20 anos para cá, então é assim a avaliação é esta, a última que fizemos do primeiro período que agora estou a fazer uma vez só mas vou parar. Era assim participaram 86% dos pais, não sei se sabe o que é 86% de 700 crianças estarem numa escola, é imenso. Depois desses 80 e tal 98% prefere estas reuniões e não ter aulas do que ter aulas, noventa e tal por cento (quase 100) consideram a iniciativa de importância elevada... Mesmo assim eu mandei estes dados todos, vários relatórios, vários, vários... Com o parecer do conselho geral com o parecer do conselho pedagógico com o parecer de toda a comunidade não é, toda a gente acha bem, o ministério diz que não. Isto é autonomia? É por isso que não acredito.

E - Pois, a questão da autonomia.

D - Eu não me acredito, e quando me dizem “podes fazer isto porque tens autonomia” eu tenho quê? Vai dar uma volta pá, eu nem consigo fazer uma reunião com pais que tu não deixas. Pronto, não há autonomia. Eu acho isto demais, é um exemplo só entre muitos, mas é vergonhoso, é quando toda uma comunidade educativa quer uma coisa, quando foi demonstrada a validade dessa coisa, quando essa coisa dá frutos e dizem-me não por causa de um artigo num decreto-lei, que eu acho que nem lê.

E - Que sentido é que pode vir ter?

D - Isto não tem sentido, ninguém me consegue explicar o sentido disto não é... Mas eu também não me vou incomodar mais, já me incomodei muito, já escrevi muitas vezes, já... pronto não me vou incomodar mais.

E - Mas na verdade são as tais autonomias...

D - Eu estou a ficar velha, mas no ministério está pouca gente assim, eu sempre fui militante do ensino como eu costume dizer, e

estou completamente... não me apetece, só me apetece ir embora, não me apetece ser diretora, não quero, quero me ir embora... As pessoas é que me deixam vir, mas eu para o ano não venho... (risos)
Mas é mesmo... As pessoas trabalham, trabalham mesmo. Nesta altura para preparar este terceiro período que os pais dizem que os professores estão em férias, não é? Nós não tivemos um dia de férias de Páscoa...

E - Nós também não...

D - (inaudível) (quando perguntei ao meu homem??) olha lá quantas horas é que eu trabalhei este fim de semana que eu nem dei conta? E ele disse, "Mas eu contei, foram 21h." Fim de semana!

E - Não faz sentido.

D - Qual é o resultado? E qual é o feedback?

E - Começa a chegar a um ponto de saturação...

D - É, as pessoas que me conhecem já não conseguem ouvir isto, mas eu ilustro sempre isto porque quando me falam em autonomia eu rio-me. Quer dizer se nem isto podemos fazer que é uma coisa simplicíssima, que não implica nada, nem mais dinheiro nem mais nada, não implica não estou a onerar os cofres públicos e nem isto podemos fazer... O que é que nós podemos fazer?

Isto é com a autonomia que o ministério quer que a gente tenha, e que eles não conseguem ter, ficam muito zangados quando eu digo isso, mas é verdade. Aí chuta para as escolas, avaliação do secundário? Não, não vamos falar, têm que ser as escolas. Ok. Se faz o favor como é que vão avaliar o secundário? Quer dizer, aí temos autonomia. Os nossos senhores governantes, de quem eu gosto (diga-se de passagem) conseguiam regular a avaliação do ensino secundário agora, mas nós temos que a regular e até temos inspeções, não é?

E - Porque é que acha... Um exemplo que deu que era uma autonomia que parece simples e óbvia, porque é que considera que... o que é que será... Como é que pensa tendo em conta a sua experiência, porque é que será que não tem havido esse tipo de autonomia há mais tempo? Ou porque é que não há?

D - Não sei, eu não sei mesmo... Eu acho que não é... Eu acho que nós temos que distinguir governos, mas acho mesmo, e temos que distinguir ministros, não tenho dúvidas, os modelos que este governo... Eu não digo governo, vamos falar do ministério, o nosso ministro conheço muito mal, mas conheço bem os secretários de estado e estou na generalidade com eles, eu acho que os modelos teóricos que estão naquelas cabeças são modelos teóricos eficazes que pretendem a autonomia das escolas que pretendem que isto ande para a frente, em modelos diferentes que não nos ponha a trabalhar para os exames do superior, que acham mal...

Mas depois conseguir dar o passo em frente é muito difícil, e eu admito que é muito difícil. Eu às vezes penso "caramba XXX estás para aí a protestar, mas diz lá o que é que fazias se estivesses lá..." e é difícil, não é fácil...
Agora houve outros ministros que não queriam mesmo...

E - Exatamente...

D - A primeira vez que não pude... Já era governo PS, mas quem estava aqui era o Mesquita, era o diretor geral, conhecia porque era diretor de uma escola e conhecia-me assim das reuniões de diretores como não sou propriamente pacífica ele conhecia-me, e um dia à noite telefona-me e diz me - ouve lá vamos ter problemas amanhã. Ai vamos? Mm Porquê? - Porque tu vais fazer essa coisa e é proibido, e vais ter um processo disciplinar.

Eu disse olha estás a brincar? Não vais conseguir pôr um processo disciplinar porque eu já não me apetece chatear contigo e não vou fazer.

E - E fazer o quê?

D - Essa segunda parte das reuniões.

E - Ahh, a tal.

D - A primeira vez ainda era o João que lá estava, agora é completamente diferente, eu agora nem acho que nunca falei com o nosso delegado sobre esta questão porque ele não tem poder de decisão, eu sei que ele não tem, também tenho a certeza que se fizesse ele não me ia chatear nada, zero, disso tenho a certeza absoluta. Agora não vou fazer sabendo que a administração sabe que isto existe, que foi pedida autorização (coisa que eu nunca fazia) foi pedida autorização várias vezes que essa nunca foi dada (sic) depois não respondem... Por acaso responderam a dizer não é permitido devido ao artigo não sei quantos não sei quê... Por isso eu vou responder para lá e disse (sic) obrigado, também sei ler.

E - Que autonomia é que gostaria de ter?

D - Toda (risos) olhe logo para contratar professores que era logo um problema, tinha os sindicatos todos a baterem-me, mas logo essa era fundamental.

Eu gostava de ter uma autonomia que me permitisse estar um ano, dois anos, dois anos (sic) assim num período sabático a conversar com pessoas que também estão num período sabático a pensar o que é que vamos fazer com isto? O que é que nós podemos fazer? Porque se não for assim... Às pinguinhas não é autonomia, eu não acho que seja autonomia ... Que autonomia é que eu tenho? Ora vamos lá ver, dizem que o diretor tem os poderes todos centrados em si, autonomia de quê? Poder de quê? Ir justificar faltas? Não me apetece não gosto.... Qual é a autonomia que eu tenho?

E - Mas em que domínios é que queria ter? Já percebi contratar professores, ok, mais?

D - Definir... Mas isto é lirismo...

E - Mas não interessa...

D - Tinha que ter o poder, e isto é perigoso, de alterar todo o esquema de ensino pronto. Eu não quero ter aula de Biologia de Física de Química de Matemática de não sei quantos de não sei quê. Eu quero projetos, eu quero outro tipo de... Não tem nada a ver com isto, mas isto é perigoso, é muito perigoso.

E - Em que sentido?

D - Porque é que é perigoso? É muito perigoso no sentido que isto ou é muito bem monitorizado ou isto pode dar para tudo, isto pode dar para o bem ou para o mal. O que eu tenho a certeza absoluta é que os miúdos ficaram muito mais motivados (sic) primeiro, se eles fossem os agentes de aprendizagem, isto é, um clichê, mas é verdade, é verdade... Quer dizer não têm de estar ali a ouvir um professor... Aquela seca que não se pode, não é? Outros a lerem powerpoints, outra seca que não se pode, e acham que fizeram um grande avanço porque já têm powerpoints. Pronto... Agora já todos temos projetores, agora é os projetores com aquilo... Não há paciência, não muda nada... O facto de ter lá um projetor, onde o professor projeta, dantes era powerpoint agora já não é, é uma coisa qualquer que fazem em casa para projetar para os miúdos e depois ler... O que é que mudou? Rigorosamente nada, portanto eu acho que temos que ter um tipo de ensino.... Primeiro - não centrado na avaliação como está o nosso, não pode ser centrado na avaliação e tem que ser centrado na aprendizagem dos miúdos e para ser centrado na aprendizagem e na autonomia dos miúdos.... As pessoas dizem não se pode ter o prazer de estudar e estudar é doloroso eu fico danada porque eu tinha um prazer imenso em estudar sobretudo quando tinha professores que me conseguiam cativar, eu não me esqueço nunca mais do meu professor de filosofia, não ei de esquecer, nunca mais, era um homem brilhante, aquelas aulas eram... Não era o “Merli?” mas era uma coisa parecida não é, por exemplo essas aulas do Merli eram fantásticas...

E - É eu vi a série também...

D - E se virmos com atenção aquilo não eram aulas de filosofia, não eram... Eu lembro-me perfeitamente uma vez, e eu fiquei a pensar nisso toda a vida, nós pedíamos aos miúdos auto- avaliação e que nos avaliassem a nós, eu pedia que avaliassem as minhas aulas sem... Não tinham que pôr nomes... Queria era saber de facto onde é que eu podia melhorar e onde é que eu estava a ser seca... e engraçado que houve uma turma que para aí 80% disseram nós gostamos muito das aulas da professora porque as aulas da professora não são só aulas de português, e eu fiquei a pensar nisso, fui para casa, disse caramba agora estou a chatear os gajos com isto com isto (sic) e depois percebi o que eles queriam dizer, eram os saltos que uma pessoa tem de saber dar para poder passar... está no português mas já está na matemática porque a linguística da matemática de facto o português tem tudo a ver com a matemática e depois já estava na física e depois... conseguir fazer isto com os miúdos... para já é preciso alguma cultura geral que nem todos os professores têm, pronto é preciso, mas mudar... quer dizer mas eu ia mais longe que o Merli não é. O projeto da minha escola é este, aquilo que existe, o perfil à saída do secundário... o que eu quero é que os meus alunos sejam capazes de trabalhar muito mais competências do que conhecimentos assim soltos não é... O que eu quero que os meus alunos saibam ao fim da saída desta escola consigam fazer é isto isto isto e isto (sic), para eu conseguir chegar a isto eu tenho que fazer isto e nós podemos fazer isso. Isso não se faz assim, ou seja, não me vou sentar com sete pessoas da minha escola: “como é que vamos fazer isto?” Isto faz-se com algumas cabeças pensantes e estudiosas que se sentam durante um ano provavelmente a pensar como é que se pode fazer isto, mas de certeza que se pode, isso não tenho dúvidas tenho a certeza que...

E - Eu estava-me agora a lembrar que existe aquela portaria que saiu entretanto depois a seguir ao decreto lei o 55, depois da autonomia e flexibilidade curricular saiu uma portaria que lhe chamam um plano específico, um plano de inovação pedagógica que é uma autonomia plena para as escolas poderem fazer... porque foi uma tentativa de avançar, a autonomia e flexibilidade curricular tem x de autonomia, mas como ainda não era suficiente, ou ainda tinha várias alíneas não é, a portaria com um plano de inovação pedagógica, e pelo que eu percebi houve até várias escolas que apresentaram um plano mas o próprio ministério foi dizendo: mas reparem que vocês podem fazer isso sem ser um plano de inovação, já com o que existe mas isto para dizer que realmente parece haver deste ministério uma tentativa realmente de dar autonomia às escolas de construção de uma nova...

D - Completamente de acordo...

E - Por exemplo só por curiosidade, vocês chegaram a fazer este plano de inovação pedagógica, não? O PIP?

D – O plano de inovação pedagógica não inova muito, quer dizer é de novo nova... (inaudível)

E – Parece-lhe que sim?

D – Parece, parece... Eu li-o com atenção, discuti-o, pensei ok o que é que a gente pode fazer com isto que seja de facto inovador? A maior parte das coisas nós já fazíamos... quer dizer ali não trouxe muita inovação, se calhar houve escolas em que trouxe muita mais-valia, mas eu acho que ali não trouxe, eu acho que nós já fazemos muita coisa há muito tempo, muita coisa quer dizer... aquelas coisas que nós podemos fazer...

E – Por isso é que eu lhe estava a perguntar, mas o que é que quereria fazer? Que autonomia?

D – O que eu queria era mudar este sistema de ensino, este sistema de ensino compartimentado, em que é tudo na sua gavetinha, não é? O trabalho em projeto os brainstormings os designs thinking os não sei quantos, quer dizer isto pode na prática funcionar e tenho a certeza que o tipo de competências e o tipo de autonomia que os miúdos iam ter no fim do seu percurso ia ser melhor.

Eu acho que há conteúdos básicos... eu também não sou assim tão tola, eu às vezes dizia que as pessoas têm pouca cultura geral agora, e têm, mas seguramente é porque a escola então não está a funcionar nem aí, ou seja ela funciona assim com base nos conteúdos e o resto é treta e mesmo assim não funciona porque as pessoas hoje têm menos cultura, aquilo a que se chama cultura geral, mas têm outra cultura que se calhar eu não tenho, a cultura tecnológica que eu não tenho seguramente, agora eu acho que há conteúdos fundamentais, acho mesmo, acho muito importante as crianças saberem a nossa história, acho que é muito importante saberem a nossa cultura, acho que é muito importante saberem raciocinar em termos matemáticos, isso é importante, mas o raciocinar em termos matemáticos não precisa de ser uma coisa abstrata, estou a pensar em miúdos pequeninos, organiza aí um torneio de futebol, por exemplo, pode ser outra coisa qualquer, era tentar... É muito difícil falar sobre isto, o que está em causa não é só as metodologias, essas são mais fáceis de mudar... quer dizer são difíceis de mudar, mas são mais viáveis, é mais possível, não implica de facto nenhuma autonomia especial, nós escola se tivermos unhas para saber tocar guitarra podemos alterar as metodologias de ensino, aí não há dúvida, aí o ministério tem toda a razão, aí os culpados... nós (sic) que ainda não conseguimos, e quando eu digo nós, e agora peço desculpa mas digo as elites das escolas não é, porque todas as ocupações têm de facto uma elite e as escolas também têm, eu sei bem com quem trabalho, sei bem quem chamo, sei bem quem são as estruturas intermédias, pronto é muito difícil conseguir mas quer dizer essa responsabilidade é nossa não é do ministério certo? Eu não posso dizer eu não gosto da forma como as aulas estão a ser lecionadas, eu não posso dizer eu não gosto da maneira como os miúdos estão a aprender história porque o problema é nosso, não é? E nem isso conseguimos dar a volta e para isso não é preciso autonomia nenhuma, alias eu costumo dizer que em todas as escolas (não sei como é a sua), em todas onde eu estive, não foram muitas porque já estou nesta há muito tempo, mas estive em algumas, em todas as escolas em que eu estive o que pior funcionava eram os departamentos. Eu estive num departamento que funcionava bem, foi em Lisboa no Passos XXX, adorei lá estar, comemorei lá os cinquenta anos do XX XXX e vi os castigos que o Jorge Sampaio teve por estar a comer gelados dentro das escolas, aquilo foi um... Mas lá o nosso departamento de Português (era uma escola grande o XX XXX) o que é que nós fazíamos, tínhamos as portas abertas, eu nunca consegui fazer isso na minha escola, as nossas portas estavam sempre abertas para os nossos colegas, “entrem quando quiserem não precisam de avisar” e as nossas reuniões (na altura não era de departamento, eram reuniões de grupo) as informações de (inaudível) dava-se no papel e está feito, e depois discutíamos, conversávamos...

E – E porque é que acha que hoje não é tanto assim?

D – Eu fiz essa tentativa, eu consigo fazer isso, eu já tive muitos estágios na minha escola. Eu comecei nesta escola e venho da de XXX, lá o XXX foi meu orientador e depois eu fiquei a orientar e depois vim para esta, e vim também orientar estágios no início e eu conseguia era com todos os grupos fazer isso e era muito interessante, eu pegava nos estagiários de todos os grupos disciplinares (ainda não era o estágio integrado) eram professores de todo o direito, não é? Pegava em todos os grupos e iam assistir às aulas uns dos outros, uns tinham grelha outros não tinham grelha e fazia ali coisas engraçadíssimas com eles. Com os professores não posso eles não vão, não deixam, eu fiz essa proposta no pedagógico milhar de vezes, eu digo-lhes que a avaliação externa vai chegar aí porque não é possível que não chegue aí... bem não vai ser uma avaliação externa não se vai ver aulas. E na nossa não tem, na nossa avaliação externa, não se vai ver aulas e isso é fundamental. Um exemplo no colégio alemão os professores passam sempre por observação de aulas, sempre, sempre, sempre, e não é uma nem duas.

E – E porque é que acha que os professores têm esse entrave?

D – Também já é assim desde que eu me conheço, e por isso também estão a reagir muito a esta forma de dar aulas porque eles já não se gostam de expor na sala perante os alunos ainda há alguma exposição, quanto mais estando o resto da família toda a assistir se quiser, não é? Mas é mesmo, não é?! Isto é uma invasão da privacidade que é de loucos é de loucos...

E – É verdade.

D – É de loucos, é a escola a invadir uma casa, não pode.

E- Estávamos a falar no seguimento da autonomia porque eu perguntei-lhe que tipo de autonomia gostaria de ter? E começou a dizer-me que relativamente à metodologia as escolas até têm autonomia, mas não avançam...

D – Acho que há quem não queira, como a minha escola como eu já lhe expliquei tenho o azar de dirigir uma escola que sempre estive no topo dos rankings e quando eu quero mudar alguma coisa até as metodologias dizem-me para quê? Para piorar? Nem penses estamos tão bem assim... O que é que eu digo? Isso não é tudo, há coisas muito mais importantes, mas cai em saco roto, não é?

E – Eu sei que é um problema ou uma discussão complexa, mas numa frase conseguia dizer-me então a escola tem muito bons resultados, porquê? Porque é que está no topo do ranking sempre?

D – A nossa escola?

E – Sim.

D - Porque tem professores cumpridores, automaticamente assim, são tipo autónomos são mesmo cumpridores aquele daquela matéria e aquela matéria que está naqueles três livros os meninos sabem todos e o professor é impecável a transmitir aqueles conteúdos, são de facto bons professores nesse nível, a nível de transmissor são bons professores, não faltam, faltam muito pouco. Os alunos são meninos com aspirações, eu não tenho CEP nem profissionais, são miúdos que eu diria 90% dos nossos alunos tem aspirações de entrar na faculdade, isso é logo uma razão para que os resultados sejam bons, não é? Estudam muito, depois a escola é muito organizada, eu acho que isso dá segurança tanto aos professores, a história destas reuniões já está tudo no horário direitinho não há que enganar, agora vou estar com aquela colega que ensina comigo físico-química, depois vou estar com os meus colegas do 8ºC... quer dizer, está organizada e isto apesar de tudo dá segurança às pessoas. Bem eu não gostava de trabalhar assim, mas pronto, dá segurança às pessoas? Eu acho que dá... Os miúdos é muito importante, a expectativa que eles têm é fundamental... a organização da escola... e ahh acho que há outra coisa importante, é a disciplina, sempre estive no nosso projeto e ainda não saiu, a disciplina no sentido de os miúdos saberem como se comportam numa sala, lá fora podem gritar berrar ou saltar, nas salas não podem, não podem e nisso eu sou completamente intransigente, mas sou completamente intransigente. Se há um menino que não deixa que os outros aprendam porque não se cala não sei quê, rua, levá-lo ao Pai olhe lá aqui não fica, quando conseguir que ele fique quietinho numa sala de aula ele volta. Faço coisas destas com os pais que são completamente ilegais, e tinha que ir ao estatuto do aluno fazer o processo disciplinar... Também faço, também faço... Mas aquilo que dá mais resultado é quando eu com os pais decido o que faço. Lembro-me perfeitamente de uma história muito engraçada com um miúdo que eu gostava muito de facto, mas que era tramado! Tramado! Os professores já não o podiam ver e ouvir, era um miúdo do oitavo ano 14 anos, aquela idade simpática... e eu falei com ele e ele dizia-me eu vou ser melhor. Mas porque é que tu não te portas bem? Porque eu não consigo, não consigo, não consigo... aquilo é chato eu não consigo. Ó pá eu sei que é chato, é chato, mas vais ter intervalo daqui a bocadinho... Até que o miúdo tem 3 faltas disciplinares seguidas e eu chamo o Pai, e disse-lhe olhe é assim, o miúdo estava com negativas a 3 ou 4 disciplinas e era uma miúdo que tinha tido notas bem boas em anos anteriores, portanto era mesmo a crise dos 14, eu disse ao pai olhe vamos fazer assim, não vou fazer nenhum processo disciplinar, vamos conversar os dois com o Bernardo e o Bernardo durante um mês inteiro, ele era do oitavo portanto tinha todas as tardes com aulas e duas manhãs com aulas nas três que não tens aulas vens para a biblioteca, e eu prometo-lhe que os professores lhe dão um plano de trabalho e que esse plano de trabalho tem também a ver com as notas dos testes... A nota mais baixa foi 90% e o pai só me pergunta e ele não pode ficar assim até ao final do ano?

E – Mas lá está isso tem a ver com a autonomia com decidir as coisas no momento, não estar preocupado com entraves...

D – Alias eu fui chamada para essa reunião em Lisboa quando foi produzida essa primeira lei de autonomia porque constava em Lisboa que eu não ligava assim muito às leis que iam saindo, então o que é que me perguntam? Era o Marçal Grilo, lembro-me perfeitamente era eu o João Barroso e a administração e o que é que eu estava lá a fazer? Eu nem sabia. E o Marçal Grilo disse assim: “Ouvi dizer que não é assim muito cumpridora...” Começou logo... (inaudível) mas eu era muito jovem, tinha 30 anos ou trinta e tal anos... “queríamos saber as regras que não cumpre que é para a partir daí começarmos a construir a autonomia.” Foi mesmo assim que ele me disse, achei piada e disse “acho mesmo que é uma boa forma de começar a produzir um documento sobre autonomia. Pronto e foi uma pena o João Barroso ficou tão triste...”

E – Eu já ouvi falar...

D - Foi mesmo a montanha a parir um rato.

E – Exato.... Sobre a questão das boas notas, de estarem posicionados sempre muito bem no ranking deixe-me só perguntar o seguinte: Imaginemos que deixava de haver um sistema de entrada na faculdade através dos exames... do modelo que temos...

D – Tomara eu que isso acontecesse...

E – Exato, mas vamos supor que isso acontece mesmo, julga que a forma de trabalhar, essa orientação ou metodologia a forma de trabalhar dos professores mudaria na escola? Na sua escola?

D – Nalguns casos mudava de certeza porque alguns professores funcionam assim porque acham que têm mesmo obrigação que os meninos tenham boa nota nos exames porque não é essa a sua forma de estar e de ser. Portanto tenho a certeza que em muitos alteraria de certeza a metodologia para melhor, também não tenho dúvidas.

E – Noutros não...

D – Noutros são assim mesmo e são, continuavam a dar as suas aulas tradicionais, tinham um programa cumpriam o programa o melhor possível de certeza, para outros não. Mas eu acho que a maioria só era benéfico para o ensino secundário disso não tenho dúvida nenhuma que acabasse de sermos nós os responsáveis pelo ensino superior que não tem nenhum sentido...

E – Tem essa ideia...

D – Sentido nenhum, eu se fosse faculdade não queria assim, agora são é preguiçosos, não querem ser eles a fazerem os... agora estou a brincar, mas se calhar...

E – Ao que parece sim, eles não querem neste momento tomaressa...

D – (inaudível) escolher os meus alunos, por que raio é que um miúdo com média de 18 há de ser melhor médico do que um com média de 14? O que é necessário para ser um bom médico são tantas coisas... Isto é absurdo, para todos os efeitos é absurdo.

E – E nessa situação que metodologia é que acha que os professores fariam mais?

D – Darem mais tempo aos miúdos, porem a fazer mais trabalhos de pesquisa, trabalharem mais a autonomia... Isso eu estou convicta que melhoraria... Mesmo trabalhar em projeto por exemplo, eu acho que sim que havia professores que sem dúvida se não tivessem a pressão do exame... Não ter havido os do nono este ano foi fantástico, e eu espero que eles se esqueçam para o ano que havia dantes exames de nono, esses podiam acabar já, foram os do sexto e agora haviam de ser estes. Mesmo nesses as aferições, as aferições, que todos nós sabemos para que serve uma prova de aferição, não é para avaliar meninos é para aferir sistemas é para aferir... Os professores ficam malucos, eu comecei a ver, eles o ano passado acho que tiveram matemáticas ou foi ciências já não sei, no quinto ano acho que tiveram ciências o ano passado, foi uma disciplina qualquer que eu comecei a ver as pautas e disse o que é isto?! A disciplina de maior insucesso na escola é ciências? Está tudo doido... no quinto ano... O que era? Iam ter prova de aferição. As provas de aferição pressionam os professores, que fará exames...

E – E essas metodologias que considera que podiam ser mais usadas, ativas, trabalho de projeto outras metodologias mais modernas digamos assim...

D – Em grupos que são mais animadoras pronto sem ser o senhor doutor não é, mais animador mais...

E – E acha que essas formas de ensinar não trazem os mesmos resultados ou até melhores do que as metodologias mais transmissivas, mais passivas?

D – Trazem melhores resultados, porque eu quero acreditar que a aquisição de conhecimentos as duas trazem, mas também quero acreditar que as metodologias mais ativas em que ele está mais envolvido em que o aluno se sente o seu próprio agente... quer dizer acho que aí não tenho dúvidas nenhuma que em termos de autonomia, de responsabilidade de maturidade de crescimento... Não tenho dúvidas que tem resultados muito melhores.

E - Mas se os resultados fossem idênticos a nível de conhecimentos, de transmissão de conhecimentos...

D – Mas não é isso que é importante caramba... Eu lá na escola por exemplo dou prémios, dou o prémio da excelência, que é o melhor aluno daquela turma... não é verdade não é só um por excelência, de excelência é são alunos que têm que ter no básico... não podem ter nenhum 3 e acho que só podem ter um ou dois 4 não sei... no secundário não podem ter nenhuma nota abaixo de 15 nem em exame nem em frequência pronto, depois tenho o prémio de progressão que é o miúdo que mais progride do primeiro para o terceiro período e depois temos o prémio de ver a escola, quando eu lá cheguei já havia os prémios de excelência não havia era os outros e aqui mérito um bocadinho meu e este prémio de ver a escola é o que mais me diz porque são os miúdos que participam nos projetos, são os miúdos que colaboram connosco... por exemplo tão engraçado quando foi esta preparação da escola para o presencial uma miúda veio ter comigo e disse professora (do 11º ano) nós não podemos vir ajudar a preparar a escola? Vir limpar vir não sei quantos e não sei quê? Claro! Nós estamos todos fartos de estar metidos dentro de casa, nós vimos para aqui com regras com não sei quê e vimos, mas caramba com regras nós sabemos limpar cadeiras sabemos limpar mesa... E foram.

E – Uau.

D – E partiu deles, ninguém lhes propôs nada. Mas eu dou todos os anos para aí quatro discursos em que explico que esta parte é...

E – Mas tinha dito que para alguns alunos considero que isso não conta, disse essa expressão...

D – Diga?

E – Mas eu percebi que disse que. Quando eu lhe disse assim as diferentes formas de ensinar se atingirem os mesmos resultados porque é que não se optam então pelas metodologias ativas, mais ativas e eu percebi que me disse porque não importa ou não tem os mesmos...

D – Não, não.

E – Então percebi mal...

D – Eu acho que o que as metodologias ativas podem trazer de mais-valia para a personalidade do jovem no fim da escolaridade são muito mais importantes do que o conteúdo em si só.

E – Então porque é que acha que as escolas não têm trabalhado mais essas metodologias? Ou a sua escola em especial?

D – Bem eu acho que os exames são uma coisa terrífica para o ensino secundário, mas acho mesmo, acho que são um impedimento para quem está à frente das escolas e os conselhos pedagógicos e as pessoas que não têm tempo nenhum de casa mas são naturalmente pessoas ativas e que se interessam pela educação, tenho a certeza que as coisas funcionavam de maneira diferente se não houvessem os exames, não tenho dúvida nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma... (sic) Não tenho dúvida nenhuma que a qualidade do ensino, a qualidade do ensino... pronto isto é assim... qualidade de ensino? O que é isso da qualidade do ensino? Isto dava para mais... (mas a qualidade de ensino) aumentaria brutalmente, mas logo, logo... não tenho dúvidas, não tenho nenhuma dúvida, é perverso, nós estarmos a trabalhar para os exames é perverso. E estamos a destruir o que de bom nós podíamos eventualmente dar aqueles jovens. É uma coisa que me mete muita impressão, mete-me muita impressão...

E – E, portanto, considera que na XXX de XXX as metodologias na sala de aula são mais então centradas na...

D – Pronto há sempre exceções (inaudível) para outro tipo de... com outro tipo de... que alias nunca estão na sala... vejo-os nos (inaudível) outras vezes no... Pronto... Mas são de facto uma minoria não é, eu diria que há um em cada 20 ou 30...

E – Tradicionalmente continuam a ser mais expositivas, maistradicionais... D – O Gonçalo tinha razão, são uns chatos. (risos)

E – Nós fomos falando de várias coisas o que foi ótimo naturalmente, mas deixe-me ver se há aqui alguns tópicos... Eu percebi por exemplo que os horários que vocês estipulam no início do ano eles mantêm-se ao longo do ano, ou vocês alteram os horários? A forma de organizar...

D – Às vezes tem que se alterar porque sei lá por exemplo não consigo que venha um professor porque o horário é incompatível com não sei quê...

E – Sim, mas por essas razões, mas...

D – Mas agora mudar de disciplinas, aquilo que algumas escolas fazem não, a matriz curricular do início do ano é igual à do fim do ano.

E – E a forma como... ou a forma vá que constroem para exemplificar a matriz ela mantêm-se ao longo do ano.

D – Exatamente.

E – Muito bem, como é que agrupam os alunos? Por exemplo no oitavo ano têm vamos supor 600 alunos fazer o 8º ano, como é que os agrupam?

D – É assim, os miúdos seguem, só mudam quando? Do quarto para o quinto, depois do sexto para o sétimo porque têm que escolher a língua, não é? E têm que escolher a oferta de escola e depois do nono para o décimo porque têm que fazer os cursos... Se não seguem, portanto, oitavo é o sétimo é a continuação, de resto nós fazemos sempre um inquérito aos miúdos eles ao mesmo tempo que se inscrevem têm um papel onde dizem as suas preferências “eu quero ter espanhol e quero ter oficina de fotografia, ou quero ter Francês e não sei quantos”, portanto nós explicamos que aquilo não é obrigatório de ser assim. Também temos em conta recomendações dos conselhos de turma quando dizem “alto lá! Não convém que estes dois artistas fiquem juntos que isto é pólvora, vejam lá se os separam...”. Pronto e é mais ou menos assim, e depois a regra é... (e esta está escrita, deve estar na net, nós esses documentos acho que estão lá todos) é tentar que a turma seja equilibrada, como nós somos um agrupamento, eu gosto muito de ser agrupamento, eu sou contra os agrupamentos (escrevi uma carta aberta ao nosso antigo ministro, ao matemático).

E – Sim o Nuno Crato...

D – Mas gosto do meu, do meu gosto, começa no primeiro ciclo, portanto é do 1º ao 12º e é muito bom pegar nos miúdos e não há aquela história que havia dantes nos pedagógicos: “e porque é que... Falta de bases. Falta de bases?! Vocês estão a brincar comigo, ele era nosso aluno toda a vida como é que é falta de bases? Nós somos uma porcaria, não é?” Portanto essa falta de bases já quase não existe, mas é bom de facto acompanhar os miúdos e vê-los crescer é muito engraçado, mas já não me lembro qual foi a pergunta...

E – Por causa do grupo de alunos, como é que vocês...

D – Ah pois, as regras são estas, são turmas heterogéneas ou seja tanto o sexo isso tentámos equilibrar quando é possível, há anos em que nascem muito mais raparigas e outros em que nascem muito mais rapazes mas pronto tentámos equilibrar aí, no aproveitamento e no comportamento, porque os professores têm na última reunião que dizer direitinho em relação a cada criança (é uma ficha muito simples) comportamento bom, suficiente ou muito bom, aproveitamento x... pronto e depois as turmas têm que ter isso em conta para fazer as turmas não é (sic),

E – Ok.

D – Quando eu tentei também neste plano para a melhoria que apareceu, que nós temos também algumas coisas interessantes, mas

eu contei e tive foi há dois anos tentei e foi chumbado. Tinha eu já não me lembro se eram 12 ou 14 alunos todos do oitavo ano, todos reprovados e todos com dupla retenção, eu queria fazer uma turma só com esses meninos, eu já tinha feito uma experiência dessas há uns anos, mas que foi uma experiência muito engraçada porque foi monitorizada a par e passo pela faculdade de psicologia com o Matos e com o Zé Alberto Correia, foi muito interessante aquilo porque foi monitorizado mesmo com eles o ano inteiro. Portanto não era assim, mas queria fazer e garantir ao ministério fazer a proposta que poria lá aqueles que eu considerava serem os melhores professores da escola... Não foi... Não foi...

E – E porquê?

D – E claro que dos 14 passaram 3 ou 4, eu depois mandei para lá o resultado, pronto não me deixaram fazer ok fantástico. Nove ou dez tornaram a reprovar e três ou quatro passaram.

E – E justificaram o porquê de não aprovar? D – De?

E – Porque é que não aprovaram o ministério eles justificaram a razão?

D – Não, não sei se se lembra como é que aquilo funcionou, nó tínhamos que fazer sugestões de medidas que pudessem melhorar o agrupamento, isto está a acabar, durou para aí quatro anos isso... pronto e essa não passou, não passou nem sequer foi por uma questão de dinheiro não é... 14 alunos não compensa...

E – Pois...

D – Agora é que vêm o que é que não compensa, a razão foi puramente economicista não foi outra...

E – Pois que é o habitual.

D – Deve ter sido o ministro das finanças a decidir. Mas é uma pena, naquele outro exemplo que nós tivemos e eram 10, eu era a diretora de turma deles, eu adorava aqueles miúdos, passaram os 10 mas nenhum passou por favor, nenhum! Passaram os 10, e continuamos a acompanhá-los, uns foram para Londres outro para Inglaterra, eles apareciam lá na escola porque criou-se ali uma ligação que foi mutual.

E – Porque aí precisavam de uma turma a mais, não é? Mas vamos supor que tinham os alunos todos do oitavo ano, ou do nono ou sétimo, seria alguma vez pensado agrupar os alunos de acordo...

D – Por níveis de competência?

E – Por níveis ou por gosto por determinados projetos, uma semana estão estes alunos outra semana estão outros ou não? Mantêm sempre os mesmos grupos?

D – Mantemos, mantemos se calhar não devíamos, mas mantemos. E – Sim já percebi, o grupo/turma...

D – Uma coisa que eu não deixo mesmo, que às vezes aparece, quase todos os anos aparece a proposta lá de fazer a turma só com meninos com dificuldades porque os professores assim conseguiam centrar melhor a sua metodologia naqueles meninos, naquelas dificuldades... Eu acho que isso é mentira, isso é mentira, acho que eles próprios puxam por eles próprios, acho que tem que haver modelos diferentes junto desses miúdos que têm dificuldades, (inaudível) que ajuda não é aquela que é boa aluna e que está ao pé daquele que é mais fraco, eu sempre fiz isso, e eles ajudam-se mutuamente... E depois ia haver de certeza eu nem sei como se chama isto, mas aquele preconceito “aquela é a turma dos...”

E - Mas então como é que vocês fazem quando têm estes alunos com muitas dificuldades?

D – Quando temos esses alunos eu sou muito chata porque aí sim eles têm mesmo de dar propostas concretas de como... primeiro têm que fazer o diagnóstico e quando os conhecem há mais tempo é mais fácil quando não conhecem há muito tempo é difícil. Portanto eles precisam de 3 meses para fazer o diagnóstico de porque é que aquela criança não aprende bem ou qual é o problema dela, e porque é que aprende bem aquilo e muito mal aquilo.... Há situações muito... temos miúdos por exemplo na área artística que são fantásticos! Mas fantásticos daqueles... eles vão ser talentosos se conseguirem chegar a uma faculdade (só que não conseguem, não é?) e são um desastre a história geografia ciências e economia... agora aquele miúdo vale ouro, aquele miúdo ali... vale ouro, não é?

E – E o que é que acha que está a acontecer...

D – Tem que me explicar quais são as dificuldades que a criança tem e depois vamos juntos analisar o que é que fazemos para conseguir, muitas vezes isso é feito nessas reuniões porque estão lá os professores, não é? E estão professores que também dão essa disciplina noutras turmas para outros miúdos que podem propor estratégias diferentes, esta é uma das boas razões das equipas, são as propostas, não é? É o professor do 8º ano que tem aquela criança que não sabe como dar a volta, no 8ºB há um professor que tem um miúdo semelhante e conseguiu dar a volta e explica como conseguiu, estas trocas de experiências são importantes mesmo para ultrapassar isto, depois temos apoios tradicionais que não... quando não é mais do mesmo é bom quando é mais do mesmo não é. Eu agora os apoios sim já pedi para porem por níveis, por níveis de dificuldade, quer dizer não ter no mesmo apoio miúdos em estados muito diferentes porque isso não dá, têm de ser poucos, menos de 5, e o professor naquele pouco tempo que tem com eles tem que

conseguir chegar a todos e não consegue chegar a todos se as dificuldades forem completamente diferentes... pronto apostamos sobretudo na matemática e no português e não deixo que haja apoio a história geografia ciências isso não deixo, não deixo mesmo, mais não sei quantas horas na escola por causa disso... O que é que nós fazemos que eu não sei se todas as escolas fazem? Eu predisponho-me sempre, sempre (sic) a ajudar um professor que está com dificuldade ou um conselho de turma que estão com dificuldade e chamam-me “vem cá pode ser que tu consigas ter uma ideia dessas tuas para conseguir isto” pronto, há esta abertura não só da minha parte como eu diria de quase todos para ajudar professores do pedagógico acho que sim.

E – Ok, mas as estratégias são mais então centradas pelo professor na sala de aula

D – Disso não temos dúvidas eu tento que o apoio seja a última, porque não acredito que seja por ter mais ensino que ele aprenda melhor. Não acredito... Há ali algum problema que tem de ser resolvido, às vezes são problemas médicos e somos nós que os descobrimos, somos nós que dizemos ao Pai e à Mãe “por amor de deus leve a criança ao médico, há aí um problema, mas há um problema mesmo” e a maior parte das vezes há, quando nós dizemos isto há mesmo e vêm nos agradecer. Mas há tantas razões pelas quais um miúdo não aprende... Eu acho que a principal é ele não saber, é o atraso é a autoestima em baixo, é o ele já não acreditar e isso o tipo de apoio que tem que ter nós temos muitas tutorias, muitas tutorias, mas não são as tutorias normais, são as tutorias dirigidas, ou seja por exemplo aquela criança é ótima aluna a tudo a matemática é o desatino. Porquê ele não acredita que consegue aprender matemática, tem negativa há 3 anos e ele não acredita, e eu começo a pensar apoio de matemática nem pensar! Para o que é que serve? Para nada! Na aula de matemática porta-se mal... pois está farto daquilo não percebe nada. Então eu penso olha para conseguir subir a estima àquele gajo aquela mulher ali era fantástica e então é à la carte, é aquela professora para aquela criança, as tutorias ali são muito bem... há essa equipe que ajuda e que conhece muito bem a escola que são só três pessoas que gerem isso tudo pronto e depois sempre comigo e funciona muito melhor do que o apoio, são sempre individuais, às vezes mando-os dar uma volta “saíam da escola”, são sempre individuais e à la carte, eu escolho o professor que quero para aquela criança.

E – Ok, é mais um acompanhamento afetivo, relacional...

D - Muitas vezes cognitivo também, pronto é no fundo o que a criança precisar, não é?

E – Muito bem, antes de passar para a questão da avaliação só lhe queria perguntar o seguinte, dentro das salas de aula que recursos... como é que organizam a sala de aula? Como é que pode descrever...

D – É horrível...

E – É horrível? (risos)

D – A verdade é que antes não era assim sempre, eu tinha essa chatice em Gondomar, porque eu nunca consegui dar aulas em... assim dar aulas... Eu dava em grupo, pronto eu dava sempre aulas em grupo e depois as pessoas diziam que eu desarrumava a sala, e eu dizia peço desculpa mas tu é que me desarrumas sempre a sala, sempre que cá venho tenho que arrumar a sala... pronto ali eu própria fui experimentar as salas não cabem... ou seja eu não consigo por outra disposição porque se não eu obrigava, decidia as aulas arrumadas aqui são assim (sic) mas não consigo porque não cabem já tentei tudo, um U com dois grupos no meio, só grupos, não cabem, as salas são minúsculas, depois das obras da parque não cabem, aquelas salas foram mesmo feitas para ter os meninos uns atrás dos outros, entre mesas o professor não cabe no meio das mochilas não sei quê não consegue andar entre eles...

E – Então deduzo que tenha o quadro e as cadeiras, portanto não há livros ou materiais...

D – Não percebi.

E – Deduzo por aquilo que disse que não haverá livros ou outros materiais... D – Sim há, livros?

Livros dos miúdos há...

E – Sim, mas eu estava a dizer uma espécie de espaço com oficina com prateleiras com livros...

D – Ahh não, não, não... Agora todas as salas têm projetor é verdade, essas coisas estão lá todas nunca me falta nada, agora o essencial não está.

E – Ok muito bem, relativamente à avaliação como é que na sua perspetiva no agrupamento que dimensões da avaliação são mais valorizadas? Ou que dimensão?

D – Não está a falar agora desta altura especial, está a falar no funcionamento normal, não é?

E – Exato, numa situação normal que dimensão ou como é que vêm a avaliação, a avaliação dos alunos, estou a falar...

D – Eu acho que é um documento que muda quase todos os anos porque é de facto o assunto que mais se discute naquela escola, porque é um assunto onde as pessoas têm muitas certezas, eu acho fantástico mas têm, e então há professores que acham que os meninos têm mesmo é que saber quantos reis eram em Portugal, têm que saber como foi a batalha de Ourique, saber não sei quê porque tem que saber conteúdos e quem sabe é bom quem não sabe não é, pronto há professores assim e se calhar até são a maioria (não tenho a certeza) só que não conseguem, quer dizer enquanto tiverem lá um pedagógico não conseguem levar isso avante, não conseguem pronto, nós temos os critérios específicos que a meu ver são muito mal feitos, muito mal feitos eu acho que quilo não são critérios mas pronto eu não vou discutir isso mais já discuti muitas vezes mas o próprio pedagógico acha que sim mas para mim não são, para mim aquilo são as metas misturados com os programas misturado com... pronto para mim aquilo não são critérios

específicos só critérios gerais. Nos critérios gerais eu insisti (está na net) e muita coisa no domínio da cidadania está lá, está lá mesmo agora eu não tenho pesos porque eu não sei medir, e a outra grande discussão é que nós não temos pesos sei lá para aí há 15 anos lá na escola, para aí e fui eu que acabei com eles porque primeiro percebi que em recursos em sede de recurso o menino tinha sido sempre positiva e depois teve uma negativa no fim e o pedagógico reunia e a professora escrevia que o menino não participava, e eu quero escrito, onde é que está escrito que ele não participa? Mostra quantas vezes o chamaste? Onde é que isso está escrito? Não estava em lado nenhum, portanto um professor o que é que fazia? Ou (nt - dizia) ele porta-se mal... Eu quero lá saber que ele se porta mal, desde que saiba francês... O que nós estamos a avaliar é o francês não é se ele se porta bem ou mal nesta altura... bem... E eu percebi que os professores usavam os pesos para conseguir não majorar, não usavam os pesos para majorar, mas usavam os pesos para... (aliás esta escola é fortíssima a dar notas) usavam os pesos para... pronto então acabei com os pesos, mas estão lá os critérios estão lá, todos aqueles da área da cidadania estão lá... E depois perguntam-me e como é que tu consegues avaliar isso? E eu disse olha desculpa lá há coisas que são objetivas e que eu consigo, há coisas que nós percebemos pelo comportamento da criança, pela forma como ela interage conosco com os adultos com os colegas a solidariedade que tem com os colegas a forma como ajuda... essas coisas nós vemos, agora dizer isto vale 20% não consigo, não consigo, não consigo (sic). Portanto o que é que acontece? Nós temos esses critérios gerais e esses critérios gerais lá na escola servem para majorar... Isso é grave pronto... E não consigo ir muito além... Não consigo ir muito além... Quer dizer consigo..., mas quantos recursos eu fiz passar em pedagógico porque o professor dá negativa, só responde com os resultados obtidos do miúdo nos testes não sei quê e não me diz se ele é pontual se era atente se faz o trabalho de casa, se é solidário não sei quantos se é compreensivo se é companheiro... não me diz nada disso... disse “olhe peço desculpa, não estão a ser cumpridos os critérios de avaliação. Disse-o de forma que passou, ficou danada depois do pedagógico... Porque não estão cumpridos os critérios gerais e se estão a senhora professora não demonstrou que estivessem, não disse nem uma palavra sobre isso, portanto o recurso...

E – Considera que os professores na sala de aula quando estão a avaliar os alunos valorizam mais uma avaliação formativa ou uma avaliação sumativa?

D – Não tenho dúvida que dizem que valorizam a formativa, mas que de facto valorizam a sumativa. Nenhuma dúvida, e agora é que eu estou a ver isto, agora vê se muito bem... Claramente...

E – Como assim?

D – Claramente quem sabe valorizar a ação formativa porque quem não sabe valorizar a ação formativa não sei como é que vai avaliar no final deste período.

E – Pois exatamente, porque está agarrado aos testes, não é?

D – Que não há, e a criança não tem culpa nenhuma...

E – E que instrumentos...

D – E isto é bom... quer dizer isto é horrível, eu às vezes sou mesmo pérfida, mas sou porque penso caramba isto para o ano... eu daqui consigo tirar muitas coisas para discutir para o ano... Eu ter uma comissão agora vai ser ótimo vou ter os professores todos a terem que perceber... sou mesmo má porque eu às vezes acho que é preciso assim um abanão para as pessoas perceberem que isto não é preto no branco, não é?!

E – Exato, então os professores de uma forma geral quando a escola decorre normalmente... os instrumentos que utilizam para avaliar os alunos normalmente quais são? Assim pelo seu conhecimento.

D – E no regulamento interno está escrito isto é mau, o nosso regulamento interno obriga a dois instrumentos escritos por período, não diz que são testes, pode ser trabalho pode ser..., mas tem que ser em sala de aula certo? Pronto. Dois instrumentos escritos, pode ser um trabalho de investigação mas tem de ser em sala pronto e depois usam, aí depende dos professores mas há professores que usam uma panóplia de instrumentos há quem saiba usar muito bem os portfólios e para mim ainda é das melhores formas de avaliar porque temos ali as evidências todas de vários domínios... Dá muito trabalho quando se tem muitas turmas mas há quem use muito bem e depois é a observação em aula é os trabalhos em casa mandam muitas vezes fazer trabalhos de investigação... O interesse mostrado quer dizer o ir além de, nós também temos muito disso lá na escola, meninos que fazem o que a gente pede e muito mais! Um aluno perguntou-me para aí há cinco anos... (eu já estava na direção, mas estava a dar uma aula) eu não sei qual é a sua área...

E – É Português.

D – Então é a minha também! E estava eu a dar os Lusíadas e um puto do nono ano pergunta-me assim: “Professora – Diz lá, estás aí a pensar em qualquer coisa... - Estou, diga-me o esoterismo (inaudível) ... na mensagem não foi pedida nos Lusíadas?” E eu fico a olhar para o artista... “claro foi! Fico a olhar para ele e disse “sim senhor vamos conversar os dois para a semana vamos os dois tomar um café e conversamos sobre isso!” são assim...

E – É um luxo...

D – É um gosto enorme mesmo.

E – É um gosto enorme mesmo.... Ok, mas a avaliação considera...

D – (inaudível) Que era da opção do 12º, na altura em que havia aquela disciplina que era de opção... Era o XXX que estava no ensino secundário, foi lá que (inaudível) chamava-se ensinas discursos (inaudível) os miúdos aprendiam a escrever em oficina, fantástico, esses miúdos hoje têm 40 e tal anos convidam-me para jantar todos os anos, tratam-me por tu e nas aulas já me estavam a tratar por XXX, porque aquilo foi uma empatia tão grande de trabalho tão de perto era o discurso amoroso, o discurso policial o lógico foi o discurso político... isso é maravilhoso. Tenho imensa pena, isso é um tipo de autonomia que eu gostava de ter.

E – Mas aí já é uma autonomia na decisão do currículo.

D – Mas é na decisão do currículo... neste caso eram um bocadinho mais velhos não é eu não posso introduzir ali nada não é, não posso...

E – Exatamente, agora só para terminar então o último tópico tinha a ver com a organização de uma forma geral a questão de como é que vocês funcionam relativamente à... (eu já fui percebendo há bocadinho) a questão da melhoria contínua, já percebi que vocês tinham uma equipa que todos os anos faz uma espécie de observação atenta daquilo que pode ser melhorado nos anos seguintes, é assim?

D – Sim faz uma... como é que eu ei de explicar... decidem... elas não podem todos os anos observar tudo que é impossível, eu por exemplo já ando já há 3 anos que não avaliam o grau de satisfação das pessoas e eu pedi-lhes agora por favor no próximo relatório eu gostava de saber como é que isto está a esse nível. Elas pegam nos resultados sempre e depois para além disso pegamos... elas pegam em temas... em temas não... sei lá... o funcionamento dos departamentos por exemplo, e depois com inquéritos com entrevistas com não sei quantos fazem o seu trabalho no fim produzem um relatório onde o papel do diretor de turma, a forma como o diretor de turma está a interagir com os alunos, com os pais, se é líder se não é líder se consegue dirigir os professores por exemplo... Vários domínios, sendo que não podem ser sempre todos porque não é possível e depois produzem um relatório no fim do ano que vai a conselho geral e que vai a conselho pedagógico que contém os pontos fracos os fortes também claro, no fim em síntese e que contém propostas de melhoria, e é a partir desse relatório que a nossa escola faz o seu projeto de melhoria.

E – Ok, e considera que essas estratégias (porque as escolas de uma forma geral têm esse plano) considera que essas estratégias são efetivamente levadas à prática ou é mais um documento burocrático...

D – Na nossa escola não, não, não. (sic) Lá na escola aquilo depois... a regra é esta, vai ao conselho geral e vai ao pedagógico, no pedagógico nós fazemos o levantamento das questões essenciais e depois damos ordens.

E – Ok, de transformação...

D – Mas damos ordens mesmo, fica no papel, damos ordens. Por exemplo diretor de turma, verificou-se que tinha estas falhas, estas falhas estas falhas (sic) para que isso não aconteça tem que funcionar assim assim, assim assim (sic) quando as coisas são assim a preto e branco não é, mas há outras alturas que são mais complicadas e exigem muitas conversas e isso é muito importante.

E – Sim...

D – Essa parte é... eu acho que é o fundamental na direção de uma escola, é essa parte que não se vê, não se vê, mas de falar com as pessoas. Eu percebo aquela professora de português, tenho lá uma professora de Português que é muito... quanto basta... e pus-me a mim própria uma vez por semana estar meia hora com essa senhora a conversar com ela e essas partes são muito mais importantes do que muitas coisas que eu pudesse fazer. Eu acho que é fundamental. Um bom diretor (eu não me considero uma boa diretora, agora estou velha) mas um diretor precisa a meu ver de uma coisa, respeitar muito o trabalho dos professores, se não, não consegue ser bom diretor, não consegue. Saber gerir conflitos e saber ouvir as pessoas, saber ouvi-las e depois saber dar o feedback, não é? Eu acho que isso é fundamental, acho que é muito mais importante que todo o resto.

E – Eu diria que aquilo que acabou de dizer serve também para o professor/aluno...

D – Sim também claro, os professores não ouvem os alunos muitas vezes coitados eles nem têm tempo de antena alguns, mas é verdade.

E – A relação, não é? Comunicação/relação...

D – É.

E -Relativamente à questão da melhoria contínua da organização vocês têm algum plano de formação? Que constroem, não? Cada professor vai fazendo...

D – Sim, esse plano de formação também é feito com base naquele relatório da comissão de autoavaliação, se ela reconhece que naquele ano por exemplo que os diretores de turma não têm perfil de líder... eu não consigo conceber um diretor de turma que não tenha perfil de líder, ele tem que liderar os colegas os alunos os pais... está no nosso plano de formação, diretora de turma liderança... não interessa, bom... mas também é feito por duas formas: os próprios departamentos fazem propostas como em todas as escolas “eu preciso disto, eu preciso disto, eu preciso disto...” e nós pedagógico quase que impomos outras não é? Decidimos outras...

E – E considera que a formação realmente melhora a organização? Tem um papel fundamental?

D – Depende, eu acho que na generalidade não, mas a culpa não é dos professores aí... eu acho que... pois... Eu tive uma vez uma formação não digo o nome que parece mal que era exatamente sobre gestão de conflitos que eu estava a ficar maluca com um psicólogo completamente apanhado da pinha e às tantas já dizia que eu era não sei o quê... vim me embora, vim me embora: “desculpe não tenho paciência não posso não consigo, já me estava a fazer mal à saúde... pronto tem que ser gente em quem se tem algum respeito não há hipótese,, quer dizer que saiba e quem se tem respeito não é?

Por exemplo não sei se tem seguido estas coisas que eu acho muita piada que se têm feito na Católica...

E – Estou estou no Doutoramento...

D – Eu acho piada por exemplo esta história que a XXXX está a fazer, e foi esta pandemia que fez com que a XXXX pudesse...

E – Sim eu tenho seguido sempre sim. D – Não é tem sido interessantíssimo! E – Tem.

D – E se calhar é muito melhor é uma hora, mas em muitos casos se calhar muito melhor do que 20 horas de formação.

E – É, É...

D – Eu sinto isso em relação à formação...

E – Não sei se ouviu ontem o secretário de estado...

D – O XXX e o ...

E – Secretário de estado, foi a propósito de um livro para o qual eu escrevi um texto também, foi interessante também, eu peguei em textos dos alunos (eu tenho quatro turmas) e a partir dos textos deles tentei criar um texto que refletisse como é que os alunos vivem, ou estiveram a viver este tempo de pandemia em casa, foi muito interessante foi uma espécie de puzzle de tentar...

D – Eu o livro ainda não o li todo, já o li na diagonal, mas não me pus nele mesmo... E – Sim, mas a católica também se renovou nesta situação é verdade.

D – Aprendeu-se muito, aprenderam-se as fragilidades, acho que cada escola se quiser olhar mesmo para dentro percebe bem que estas situações onde estão as suas maiores fragilidades. Isso para melhorar é fundamental, não é?

E – Exatamente e a formação poderá...

D – Há formação muito boa, eu falo por exemplo de mim, eu tirei muitas formações, formações muito boas e há outras que nem por isso, há outras..., mas eu não tenho paciência para estar, quando não... eu vinha-me embora, mas por exemplo eu tinha todos os anos o XXXXX que faz formação para os diretores em conjunto com um protocolo com a câmara eu não falho um, não falho um, são todas fantásticas. E toda a gente tem uma capacidade de comunicação que é fundamental, não é? Não é só o saber é a capacidade de comunicar, eu assisti a coisas fantásticas, fantásticas ali, foi tudo muito bom.

E – Discute-se muito esta questão nas escolas como é que uma organização escolar consegue renovar-se e melhorar...

D – E porque não renovar-se por dentro? E – Sim por dentro

D – Eu por exemplo sou formadora na avaliação lá certificada por aquela coisa de Braga... já dei muita formação quando era mais nova, mas agora as pessoas também estão cansadas...

E – Pois há essa cultura que começa a ser obstáculo, não é?

D – Sim até porque nós podemos começar a fazer a formação por dentro, eu tenho gente naquela escola completamente capaz de fazer boa formação nalgumas áreas não tenho dúvida nenhuma, mas não querem, não querem...

E – Pois, pois... Muito bem, então a última questão tem a ver com o seguinte: vocês pertencem, ou como agrupamento há alguma rede de escolas numa lógica de partilha de experiências, partilha de aprendizagens de....

D – Não não, nós temos é uma coisa que é bem interessante (da XXXX) que é, eu queria fazer o contrário, mas agora só eles é que ganham o que eu digo. Tenho todos os anos XXXX assim sei lá para aí 15 XXXXX das diferentes áreas disciplinares, todos professores que vêm para a nossa escola durante um período ver aulas dar aulas assistir a aulas, eles gostam muito de vir para a nossa escola porque dantes iam para as aulas e estavam a assistir a aulas... Eu disse vocês estão proibidos de vir para aqui assistir a aulas! Querem dão o corpo ao manifesto ou não dá! Pronto, fantástico esse trabalho foi fantástico nós temos aprendido imenso com eles e eles conosco.

E – Que interessante...

D – É muito engraçado esse projeto e é da XXXXXX, chama-se... não sei. É desses professores contribui... como é que ei de explicar... para a progressão na carreira, em vez de terem de estar a fazer aquelas formaçõezinhas eles vêm (são os melhores que vêm, eles concorrem, são os melhores) vêm para aqui e depois no fim têm que fazer um relatório bem estruturado de como foi a experiência aqui, é interessante.

E – Mas os vossos professores vão lá depois? Há uma troca?

D – Pois não, falta essa parte, falta o Rui Moreira deixar pagar os nossos professores, não é? Já não pode pedir o apoio da Junta de freguesia de Ramalde coitado. Mas ali é a Junta da Galiza mesmo que paga.

E – Exatamente já percebi...

D – E é uma experiência interessante por ser doutro país, e eles vinham cá agora, vinham cá com turmas e, entretanto, com a pandemia já não vieram.

E – Pois cancelou isso.... Muito bem, olhe eu não sei se queria dizer... os tópicos foram todos abordados, mas agora passava-lhe a palavra porque poderia querer acrescentar alguma coisa que queira que eu não tenha perguntado e que gostasse de partilhar.

D – Não.... Qual é o nome da sua tese?

E – Neste momento ainda não tenho um nome propriamente dito porque tinha um nome no projeto que tem a ver com esta questão – a minha lógica é até que ponto a renovação e a inovação das escolas ocorre a partir de orientações (ocorre ou não) a partir de orientações legais? E se não e já se percebe que não obviamente não era preciso fazer uma tese... não é preciso fazer uma tese de doutoramento para perceber isso, o objetivo é tentar perceber o que é que faz com que as escolas queiram ou não renovar-se, tentar perceber que mecanismos é que ajudam a estrutura a renovar- se numa lógica de tentar perceber a mudança educativa, há ou não vontade de mudança educativa? Para que sentidos? Quais são os mecanismos que se mexermos fazem de alavanca? Tentar perceber se as escolas têm esses mecanismos a funcionar ou não...

D – Mas podiam ter, não é? É daquelas coisas que eu digo que não é preciso estar escrito a autonomia, não é?

E – E, portanto, ainda estou numa fase muito inicial ...

D – Que tenha que ser de baixo para cima não tenho dúvidas, de cima para baixo...

E – Sabe que agora há uma nova orientação, nos anos 80, 90 que seria de cima para baixo, e então tentou-se durante muito tempo com as orientações fazer, depois percebeu-se com a flexibilidade e autonomia curricular que isso não funcionaria e tentou-se de baixo para cima e percebeu-se que também não funcionou a nível de sistema nacional. Então agora...

D – A nível sistémico.

E – A nível sistémico, então agora há orientações do Bolivar por exemplo e doutros do ramo dele que apostam numa ideia de: tem que ser ao mesmo tempo. Tem de haver por um lado orientações numa espécie de... orientação..., portanto não se pode esperar que as escolas sozinhas se auto- renovem, eles vão precisar de ajuda, vão precisar de orientação. Tem que haver por um lado... há uma espécie de setinhas de cima para baixo e de baixo para cima...

D – São trabalhos que eu tenho e acertado, não é?

E – Sim, mas sempre muito mais numa lógica de as escolas terem parcerias com entidades exteriores que façam de alguma forma essa construção de pensamento em conjunto de reflexão de o que é que queremos mudar, como podemos mudar...

D – Esse tínhamos agora não temos, tínhamos e fizemos coisas bem interessantes...

E – E ao mesmo tempo (e isto está a ser muito defendido em Espanha) o sistema educativo ser auxiliado na mudança, que isto não era muito... auxiliado no sentido de recursos de apoio, por exemplo de especialistas que fiquem durante algum tempo nas escolas que se construa em conjunto e que a escola seja aquilo que nós temos ouvido muito, as comunidades, as verdadeiras comunidades de aprendizagem, não é? Portanto estar lá dentro...

D – Não é tarefa fácil ...

E – Pois, pois, pois, se fosse fácil.

D – Mas eu agora ia dizer uma coisa sobre isso e agora passou-me, estou mesmo a ficar velha, estava a dizer uma coisa que fez com que me ocorresse outra.... Pronto agora passou...

E – Mas há, portanto, esta questão, aquilo que eu estou a estudar é o que é que é a inovação disruptiva? Faz sentido ou não haver

inovação na educação? Tenho estado em contacto a estudar algumas iniciativas que têm surgido mesmo de inovação disruptiva nos Estados Unidos em que há o chamado blended learning que na verdade ajuda muito na situação que estamos agora, eles estão...

D – Eu tenho lido algumas coisas sobre isso agora. Vou tentar dizer aquilo que me escapou

E- Diga, diga...

D – Eu acho que, vamos lá a ver, isto tem que ser uma questão geracional quer dizer isto não se muda assim... E eu acho que se tem de apostar na nova geração de professores, acho eu, e acho que isto (foi colocado?) logo mal desde o início porque se desinvestiu na formação de professores e a formação de professores é péssima agora, é péssima, é péssima, é péssima não existe! Eles não entendem que professores são alunos, pronto é logo diferente. Quando fiz estágio era professora de pleno direito, não é? E depois eu não sei era descobrir se neste país assim uma elite de formadores de orientadores de estágio, mas é assim mesmo uma elite, não é um orientador de estágio que põem o braço no ar, é quem já deu muitas provas de que pode ser disruptivo, de que pode querer a mudança! E pôr essa malta a orientar essa gente nova. Formação de professores, começar por baixo, porque vão ser eles que vão ser os nossos professores do futuro certo?

E – Pois exatamente.

D – A formação que estão a ter que é abaixo de cão, aquilo não existe! Eu fui orientadora de estágio antes e quando virou este sistema de estágio vim me embora a correr muito que isto é do pior.

E – É uma medida economicista...

D – É do pior! Não aprendem nada! Quer dizer basicamente não aprendem nada de importante, substantivo para a profissão...

E – Mas considera que a formação das universidades não é suficiente também?

D – Não não, não, eu sou completamente contra o estágio integrado, mas completamente contra, acho... quer dizer, estágio integrado? O estágio pode ser integrado, mas eu acho que o professor... foi muito importante quando eu fiz estágio (foram os melhores anos da minha vida, tive uma sorte do caracas) fui eu que fui ter com o XXX porque tinha-me calhado uma prima minha e eu disse “Ei! Não te quero a ti a orientar nem penses” eu sabia que havia algures em Gondomar um artista que ia largar a direção da escola.... Fui lá com um amigo meu... Bem, mas não interessa, tive de facto a sorte de ter tido o XXX que pronto... nós estávamos mesmo na mesma onda em tudo, bateu muito bem. Mas o que eu sinto é que enquanto eu orientei estágio a jovens que tinham acabado o curso no ano anterior, tinham que fazer o estágio, mas já eram professores com turma atribuída, já tinham responsabilidade de lecionar, de fazer provas de avaliação de avaliar de não sei quanto... Aqueles seminários que eu tinha com elas eram fantásticos, fantásticos, fantásticos! (sic) Mas agora? Agora uma pessoa consegue estar com elas quê? Uma vez por semana? Agora um orientador de estágio tem uma duração na componente letiva de uma hora por estagiário... Quer dizer... se tiver não letiva é na não letiva... só se não tiver redução de horário é que lhe dão uma hora?! Uma hora? Eu dava oito horas de aulas na altura na Vasco da Gama.

E – Mas a formação de professores é essencial, é fulcral em qualquer sistema...

D – Não há nenhuma alteração, nenhuma modificação deste paradigma se não tivermos a malta nova dos professores conosco, disto eu não tenho dúvidas...

E – Essa é uma base fundamental de há muito tempo, não é? Sem bons profissionais não se vai conseguir obviamente...

E – Gostei muito de falar consigo...

D – Falo muito, porque me entusiasmo com estas coisas...

E – Mas eu também, eu tenho de me segurar, ainda por cima hoje porque eu hoje tinha só de fazer as perguntas e eu tenho dificuldade também porque eu envolvo-me muito...

D – Não precisou de fazer muitas perguntas porque eu não me calei (risos).

E – Mas é sempre bom...

E – Obrigada, obrigada por tudo, está bem?

D – Está bom?

E – Pronto vá e obrigada mais uma vez e boa semana, bom resto de semana.

D – Obrigada.

E – Adeus, com licença com licença...

Transcrição de registo áudio

Entrevista ao diretor da Escola B

E – Então antes do guião acerca da questão da flexibilidade e autonomia curricular eu gostava se pudesse partilhar comigo (relativamente a este problema que tem havido agora da pandemia, do ensino em casa, deste ensino forçado em casa) como diretor, como escola que 3 principais problemas têm sentido e como é que estão a lidar com esses... eu sei que haverá muito problemas, mas assim uns três principais que lhe venha assim neste momento à mente.

D – Olhe em primeiro lugar é a falta de familiaridade quer da parte de muitos alunos e quer da parte de muitos professores com modelos de educação à distância... Pronto isso existe de parte a parte, depois em segundo lugar e em correlação com isto é a falta de instrumentos que permitam a realização de processos de ensino à distância sobretudo nos anos do ensino secundário porque foi aí que fizemos uma aposta nas atividades síncronas atendendo à falta de recursos disponíveis, e depois em terceiro lugar eu creio que é um problema que existe mesmo também já no contexto de ensino aprendizagem presencial que é o problema da comunicação portanto digamos assim que se criou um ruído na comunicação entre a instituição escolar e os alunos e as famílias que nós vamos tentando superar, isto são efetivamente os problemas, agora criou-se aqui uma enorme janela de oportunidade que nos está a deixar de alguma maneira também com alguma boa expectativa que é o facto de se ter lançado sementes para que se possam implementar novos modelos em relação de complementaridade... Claro que o ensino para mim só faz sentido em contexto presencial não é? Ensino aprendizagem é um processo em escola só deverá existir em modelo presencial mas nós muitas vezes nos queixávamos que poderia ser muito mais enriquecido o processo pedagógico se nós lançássemos mão a um conjunto de instrumentos, apesar destas vicissitudes e das carências que temos o que é verdade é que se abriu aqui uma janela de oportunidade porque se eu tivesse lançado assim um repto aos professores sem ser no contexto de uma sociedade premente eu iria ter muitas resistências e iria ter diversos ritmos, aliás até previsivelmente já iria saber quem eram as pessoas que iriam aderir, que iriam desenvolver e apostar e cooptar alunos para o trabalho e já sabia onde é que iria haver resistências, neste momento realmente por uma questão de necessidade as vontades tiveram de se unir e também se fomentou o trabalho colaborativo e o contacto... um trabalho colaborativo fomentou-se também o planeamento das atividades... Apesar da barreira que existe de ter que se ser realizada à distância mas há um contacto muito mais; (por incrível que pareça) muito mais regular entre os professores eles fixaram horários em função também do nosso modelo de educação à distância que foi adotado na escola que estabelece um conjunto de procedimentos que devem ser garantidos portanto fomentou-se a esse nível a questão do planeamento mais articulado... eu no contexto presencial tinha lançado às quartas feiras uma hora de trabalho colaborativo, portanto todos os docentes de todos os grupos durante essa hora não tinham qualquer tipo de atividade, nem letiva nem não letiva que era para se destinar a trabalho colaborativo e eram horas da componente não letiva que dediquei a isso mas nem sempre os resultados eram aqueles que nós esperávamos... Agora começo a ter feedback porque as pessoas vão prestando contas de que há efetivamente um contacto muito maior, portanto isto é assim dentro de um contexto que é preocupante a vários níveis, pela questão da saúde mental pela questão da saúde física também, repare agora esta possibilidade de abertura das escolas está-me a lançar uma enorme preocupação porque eu tenho um corpo docente envelhecido...

E – Pois...

D – E por outro lado não tenho informações relativamente à reação das famílias se vão deixar os alunos... não sei se sabe o nosso... se o XXXXX falou consigo o agrupamento XXXX portanto tem 9 escolas... pois sabe porque consultou a página web... Mas eu a minha grande força motriz até para estar no cargo em que estou que espero largar no próximo ano... (N.T. corte áudio?) para exatamente a consecução da requalificação do edifício...

E – Principal...

D - ... do XXX, que já está, já vai em andamento... olhe vai de vento em poupa comparativamente com o estado de paragem do país... Eu Tenho estado na Pires de XXX que fica exatamente do outro lado da rua e num plano superior e dá para ver, mas eles estão a avançar a muito bom ritmo... E, portanto, isto... em primeiro lugar a Pires de XXX apresentou... foi uma escola que até esteve encerrada, não apresenta condições, é lá que está a funcionar agora transitoriamente a escola Sé, e traz me preocupações porque essa questão do confinamento e do distanciamento em jovens de 10º 1º e de 12º anos, dizer-lhes que eles não se vão poder tocar... quer dizer eu nem vou ter recursos para isso e mesmo em termos de assistentes operacionais. Até ao momento, eu estava a ver na RTP 1 um telejornal (o jornal da tarde) e eles estavam a dizer que já começaram a desinfeção numa escola Algarvia e depois até apareceu uma outra reportagem que em Portimão estavam a fazer formação e vi lá o diretor da escola com os assistentes operacionais, olhe eu perguntei isso lá ao senhor do exército se iam fazer isso aqui e aquilo que ele me respondeu foi que... o telefonema que me fez era para saber se tinha havido algum caso de COVID-19 na escola, eu disse não, ahh então pronto, então depois o resto do planeamento eu creio que será uma articulação entre o ministério da Educação e o ministério da Defesa, portanto eu até estou assim um bocadinho angustiado...

E – Pois...

D – Como é que eu vou abrir a escola com condições que são piores do que as do XXX XXX, que são. Nós só aceitamos dar lá porque é uma questão transitória porque as questões de isolamento, as questões..., portanto a cumprir o isolamento acústico de isolamento também face às intempéries de conforto... de tudo são piores do que eram no XXX XXX. Portanto eu não sei se os pais vão aceitar isto tudo...

E – Pois e neste momento não há também muitas orientações precisas, não é? Pela parte do ministério da Educação para já...

D – E depois como estávamos a falar e até podemos entrar um bocadinho na temática do seu doutoramento, quer dizer eu pela primeira vez... eu fui passando por vários cargos, eu fui colega do XXX XXX em Gondomar, era orientador de estágio e aí era a parte que eu mais gostava que era a parte de formação dos professores com a faculdade de letras e depois por um acidente de destino porque tinha concorrido para uma escola do Porto, pensava que não ia ter vaga porque nunca haveria e porque só havia um lugar... só havia um professor do meu grupo que me ameaçava por infortúnio a professora saiu e eu fui parar à XXXX que entretanto fechou e depois fui para XXXX e quando cheguei à XXXX a faculdade de letras pediu para continuar as funções de orientador entrei lá para... e fui exercendo a atividade de orientador de estágio depois fui para o ensino noturno portanto... e além disso fiquei satisfeito porque foi a escola onde andei a estudar portanto tenho um conhecimento profundo do...

E – Do contexto...

D – Do contexto... eu penso que a partir do momento que comecei a fazer assessoria e apoio aos conselhos executivos e tudo havia sempre algo que me inquietava em termos de legislação que era o facto da desconexão que existia entre os vários diplomas... Isto é saía agora uma coisa depois vinha outro governo era outra coisa a contrariar aquilo que estava antes e pela primeira vez desde há muitos anos comecei a ver de alguma maneira em termos de filosofia daquilo que é a introdução dos diplomas legais, que para mim é a parte que eu dedico mais tempo a ler mais do que os artigos em si porque acho que são muito monótonos (mas tenho que os ler também) a filosofia é transversal e vai percorrendo esta ideia da inclusão dos alunos, de uma nova visão sobre o currículo sobre a escola sobre aquilo que são as competências dos alunos e isso parece-me um bocadinho paradoxal com esta teimosia quase que está a surgir (não sei de onde é que é a pressão mas tem ser uma pressão política de alguém) para a realização dos exames nacionais. A França por exemplo desistiu da realização dos exames nacionais...

E – Exato...

D – E eu creio que esta abertura das escolas que querem fazer... que vai trazer alguma (incompreensível) estou um bocadinho admirado porque os sindicatos a nós têm ouvido, mas no processo há dois agentes que são pedras basilares que são os alunos e os professores...

E – Exato...

D – Nós neste momento temos ouvido muito a perspectiva dos alunos, até mesmo pelo discurso oficial, não é? É proporcionar aos alunos atividades letivas, mas ainda não houve muito a voz dos professores que por acaso até costumam normalmente embandeirar em arco, e costumam aparecer aí em todo o lado, eu estou a ver os sindicatos muito calados eu não sei o que é que isto vai dar, mas estou muito apreensivo porque eu acho que isto de alguma maneira está a contradizer essa filosofia.

Se nós mesmo neste processo de distância, (claro que uma coisa é aquilo que eles dizem outra coisa é aquilo que vai sendo possível realizar) mas neste processo de educação à distância nós estamos a fazer... o ministério queria plataformas, queriam aquele site de apoio às escolas e estar para lá a despejar um conjunto de coisas, têm disponibilizado um conjunto de materiais interessantes, no sentido da própria inclusão e integração dos alunos e de proporcionar a equidade, atender também à especificidade de alunos. Depois parece um certo contrassenso aplicar aqui... desculpe até a familiaridade da linguagem aqui mas a chave para 10, isto é toda a gente, os alunos de 11º 12º ano só porque vão estar sujeitos a avaliação externa automaticamente então são chamados a ir para a escola... Olhe eu até lhe vou dizer uma coisa (isto é uma opinião muito pessoal) e como está mais próxima até neste momento do ensino superior saberá disto muito melhor do que eu; Eu acho que um aluno que faça o 12º ano, a partir do momento em que entra na faculdade ele depois tem os anos do curso em que a faculdade lhe vai dar usos e orientações para ele realizar um trabalho com maturidade e com autonomia, coisa que por exemplo as escolas do ensino secundário (sic) esse debate tem com aquela quebra aquele embate profundo que existe entre o 9º e o ensino secundário, este é o grande óbice ao percurso escolar dos alunos quando se implementou a escolaridade obrigatória até aos 18 anos foi o ai Jesus exatamente por causa disso porque os meninos realmente entre o terceiro ciclo e o ensino secundário havia ali um fosso, e havia e há, muito difícil de transpor e por isso parece-me assim um bocadinho paradoxal mas olhe eles é que governam eles é que sabem e a gente obedece... manda quem pode...

E – Mas é isso, tem havido muitas dificuldades da vossa parte nesta fase agora em que nem se percebe muito bem se têm autonomia na totalidade para poderem gerir ou não, não é? Se esperam pelas orientações para saber quantos alunos podem estar em cada espaço, não é? Que disciplinas... serão apenas aquelas dos exames? Mas agora tem se ouvido falar... Não é? Portanto estas indecisões não têm sido positivas não é, não ajudam na organização.

D – E a informação que passa até tem sido um bocadinho estranha porque por exemplo repare... eu acho que nós estamos todos a viver aqui uma situação nova, um desafio muito grande, eu acho que há um ano atrás nos dissessem que o mundo ia praticamente parar nós íamos dizer isso é impossível, não é? A não ser que andássemos a olhar muito para os textos bíblicos e para aquela visão do inferno e do fim do mundo que vem no final dos tempos, não é? Mas o que é facto é que eu desde março a vida da humanidade em geral tenho estado muito condicionada, mas nós vamos refletindo de alguma maneira também na educação... alias desde sempre também foi assim, aquilo que acontece fora. Então repare, isto parece-me o mesmo tipo de incongruência, hoje alias acho que neste momento está o conselho de ministros reunido para decidir o conjunto de medidas que vão tomar, repare andamos todos a fazer um esforço desgraçado, primeira pergunta valeria a pena fazer um esforço de mais um mês já que estamos na desgraça e estamos com uma posição mais coesa por parte da Europa depois para ajudar os países e que não venham lá com a história que os países do sul é que são malandros e os do norte é que são os bons exemplos que eu nessa não embarco, já trabalhei muitas vezes em parceria, nós temos vários projetos Erasmus, os meus alunos são desgraçadinhos muitos deles moram em ilhas aqui no Porto, têm trabalhado com alunos da Alemanha da Suécia da Noruega e nunca ficamos atrás nem na qualidade das apresentações nem nada, agora... e o que eu estava a dizer esta simetria era a seguinte... agora que estamos portanto quase a estabilizar as coisas vai se abrir tudo e vamos ver o que é que vai dar, nas escolas está a haver a mesma coisa, eu continuo a fazer um apelo ao mecenato para arranjar materiais para chegar aos alunos e o que é que o secretário de

estado disse? Disse assim: a partir do momento em que comecem as aulas presenciais acabam-se as aulas síncronas e as atividades assíncronas para estes alunos... olhe então isto é um bocadinho estranho...

E – Pois é muito estranho porque depois nem sequer é obrigatório que os alunos vão, e os alunos que não forem? Vão deixar de ter aulas?

D – Olhe eu penso que sim, aquilo que disseram... aquilo que ficou claro foi que, portanto, as atividades assíncronas deixam de existir quando forem implementadas as atividades presenciais. Agora repare e as famílias (e eu até conheço muitas que estão já a oferecer resistência e que dizem que não vão deixar os filhos irem à escola?) ...

E- Pois como é que vai haver equidade aí?

D – Não há... não há...

E – Pois é uma situação anómala...

D – Isto é um bocadinho.... Pronto há algum idealismo nas coisas eu acho que de alguma maneira isto podia ser uma janela de oportunidade também para que as pessoas tivessem campos de trabalho para poderem de aí tirar aprendizagem que pudesse ser proativamente útil, isso não está a acontecer porque depois nós esbatemo-nos nas regras e ficamos confinados às paredes que a própria tutela nos vai dar. É como a autonomia, eu debato-me com isso continuamente, alias ainda ontem por acaso houve uma outra situação em que estava a falar... houve uma reunião porque nós somos escola de referência para a educação bilingue de alunos surdos e entretanto a propósito das contratações disto do (PREV PAC ?) de pessoas que estavam em situação precária, eu tenho pessoas que ficaram vinculadas ao meu agrupamento mas que estão a exercer... portanto elas concorreram pelo meu agrupamento porque efetivamente exerceram lá atividade mas agora estão noutras escolas a trabalhar em contexto por exemplo de alunos com necessidades educativas especiais em centros de apoio à aprendizagem etc... digo eu vale a pena eu dizer agora às pessoas para virem para a minha escola porque se têm que apresentar na minha escola e vão deixar um trabalho que agora... que ainda é mais premente o acompanhamento dos alunos? E a resposta oficial que tivemos “ahh vocês tentem resolver, nem quero saber...” porque claro se for através da lei o que é que acontece? A lei obriga a que as pessoas venham para a escola.

E – Pois...

D – E é fria, não é? Olha para estas coisas tem que ser assim, de uma maneira dura e crua é assim porque é assim. Mas efetivamente o ensino não pode.... Tem que ter algo que o regule, mas não pode ter este tipo de abordagem tão inflexível sobretudo num momento em que tanto falamos em poder adaptar as coisas à realidade...

E – Exatamente, aliás essa é exatamente a iniciativa ou pelo menos a intenção, a finalidade do decreto-lei do 55/2018 não é? Pelo menos a nível de organização e de flexibilidade curricular e até... alguma... ou bastante pelo menos teoricamente, a autonomia até a gerir as matrizes por exemplo, não é? As matrizes curriculares.... Exato pelo menos era essa a ideia... eu queria se pudesse... se achasse bem... e eu agradeço imenso ter partilhado as experiências que tem tido agora nestes últimos tempos... e a primeira questão acerca da autonomia e da flexibilidade curricular era perguntar-lhe o seguinte, o que é que motivou, que princípios digamos, o que é que motivou a escola... o agrupamento a aderir ao decreto..., portanto às ideologias do decreto-lei?

D – Olhe em primeiro lugar aquilo que motivou foram as várias discussões que houve nos órgãos de gestão intermédia e evidentemente... pronto nós temos um contexto específico, como eu lhe disse nós tivemos a nossa atividade educativa orientada para o estabelecimento... já nem é restabelecimento porque nem quando eu lá andava aquilo já tinha condições condignas, portanto eu tenho 55 anos já vê... Portanto para o estabelecimento de condições condignas na escola sede do agrupamento XXX XXX, a partir do momento em que isso ficou já mais ou menos garantido nós então achamos que teríamos que começar a fazer outras coisas em função da especificidade dos nossos alunos que se bem se lembra 54 a 55 saíram concomitantemente o que deu logo um enorme trabalho às escolas, se lhe estiver a falar de uma escola que tinha uma unidade de apoio multideficiência, uma unidade de apoio estruturada a alunos com perturbações do espectro do autismo vem a constituição da (EMAE?) e depois ao mesmo tempo a flexibilidade curricular e no momento do ano letivo em que saíram em que não permitiu muita reflexão... eu sei que houve auscultação antes para que as coisas saíssem de diversas escolas mas não foi tão homogênea nem tão alargada que contemplasse todas as escolas e por acaso havia...

E – Quando saiu esse decreto-lei já tinha havido um ano de experiência piloto, portanto já conheciam as ideias a autonomia a flexibilidade, portanto esses ideais de poder gerir pelo menos alguma percentagem, de gerir uma maior liberdade ou eventual liberdade, vocês sentiram que queriam aderir a essa nova filosofia por imposição da lei ou porque consideravam que era importante para a escola e se sim porquê?

D – Pronto, nós em primeiro lugar..., portanto no primeiro ano não entramos, não é? Depois no segundo ano... não participamos na experiência piloto... Depois no segundo ano então depois de termos realizado durante um ano um conjunto de reflexões nomeadamente em sede de conselho pedagógico estabelecemos, portanto, uma experiência... Em primeiro lugar porque também somos agrupamento território educativo de intervenção prioritária com um determinado tipo de especificidades e achamos que se pudessemos ter alguma flexibilidade na abordagem do próprio processo poderia ser vantajoso para os alunos e se pudessemos também experimentar em contexto real, porque muitas vezes as coisas estão no papel parecem muito bonitas e depois em contexto nem sempre são tão bonitas, então nós tentámos experimentar em circulo muito restrito, nós estamos a fazer em duas turmas de 7º ano, essa é a experiência que ficou agora parada não é por causa desta história... e que por acaso não tem dado os frutos que nós estávamos à espera...

E – Ahh este ano letivo 19 20 vocês têm duas turmas de 7º ano...

D – Sim, temos duas turmas que o critério foi escolher, portanto o ciclo de ensino em que normalmente nós tínhamos mais insucesso, depois essas duas turmas poderiam funcionar para já... era uma experiência, iriam funcionar depois como turmas de controlo como temos feito outras experiências no âmbito do “TEIP” como era por acaso a implementação da metodologia FENIX a Português e a Matemática e depois por exemplo criávamos turmas de controlo e chegávamos ao 9º ano... Quando os alunos chegavam ao 9º ano nós fazíamos depois um balanço e por exemplo em Matemática até desisti, nós temos neste... é engraçado porque realmente em Português nós mantivemos a aplicação da “GENINHO?” enquanto que na matemática nós temos assessorias em contexto de sala de aula porque por exemplo esta implementação da metodologia da GENINHO não deu grande resultado e agora estávamos a fazer isso com duas turmas de 7º ano que foram escolhidas em função das características dos alunos e também em questão... em função também da língua estrangeira que são duas turmas que têm Francês, portanto nós criamos o mesmo conselho de turma para as duas turmas e criamos 3 horas de trabalho em que há um professor de suporte um professor da área da informática que vai portanto pode estar com os alunos todos a fazer trabalho de apoio para a realização de trabalho de projeto, portanto isto é assim, vamos supor os alunos à quinta-feira tem uma turma que tem Português Geografia e História e depois a outra é ao contrário, vão desenquadrando as disciplinas e depois há uma terceira via em que está um espaço disponível em que está um professor que poderá ajudar a esse trabalho colaborativo por outro lado também é para haver a coesão nas práticas portanto o conselho de turma é o mesmo das duas turmas portanto em todas as disciplinas...

E – A ideia é, portanto, uma equipa educativa?

D – Uma equipa educativa, é a mesma, a equipa educativa é, portanto... os professores de todas as disciplinas são os mesmos, e depois fazem encontros sistemáticos semanais onde vão fazendo balanços... pronto... Onde é que a coisa está a resultar pior? Bem em primeiro lugar os alunos face a um modelo um bocadinho diferente, até em função da faixa etária, nem sempre correspondem às expectativas que os professores têm e às apostas que os professores fazem e por outro lado eu também eu próprio quis fazer uma experiência porque repare, se há uma lei que fala de flexibilidade curricular e que terá de ser implementada... então eu não vou depois escolher dentro dos professores da escola... só daqueles que eu sei que são capazes... então eu também muito propositadamente coloquei... vamos falar em duas fações, fação A e fação B, isto é os professores mais proativos também mais flexíveis mais dinâmicos, mais motivadores em que eu tenho evidências de melhores resultados no contacto e na relação pedagógica com os alunos e também dois ou três docentes que são ainda mais conservadores, até porque eles ainda têm de ser sensibilizados para esta mudança e pronto... e realmente... aí vai sendo mais lenta a evolução, a avaliação pedagógica vai sendo mais lenta, aliás os princípios... a ironia... como sabe dentro da nossa classe nós perante aquilo que é novo a primeira tendência é passarmos logo para os extremos não é? Há uma mudança... ou como era antigamente quando saiu... quando começaram a sair os normativos a dizer que a reprovação de um aluno, a retenção de um aluno é uma medida excepcional, eu acho que isso desde logo implica muito maior responsabilidade de um professor, mas os ecos que fui tendo na minha escola não foram os ecos de facilitismo, não é? Ah isto agora passa tudo não interessa não sei quê isto agora..., portanto... e depois tivemos que fazer... que partir muita pedra não é? Ente aspas, e falar muitas vezes com as pessoas e dizer “atenção que isto implica muito maior responsabilidade por parte do professor, porque isto implica um trabalho que tem que ser sustentado em evidências em análises muito concretas, em medidas relativamente ao processo, verificar onde é que há mais avanços e onde é que há mais recuos e tem que resultar em benefício do aluno pronto... Nestas turmas da flexibilidade curricular... nestas duas turmas aquilo que eu noto é que efetivamente esta parte do corpo mais resistente ainda se mantém e ainda não percebeu muito bem... não percebeu... aliás é já um lugar-comum, mas realmente os lugares-comuns existem porque a realidade é assim mesmo, não é? Os professores ou qualquer pessoa que desde logo tenha uma atitude de resistência perante alguma coisa ainda que não a conheça quando... primeiro não vai ter disposição para estar a ler, se estiver a ler vai... (isto aconteceu nalgumas reuniões de trabalho) as pessoas ironizavam... tanto quando eu pedia contos do trabalho desenvolvido ia ouvindo uns desabafos dalguns professores “ahh porque o fulano está sempre um bocadinho a criticar, a oferecer resistências, nós decidimos ou estamos a tentar arranjar consensos na atuação mas começa a ser difícil. A questão da gestão dos comportamentos por exemplo, porque num processo em que há flexibilidade... por exemplo naquela que lhe falei (sic) neste espaço das 3 horas da quinta-feira ele mesmo tem implícito uma coisa muito simples, a movimentação dos próprios alunos, o permitir que eles saiam e vão ter o apoio, ou estejam em conjunto até os alunos das duas turmas, ou um grupo de alunos das duas turmas com o professor que lhes dá apoio para a realização de um trabalho de projeto. Mesmo aí por parte dos professores mais tradicionais isto do menino sair da sala de aula sem autorização o que é que vai fazer? Vai lá divertir... Ainda por cima a professora que está é da informática, portanto há aquele preconceito já de que bom vai lá para brincar com os computadores...

E – E como é que definem quem é que sai quem é que não sai? Como é que se faz essa...

D – Isso fazem em função dos trabalhos, dos temas que estão a ser tratados, portanto em primeiro lugar, pegaram-se em conteúdos, verificaram-se conteúdos que poderiam ter abordagens e contributos das diferentes disciplinas, certo que eram próximos por afinidade e depois dentro do trabalho em grupo que isso se resume a um conselho de turma portanto os professores são os mesmos para as duas turmas, têm um conhecimento dos alunos e conseguem desde logo, temos aqui uma mais valia penso eu que é desde logo conseguirem identificar, ou ter um conhecimento suficiente para dizer que este aluno poderá trabalhar colaborativamente com aquele da outra turma e tentar criar-se aqui uma...

E – Mas são os professores semanalmente que combinam isso? Na tal equipa...

D – Os professores reúnem...

E – Semanalmente...

D – Semanalmente sim, ainda não chegamos à fase de haver este encontro que está previsto agora para uma parte mais final, um encontro já mais participado com os alunos, primeiro informaram-se as famílias da experiência, não é? Os alunos e os encarregados de educação e os alunos sabem (sic) que pertencem a duas turmas piloto explicou-se assim em linguagem muito mais simples...

E – E como é que os pais reagiram?

D – Os pais acabam... porque há muita iliteracia da parte das famílias, não é? Desde que nós de alguma maneira consigamos demonstrar que vai haver benefício para os alunos os pais reagem bem. Aliás eu no meu agrupamento... por acaso tivemos ainda a pouco tempo a avaliação externa entrámos neste terceiro ciclo, apesar de estarmos nas condições em que estamos, eu disse tudo bem quando a inspeção resolveu fazer e realmente o meu grande problema enquanto diretor a muito curto prazo porque eu em abril do próximo ano se o de lá de cima for meu amigo e me deixar, vou largar vou fazer outras coisas. Realmente com os pais e com os alunos são (mas sobretudo os alunos) são a força motriz para eu ir todos os dias dar o meu melhor porque eles reconhecem essa... há esse reconhecimento, e há uma confiança porque nos fazemos uma gestão aberta e discutida com... Aliás nós temos no nosso projeto educativo que é a transparência nos processos e nos procedimentos; isso tem que ser muito claro, às vezes a mim o meu grande problema é com os professores e muitas vezes com o pessoal não docente embora tenha havido já grande avanço a esse nível, portanto os pais acabam por aceitar porque os pais ao fim ao cabo o que querem é que a escola de alguma maneira ajude na qualificação dos seus filhos, e os ajude já numa perspetiva... eu acho que já voltou outra vez, ou está a voltar... e agora se calhar até com o impacto desta pandemia vai continuar, esta velha ideia que existia por exemplo quando eu andei numa escola do agrupamento no primeiro ciclo na escola de XXXX e da turma da quarta classe e eu fui o único que prosseguiu estudos pronto, até porque havia um conjunto de obstáculos, os miúdos iam trabalhar, as famílias eram pobres, sou dali de Campanhã também portanto é uma zona deprimida a cidade e ainda é deprimida, dizem que vai deixar de ser... Venho de uma freguesia um bocado complicada... Mas agora eu acho que os pais começam a perceber e a dar conta que ao fim ao cabo a escola pode ser um lugar que contribui fortemente para a formação útil dos seus filhos e que lhes vai permitir que eles ao fim ao cabo em linguagem muito simples acabem por singrar na vida.

E – Nota isso agora ultimamente? Nota mais?

D - Eu noto isso porque está a haver uma valorização da escola; aliás quando formamos o agrupamento eu achei isso muito ao nível do primeiro ciclo porque eu estava habituado a uma escola secundária em que os pais se demitiam completamente do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e quando comecei a ter contacto com os meninos do pré-escolar e do primeiro ciclo comecei a ver os pais ali continuamente todos os dias na escola a perguntar... Eu até fiquei muito satisfeito porque dizia: essas perguntas não eram todas muito agradáveis e o questionar a escola legitimamente eu até acho... Muitas vezes tomo isso como desafios e a trabalhar com afinco para tentar ir avante com as coisas, agora como me estava a perguntar nota isso? Noto, eu vou lhe dizer em que é que eu noto, à cinco anos atrás no meu agrupamento quando nós fazíamos as reuniões para a entrega das avaliações com os pais que era normalmente às seis e meia nós escolhíamos um dia para o terceiro ciclo outro dia para o ensino secundário e outro dia para o segundo ciclo, ali no Bonfim na (inaudível) António Carneiro lá parecia a rua do lá vem um, e posso lhe dizer que à dois anos eu um dia às seis e meia aquilo parecia uma romaria de pais e eu começo a ver gente a entrar no XXX, começo numa passagem (não sei se conhece o edifício (inaudível) aquilo tem uns corredores enormes com salas muito grandes...

E – Sim conheço...

D – As reuniões são feitas à porta aberta, até para permitir que os pais não se envergonhassem e entrassem nas salas, comecei a ver as salas muito bem compostas que era uma coisa inusitada e agora isto é quase que rotina, portanto isto é sinal de que há aqui alguma mudança na forma como os próprios pais olham a escola.

E – E, portanto, acha que estas medidas que a escola vai propondo de flexibilidade, ou aquilo que nós poderemos considerar de mudanças ou de inovação os pais de uma forma geral sente que reagem bem e que confiam...

D – Eu acho que os pais têm uma relação de confiança relativamente à escola. Estou agora num momento... repare fico muito... num momento de muita ansiedade e de muita tristeza... eu vi em 2012 de um momento para o outro uma escola secundária levar com dois agrupamentos, isto é juntou-se com aquele fenómeno das unidades orgânicas e por questões económicas juntou-se com dois agrupamentos e um deles era TEIP nós ficamos TEIP, tentámos no início esbater todos os preconceitos que existiam acerca dos TEIP e vimos a mais valia que... e depois acho que houve muita oportunidade, não foi oportunismo foi oportunidade e fez-se um trabalho muito grande e começamos a ver o resultado desse trabalho sobretudo no perfil dos alunos e no perfil de desempenho, mesmo nas questões sociais, na tipologia dos alunos que demandavam a escola, portanto nós já estávamos a seguir um percurso em que as questões económicas e as realidades económicas dos alunos (os fatores sociais) já passavam para um segundo plano e os que existiam estavam perfeitamente circunscritos a determinadas realidades, nomeadamente nós temos muitos alunos no nosso agrupamento que estão inseridos em instituições de acolhimento pronto, temos colégio em regime de internato muitos muitos muitos (sic) o que mostra Campanhã uma zona deprimida mas isso não sei se já é um bocado tradição da história, é aí que ainda por cima quem manda no país vai colocar depois esta instituições de acolhimento é nestas zonas geográficas, portanto não sei se é uma forma também de criar maior estima social... há um deles, um dos colégios que é da Santa Casa da Misericórdia já existe desde o século 19 naquele lugar portanto não iam mudar agora. Mas essa questão do apoio das nossas técnicas que eram cooptadas com base no TEIP eram muito na base da ação social, eram assistentes sociais, educadoras sociais, as que iam aos bairros sociais às famílias neste momento eu tenho uma animadora na sócio cultural e tenho uma mediadora de conflitos, já conseguimos mudar as técnicas, tenho a psicóloga e do ponto de vista de intervenção social propriamente dita tenho uma educadora social para fazer um trabalho mais junto das famílias e uma assistente social, estou um bocadinho apreensivo como lhe disse que agora com os efeitos desta crise porque vai ter efeitos e impactos muito grandes nas famílias... hmm... isto nós vamos regressar um bocadinho, mas eu achei que nós estávamos a avançar... Mesmo no aspeto reivindicativo... porque

repare, eu acho que um encarregado de educação é muito mais esclarecido quando... muitas vezes as conversas com os professores era uma maneira de os acalmar e de os fazer pensar sobre as coisas. Os pais efetivamente, os seus anseios as suas amarguras da vida muitas vezes eram logo expostas ali nos primeiros interlocutores com quem eles se deparavam que era a escola, é o primeiro quando eu tenho de me queixar ou quero mostrar que estou zangado com alguma coisa eu é em cima da escola que vou cair, mas mesmo esta atitude reivindicativa também começou a ter mudanças porque eu nunca tive pais até à cerca de 3 anos a perguntarem-me questões de conteúdos programáticos, questões de aprendizagens dos alunos, questões de processos pedagógicos implementados, questão de tipologias de trabalhos que eram mandados fazer aos alunos ou que não eram dados...

E – Exato... Mais preocupados e ativos...

D – Quer dizer que houve um investimento dos pais também no conhecimento do saber escolar, isto quer dizer que eles assumem que isto que era importante se não mantinham esse desligamento que tinham anteriormente...

E – Ok, só para eu perceber para fazer assim um ponto de situação, então em 2018/19 o decreto-lei sai em junho ou julho já tarde, quase início de agosto fim de julho...

D – Junho de 18.

E – Junho de 18, fim de junho de 18 exatamente, vocês em 18/19 é um ano de preparação portanto não...

D – Um ano de preparação, mal aquilo saiu nós começamos logo a fazer inúmeras reuniões...

E – Esse primeiro ano é um ano de preparação e formação então digamos...

D – Sim, sim...

E – E 19/20 que é o ano que estamos tem a experiência com o 7º ano nas duas turmas certo?

D – Com as duas turmas exatamente...

E – Quando esta legislação sai sente como diretor que tem agora mais autonomia, menos autonomia, igual, em que domínios é que tem mais autonomia, em que domínios é que gostaria de ter mais autonomia?

D – Sim eu sinto que efetivamente nós temos mais autonomia na forma de olhar para a especificidade da realidade que temos à nossa frente, na forma de poder gerir horas de gerir até conteúdos ou até articular o trabalho colaborativo entre os professores cooptando diversas áreas do saber, torna-se muito mais fácil e muito menos rígido face aquilo que era a velha imposição dos conteúdos programáticos que os professores utilizavam muitas vezes como defesa para não entrarem por determinados caminhos; aí efetivamente como diretor eu acho que tenho mais autonomia embora eu seja um tipo de diretor que primeiro sou próximo das pessoas e portanto nós... as decisões que tomo nunca são... são decisões que depois acabam por ter lá uma assinatura unipessoal mas são depois da discussão com os vários elementos; ouço muito os pais ouço muito os alunos ouço muito os professores e ouço muito os alunos, alias eu paro... vou lhe dar assim a título de exemplo; quando tenho de aplicar uma medida sancionatória aos alunos e aplico também algumas nunca tive nenhum aluno que se zangasse comigo porque eu tenho uma pergunta sacramental que lhes faço que é: “quantas vezes é que eu passo por ti e não falo contigo?” Eles dizem logo nenhuma. Porque eu pergunto-lhes sempre muito num tipo informal: “então como é que vai? Onde é que tu estás a ter dificuldades? Como é que vão as coisas? Ou quando lhes pergunto as notas e eles não sabem eu digo: “o quê tu? Não tens vergonha? Então não sabes a nota da tua disciplina?”; Pronto isto acaba por dalguma maneira... aí este trabalho já vinha sendo desenvolvido há muito tempo, agora eu acho que face à tutela nós ganhamos efetivamente mais autonomia, ainda que por exemplo o ministério quando publica as circulares e tudo mando também com conhecimento à inspeção geral da Educação mas nem sempre da parte da inspeção geral da Educação existe essa flexibilidade, porque por exemplo eles continuam a aparecer nas escolas com os mesmo roteiros e têm de obedecer aquilo que lá está; portanto por muito que a escola... por exemplo onde é que eu vejo que não tenho autonomia? É quando me perguntam assim: tem isto? E eu digo: Não, mas... Mas eles respondem logo não. É o que interessa, não adianta nada. Ainda agora no processo de avaliação externo foi engraçado porque a propósito dos processos de autoavaliação da escola nós tentámos explicar as coisas e eles puseram isso como... e foram sobretudo os inspetores nem tanto os professores do ensino superior que estavam que eram pessoas até muito interessantes e de renome na praça pública que têm muito artigos publicados e a quem eu reconheço muito mérito e toda a gente conhece, aliás a comunidade escolar reconheceu muito o mérito e aceitaram os argumentos que nós utilizamos, mas por exemplo a parte dos senhores inspetores foi um bocadinho inflexível relativamente a esta valorização. A equipa de autoavaliação da escola exatamente pelo impacto que o adiamento das obras no XXX teve acabaram sempre por concorrer, quando havia concurso as pessoas saíam, nós púnhamos a informação, eu mandava os professores... foi porreiro eu notei aqui algumas escolas da cidade XXX de pessoas especialistas em processos de autoavaliação que andaram a fazer cursos de um ano desde a avaliação em rede da Universidade XX até projetos que participaram da Universidade XXX também sobre modelos, sobre formas de fazer autoavaliação. Concorreram para outras escolas, de forma que, portanto, nós andámos tipo a Penélope continuamente a fazer e a desfazer as coisas, de forma que neste momento não temos um processo tão...

E – E o que é que poderia resolver isso?

D – Poderia em primeiro lugar haver também relativamente olhar para... (sic) por exemplo eu acho que o nível de eficiência de alguém ou de alguma instituição vê-se relativamente à evolução que essa instituição pode apresentar face ao estado de partida, do ponto de

partida, não é quando metemos todos no mesmo bolo e depois... quer dizer não posso avaliar uma realidade da mesma forma que avalio outra ou todas as outras que existem...

E – Mas eu estava aqui a pensar como referiu que os professores... formam os professores do seu agrupamento e, entretanto, eles vão para outros espaços, sente que faria sentido o diretor de uma escola ter autonomia por exemplo de contratação de professores?

D – Ah claro! Sem sombra de dúvida, isso desde logo posso-lhe dizer que teria uma excelente escola, teria um excelente agrupamento, isso era fantástico porque... pronto... Há uma outra mudança que eu acho importante, que o governo, a tutela... quem tem poder para fazer estas coisas faça é que eu acho que também estamos agora a viver com uma nova geração, malta que vai para o ensino; isto parece um bocadinho uma ironia do destino, mas vão para o ensino porque gostam efetivamente dos miúdos, e depois não têm oportunidade de trabalhar com eles, em contrapartida temos alguns fosseis que não tinham jeito para mais nada podiam ir para professores, por isso é que eu fui sempre a favor dos modelos que existem lá fora, que existe em Espanha que existe em França; quer ser professor? Tem o saber universitário muito bem, mas depois deve fazer... deve haver uma avaliação para saber se a pessoa reúne um perfil... acho horrível... conheço muita gente em Espanha e é falível também mesmo esse modelo, mas pelo menos há aí outra filtragem porque eu acho que muitas coisas não resultam exatamente porque nem sempre... por exemplo no meu agrupamento e na realidade que eu conheço o gostar do aluno para mim é meio caminho andado para nós conseguirmos pô-los a fazer tudo e chegar a todo o lado e fazê-los pensar sobre as coisas e realmente mudarem os seus comportamentos e até investirem nas coisas. Olhe a título mais informal vou-lhe dizer; nós tivemos uma sorte desgraçada porque em fevereiro andámos ali pela Espanha e pela Itália também com dois programas Erasmus, e um dos programas Erasmus nós pegamos em 12 miúdos, fomos para Jerez de la Frontera, somos 3 escolas, a de Jerez a minha e uma Francesa e com artes circenses dramáticas, está a ver isso num agrupamento TEIP do Porto metido com miúdos institucionalizados etc. não sei quê... E está a ver os meus miúdos, nunca tinham andado de avião quando fomos para Sevilha pela primeira vez e depois de Sevilha começarem a ver a realidade... Dei uma volta com eles pelo centro de Sevilha e aquilo abriu-lhes um conjunto de horizontes sobre realmente o que é o mundo e depois quando chegaram às escolas de Portugal começaram a ter de se andar a empoleirar nas cordas porque aquilo tinha sido... é a temática da água é a água na literatura é a água no ambiente e repare, os miúdos... eram os tutores que asseguravam esse trabalho com esses alunos, era um rapaz Brasileiro que estava em França a trabalhar e era uma atriz Francesa que penso que era contratada pela escola Francesa e que veio lá dar a formação. Foram muito duros, foram mesmo muito duros na abordagem, aqueles dois primeiros dias (aquilo foi uma semana) mas no fim houve já uma estrutura... aliás eles fizeram uma apresentação final já de toda a evolução do trabalho e os alunos mudaram porque as pessoas conseguiram chegar a eles.

Podiam dizer assim... e muitas vezes à hora do almoço e de jantar a Francesa dizia: “aquele teu aluno não vai fazer as coisas, mas eu vou agarrá-lo não vou desistir dele...” e quando a gente diz assim: “não desisto!” e tinha um que era muito gordo mesmo muito gordo (sic) está a ver ele para se empoleirar em corda... ele disse Ó professora eu não vou fazer estas coisas... Mas acabou por fazer tudo e achou aquilo divertidíssimo. Portanto eu acho que há esta janela de oportunidade que é agora, havendo para aí uma nova geração de professores que podem agarrar e que venham muito mais bem preparados do que antigamente as pessoas vinham, porque vêm em termos pedagógicos eu acho que sim, e são muito mais de terreno... Eu acho que a partir do momento que consigam chegar aos alunos conseguem-se fazer a mudança. E era bom que nós pudéssemos ter uma voz ativa na seleção dessas pessoas.

E – Portanto essa era uma das autonomias que gostaria de ter.

D – Ahh sem sombra de dúvida, olhe autonomia na própria... agora já deram novas possibilidades de por exemplo, eu confronto muitas vezes os meus professores, em sede de conselho pedagógico... porque provoco muito... gosto muito de brincar, mas provoco a sério... Quando há determinadas situações e lhes digo: “se vocês quando levam os vossos filhos a um hospital, se ele abriu a cabeça chegam à urgência não estão à espera de que o médico que está na urgência vá telefonar ao diretor do hospital para dizer como é que vai suturar a cabeça do menino, porque se não vocês ficam aflitos porque se vai perder montes de tempo.” Portanto os professores também têm de ser especialistas nestas coisas e era bom que nós pudéssemos ter enquanto diretores de escola também mais autonomia nesta... Mesmo no próprio processo de avaliação dos professores que também fosse mais XXX e inequívoca a nossa intervenção na valorização daquilo que é bem feito. Muitas vezes os professores também se queixam e com muita razão que fazem coisas... nem sempre o sistema... digamos assim, a moldura do sistema continua a espartilhar-nos um bocadinho e não nos deixa furar ... Digamos que esta nova legislação permite realmente haver algum movimento, flexível... mas nós ainda continuamos espartilhados, há uma coisa que eu também queria deixar muito claro que é o seguinte: eu como é claro sou muito a favor da autonomia... porque eu acho que quem está à frente das escolas assume um papel de responsabilidade e se é um papel de responsabilidade também é um papel sobre o qual tem que prestar contas, portanto isto por parte da tutela até era muito fácil, dão autonomia entretanto no fim a pessoa presta contas, serve, não serve olha meu amigo depois terá as consequências que tiver e por isso muitas vezes não entendo porque é que ficamos sempre pela metade... Avançam e nós começamos a mobilizar-nos para a ação mas depois empacámos no terreno com determinadas coisas... porque por exemplo depois quando saem os despachos de lançamento do ano letivo nós acabámos por não ter horas suficientes nem crédito horário para fazer montes de coisas que poderiam complementar e poderiam ser muito úteis... O diretor ainda não tem autonomia...

E – Isso na verdade era um ponto importante e fundamental assim de uma forma global. Eu agora gostava de lhe perguntar o seguinte, quando vocês arrancaram este ano, nas tais duas turmas de sétimo ano, portanto agora focando mais aí, houve alguma forma de encontros, formação, sensibilização para os professores que iriam trabalhar diretamente com estas novas formas...

D – Sim, sim, sim, os professores que entraram..., portanto como eu lhe disse eu agi, portanto na distribuição de serviço coloquei fações diversas até porque a flexibilidade vai ter que se impor para a frente. Agora tenho maioritariamente um leque substancial de professores que fez muitíssima formação sobre a flexibilidade curricular, muitíssima... e portanto têm ali um trabalho de partir pedra e de... apesar de serem os mais novos... mais novos que já têm uma larga experiência de ensino, mas os mais novos, mas no ensino também acontece esta coisa que é inusitada não é, uma pessoa pode ter 30 anos de serviço e ainda continua a ser um miúdo, se tem 35 é um miúdo... isto faz-me lembrar a primeira vez que eu fui trabalhar era colega... era provisório e agora... continuo a dizer eu na minha escola sou o mais novo do meu grupo e já tenho 32 anos de serviço... continuo a ser o miudinho do grupo não é? Porque os outros é tudo gente mais velha...

E – Por aquilo que eu percebi aqueles que tinham mais formação iriam sensibilizar os outros? A ideia era essa?

D – Claro, claro, e têm essa capacidade, porque estão a fazê-lo com base em conhecimento, em conhecimento que receberam do ensino superior, é um conhecimento com base em estudos, feitos com base em pesquisas, com base em montes de formações e discussões que tiveram, aliás nós ficamos a fazer formação também na nossa escola, vieram pessoas fazer formação....

E – Essas pessoas que vieram fazer formação para ajudar digamos na implementação, eram do centro de formação? Eram da universidade?

D – Houve no centro de formação, houve também com a Católica também, com a Universidade do Minho também...

E – Portanto foram tendo algumas parcerias digamos assim na ajuda...

D – Sim sim, sim, nós temos contacto, nós somos escola parceira da Universidade Católica e é o nosso amigo crítico no programa, participamos nos seminários, nas formações, eu mando sempre equipas de professores para as formações, já realizaram também várias formações na nossa escola, também somos um elemento do arco-maior que é com o professor XXXX que é também o nosso... aliás é o nosso amigo crítico da Universidade XXXXX, trabalhamos muito de perto com.... e há esse trabalho...

E – Esse trabalho de formação, reflexão, ajuda, partilhas digamos, nota que teve impacto? Que teve efeito nos professores?

D – Olhe, isto é, em confiança, não pode nem sequer usar depois no trabalho, não pode pôr nomes, olhe o professor XXXXXX quando vai à minha escola (ele agora já mudou um bocadinho) mas era assim Professor XXXXXX os teus professores.... porque ele ao fim do primeiro encontro.... porque olhe ele é uma das pessoas que eu mais admiro é uma pessoa com a alma do tamanho do mundo ou maior do que o mundo, e eu achei piada quando ele chegou e olha com aquela maneira muito peculiar de olhar e disse assim: “ah professor XXXXX os seus professores... (a primeira vez que houve a sessão) e agora já vai mudando.... Isto é um trabalho que efetivamente a mudança está a haver, mas está a ser muito mais lenta e por isso isto o que não pode, digamos assim, ser cortado, foi encetado este caminho e foi um caminho que tem que ser monitorizado e tem que ser criado aqui um espaço temporal substancialmente alargado para depois podermos chegar a conclusões. Aliás o ensino em Portugal perde muito, e já perdeu mais do que muito com estas coisas do vem um governo.... Repare nós ainda há bem pouco tempo andávamos com a história de que os exames é que valiam, não é? Se bem se lembra aquilo era exames, exames, exames (sic) e os exames é que certificavam e agora passámos para o oposto, e isto mesmo para as famílias depois começam a dizer “estes tipos não sabem o que é que querem.... andam para trás e para a frente...” Portanto eu acho que agora há uma convergência.... e isto para mim é motivo de muita alegria porque eu espero ainda poder aproveitar isso como professor que é esta filosofia transversal que vai perpassando todos os normativos que vão saindo, com imperfeições, que vão tendo ainda reajustamentos, mas há esta filosofia grande de criar condições de equidade, e darmos as mesmas oportunidades a toda a gente e deixar mesmo esta relação.... mesmo com os antigos meninos da educação especial nós agora dizer-lhes (sic) que agora temos de aplicar as medidas universais a todos e depois poderão ser a seletivas e adicionais em função de estudos mais pormenorizados eu acho que nós estamos finalmente a olhar e a ver as coisas.... Antigamente, nós olhávamos e era com base em percepções.

E – Olhe e relativamente a esta fase de ajuda de implementação da reflexão da formação teve ajuda direta ou apoio do ministério da educação?

D – Não, o ministério da educação fez.... eu fui a um encontro em Lisboa, creio eu que foi... seria Faculdade de Letras? Olhe não sei, sei que me acabei por vir embora, alias fui lá estive na sessão da manhã e aquilo era sobre as escolas piloto e depois aquilo que foi apresentado... porque misturaram escolas públicas com escolas privadas e apresentaram-me ali cenários que eu disse eu não vivo todos os dias a ir para uma escola, eu aquilo onde eu estou deve ser... das duas uma ou saía de lá muito deprimido ou... pronto... porque achei que houve pouca partilha e foi mais propaganda ou publicidade às práticas... pronto... Uma das pessoas intervenientes eu conheço era daqui do Porto, até era daqui dos arredores do Porto era de uma escola pública que conheço há muitos anos, é diretora de uma escola, apresentou aquilo que estava a fazer lá enquanto escola piloto, mas também já tinha, até por que sou amigo dela, coisas completamente diferentes daquilo que estava a ser dito ali em público e por isso até fui com a minha subdiretora e disse-lhe olha vamo-nos embora porque já estou cansado...

E – Portanto nesta mudança ou nesta inovação na flexibilidade com estas turmas do sétimo ano não teve apoio do ministério da educação. E o ministério da educação vai acompanhando? Tem notado isso? Acompanha ou não?

D – Não, repare o nosso segundo período foi sui generis em muitas coisas. Eu em Novembro recebi a carta da IGE a dizer que íamos ter avaliação externa, portanto acabei o primeiro período a trabalhar a arranjar aquela documentação toda que eles pedem de relatórios disto daquilo e daqueloutro, depois em Janeiro tivemos a semana da avaliação externa aliás recebi só agora esta semana o resultado da avaliação que para mim é muito estranho, uma coisa que foi feita... terminou a 20 de janeiro (23 ou 24) e demoraram tanto tempo, aliás o inspetor (também o conheço) disse-me olhe já está feito o relatório e não sei quê mas olhe vai demorar tempo a sair, eu ainda não percebi se aquilo vai para uma tómbola lá em Lisboa e depois eles decidem... é como acontece com a avaliação dos diretores, sabe como é que é feita a avaliação dos diretores, eles não nos conhecem... Portanto eu faço o meu relatório de avaliação, tenho que enviar até ao dia 31 de Outubro, até 15 de Novembro reúne-se uma pseudo comissão científica que não me conhece de lado nenhum e depois sai dali o resultado. Eu por acaso tive sorte porque na minha avaliação não tinha sido contada a avaliação externa da escola, nós tivemos bom nos parâmetros só tivemos suficiente na autoavaliação. E perante o cenário que eles expuseram quando apresentaram o processo de avaliação das escolas aquilo é assim excelente é para deus, muito bom para as coisas realmente fora do comum, portanto eu acho que nós até tivemos um desempenho razoável... Agora depois eu até fui falar com o delegado regional a dizer então como é que é? Porque

eu tinha tido uma menção e depois aquilo desceu-me para muito bom... e eu disse estou aqui a ser prejudicado, andei aqui... perdi férias no verão... e ele disse “olhe e teve sorte porque das escolas que tiveram avaliação externa nenhum diretor teve uma menção acima de bom.” Quer dizer ainda que o conselho geral tivesse avaliado de uma determinada maneira depois aquilo dá por bom, (sic) portanto aquilo é por cotas, e aqui foi a mesma coisa, eu acho que aquilo deve ter ido a uma tómbola as propostas e eles lá nos serviços centrais eles avaliaram as escolas, porque eu não me acredito... mesmo para a escola.... Repare, por uma dinâmica de escola, e isto não vai fora daquilo que estávamos a falar da flexibilidade curricular. Repare eles tiveram a assistir a aulas e tudo em janeiro, nós estamos neste momento em maio. Demoraram tanto tempo a dar o feedback? Numa coisa que tiveram uma reunião connosco já final, nós já sabíamos mais ou menos para onde a coisa ia, estava relativamente descansado... Mas podiam ter, portanto dado um contributo para que nós melhorássemos em mais alguma coisa, mas de forma atempada. Nós ficamos sem saber nada, não há transparência nestes processos. E isto de alguma maneira nós sentimos que perdemos um bocadinho esta autonomia e este contacto... agora temos tido muitas reuniões com o Sr. Secretário de estado, reuniões online através do zoom para estas coisas todas, muitas, ainda ontem tive uma por causa dos surdos, a semana passada já tivemos duas reuniões por causa desta questão da pandemia, o delegado regional é uma pessoa muito próxima, o Sr. delegado regional tenho a dizer o melhor dele, uma pessoa que está sempre disponível mas que não tem capacidade de decisão, e eu acho que o grande problema, e o XXX XXX sabe disso muito melhor do que eu até porque teve no departamento do ensino secundário muitos anos, faz falta aqui uma direção regional. Não faz sentido... porque repare aquilo que sucedeu aqui à pouco tempo que se ouviu e que andou por aí pelas televisões, de que no Norte éramos de determinada maneira, passa um bocadinho porque nós não temos esta legitimidade, parece que realmente nós estamos nos confins do país, isto é um país muito pequenino, e é verdade nós não temos autonomia para poder discutir essas coisas, repare eu se tiver de pedir uma determinada medida de exceção eu tenho de pedir a Lisboa, e em Lisboa... por acaso em Santarém, aliás eles só conseguem ver até lá, isto agora é para meter aqui um bocadinho de humor negro, porque em Santarém existe uma escola muito mais nova que ainda por cima era uma escola E.B 2-3, se é uma escola básica agrupamento XXX XXX, e eles já recebi (sic) n documentos mandados do ministério central que eram para Santarém porque eles não sabem que repare o liceu central do Porto se chamava liceu XXX XXX, já tem cento e muitos anos, 114 por aí, portanto está a ver, é nesta parte que eu acho que nós temos pouca autonomia, e muitas vezes era fácil conquistar os professores motivando-os para a ação se realmente as pessoas depois sentissem que não esbarravam em certos princípios e certos mecanismos... e se não continuássemos a ver a tutela lá ao longe. Repare eu para ter o ministro da educação e o primeiro-ministro na escola, tive que mandar os alunos todos embora, mas foi democraticamente, os miúdos andavam-me a perguntar quando é que fecha a escola? E eu disse quando chover, e por acaso veio um dia de chuva e aquilo de um momento para o outro houve ali um 31... deve ter acompanhado aquilo veio na comunicação social... pronto nós fechamos a escola. Mas só ao fim de termos fechado a escola... você sabe quantas comunicações e quantos ofícios andámos há anos a mandar para o ministério da educação? Milhentos! E nunca tivemos feedback nenhum, mas depois até veio o Sr. primeiro-ministro, ministro da Educação os senhores secretários de estado, até a Sr^a secretária de estado Alexandra Leitão veio toda muito simpática e perceberam a realidade das coisas...

E – Mas acha que se houvesse uma descentralização...

D – Não tenho dúvidas, sim. Olhe por exemplo a gestão de proximidade que existe com a câmara municipal do Porto ao nível do primeiro ciclo, e eu acho que isto não tem a ver com as questões de... independentemente da cor política... é assim a câmara municipal do Porto desde sempre quando os pais, sobretudo naqueles (?) de que eu lhe falava à bocadinho em que vivíamos carências económicas e tal e eles diziam ah porque eles ali no concelho tal estão a dar livros ali no outro estão a fazer isto, e eu dizia olhe a câmara Municipal do Porto tem um aspeto que é excecional, tinha um manancial de oferta educativa de abrir horizontes para os vossos filhos, darem-lhe a oportunidade de irem ao circo de contactarem com diversas tipologias de arte, visitas a museus, viagens... Portanto isto passa por esta gestão de proximidade, nós tínhamos reuniões como continuo a ter com a Câmara Municipal do Porto, muito próximas não só do concelho municipal de educação, mas com o vereador da educação, com a equipa municipal, depois há um a equipa municipal de educação que trabalha proximamente connosco. E mesmo a atitude não é uma atitude de sobrançaria como muitas vezes existe da parte do ministério. O que é que acontece, no ministério da educação nós temos aquilo muito (incompreensível). Por exemplo eu acho que este ministro da educação é uma pessoa inteligentíssima, não tenho dúvidas disso, ele já esteve lá a dar uma entrevista na minha escola a noite, pediu se eu lhe cedia as instalações, foi o ano passado no início do ano escolar, ela foi lá eu abri-lhe a escola e depois tivemos em conversa muito informal, eu acho que é uma pessoa que sabe o que quer, agora aquilo ali nos corredores da 24 de Julho e da 5 de Outubro não anda para a frente porque estão lá as mesmas pessoas que já lá estão há não sei quantos anos e por muito inovador que uma pessoa seja não vai conseguir realmente avançar. Agora eu acho que eles têm uma boa equipa de pensadores, estão se a socorrer muito do meio universitário, eu acho que isto é importante e justiça nós temos que fazer porque há a mudança, a mudança não está a acontecer ao ritmo que nós queremos, mas tem havido, eles vão auscultando...

E – Acha então que essa mudança.... as escolas neste momento têm forma de fazer a mudança que se pretende, uma mudança educativa, inovação educativa.

D – As escolas vão sendo ouvidas, vão sendo ouvidas... como lhe disse eu acho que as escolas estão a precisar de uma renovação, eu há bocado estava a brincar consigo... estava a brincar não estava a falar a sério mesmo a dizer que em Abril não acaba, por exemplo eu acho que um dos grandes males das nossas escolas do ensino secundário no que diz respeito à gestão é que nós temos dinossauros, temos gente que está lá há 20 anos, ora se eu estiver à 20 anos a impor a minha visão sobre as coisas... quer dizer nem dou oportunidade a outras pessoas de trazerem uma lufada de ar fresco ou de continuarem ou de projetarem ou aumentarem a qualidade... pronto... estou-lhe a dizer isto porque nesta reunião com o secretário de estado eu a certa altura (eu estava com uma adjunta minha) isto também é uma em confiança, estamos aqui a conversar a algum tempo e de repente eu dizia-lhe assim: olha vê aqui as anedotas que nós temos neste país... Eram diretores de escola... quer dizer eu estava a pensar se eu estivesse na escola daquelas pessoas eu ia ser um desgraçado porque com visões à espera sempre de orientações para isto... no fundo repare... e é um desafio que lhe mando e acho que está a fazer um trabalho sobre uma área muito interessante e pense um bocadinho... se calhar já está a pensar muito sobre isto... Mas repare a questão de em que medida o corpo docente e mesmo os órgãos diretivos, os diretores das escolas querem a flexibilidade, querem a autonomia? Em que medida é que as pessoas estão muito acomodadas, não preferem resguardar-se e esperar instruções muito XXXs para cumprir e dizer

amém vamos fazer isto e isto e isto ou pelo contrário quererão ter autonomia para fazerem inovação sustentada. Atenção porque há por aí muita inovação louca. Há aí cada pessoa que diz cada coisa que...

E – Essa é uma questão crucial, não é? No seu agrupamento consigo com os seus professores qual é a resposta ao desafio que... acabou de lançar?

D – Tenho de tudo, tenho um grupo que está circunscrito e que eu sei muito bem quem são por isso quando falava à bocadinha se eu pudesse escolher as pessoas eu sei que tinha ali material humano para fazer grandes coisas e sustentadas, sustentadas em saberes, sustentadas em reflexão e depois iria logo ter muita gente que ia logo dizer que não porque está à espera de orientações e tinha outras que fariam e iriam fazer mal porque estavam à espera de instruções e iriam apreender as instruções com uma intencionalidade comunicativa que jamais existiria da nossa parte...

E – Pois daí ter falado da questão da comunicação...

D – Mas pode ter a certeza de que ainda há muito diretor de escola, muita gente isto é uma rotina que existe, isto é talvez um carcinoma do ministério da educação, é as pessoas estarem todas à espera das orientações, orientações, orientações... o que é que eu acho de novidade nesta documentação? É o desabrochar, é a abertura, as notas preambulares têm um significado imenso em termos de potencial de abertura e acho que em termos de atuação por parte desta equipa que lá está, o Dr. João Costa é uma pessoa que me parece muito inteligente e acho que gosta de cooptar saberes, de ouvir as pessoas. Olha muito para a figura, e há uma ideia... e olhe eu conheço-o destas coisas mas que me deixa muita tranquilidade face a algum histórico que nós temos... que é assim ele aposta na centralidade do aluno, do bem estar do aluno, isso para mim é um fator de descanso, é assim o homem até pode fazer o maior disparate do mundo, mas há uma coisa de que eu estou seguro, eu tenho ideia de que tudo aquilo que ele propõem... primeiro eu sei que é uma pessoas com conhecimento suficiente para propor coisas de uma forma sustentada e depois eu sei... isso é muito claro, a gente ou acredita ou não acredita mas é verdade que relativamente a ele não me suscita nenhum tipo de dúvidas que ele sabe muito bem para onde quer ir e que aquilo que procura é o benefício dos alunos e oxalá toda a gente neste país fosse assim. Agora ele também as mesmas dificuldades que qualquer pessoa tem quando... É preciso ensinar a ter liberdade. Estamos 46 anos depois do 25 de Abril mas é preciso ainda ensinar a ter liberdade. E aí o papel ativo dos professores, nomeadamente através da flexibilidade curricular... se nós nas nossas práticas docentes logo desde o primeiro ciclo fomos criando mais autonomia nos miúdos criando mais trabalho colaborativo e ouvi-los mais... isto é um projeto que está a ver a 12 anos consegue ter uma melhoria substancial mas só resulta se houver esta abertura para que os miúdos tenham autonomia de início para propor, tenham interatividade em diálogo, enriqueçam os procedimentos porque na maioria das escolas deste país os nossos alunos continuam a ser objetos, nós vamos assim tipo fantochesinhos manuseando e muitas vezes viram para um lado porque nós os mandámos virar e eu acho que é tão enriquecedor quando nós ouvimos e quando aprendemos com eles porque podemos dizer que eles têm menos... há muito estereótipo que diz que agora os meninos não sabem nada que não aprendem nada e não sei quê e eu acho que eles têm muito mais competências a todos os níveis e vão nos dando algumas lições... olhe esta lição da pandemia esta história da pandemia tem sido um bom momento para nós encontrarmos evidências de que os alunos autonomamente são capazes de nos darem grandes lições eu vejo muitos miúdos em sessões síncronas a dizer aos professores como é que devem fazer relativamente a determinado programa como é que fazem para desligar o microfone, como é que fazem isto como é que fazem aquilo... Ó professora conhece este site que até tem isto isto e isto que eu até estive a ver... portanto os miúdos não são tão parados como o que as pessoas pensam...

E – Pronto agora ia-lhe fazer assim umas questões assim mais particulares relativamente às mudanças deste ano letivo 19/20, por exemplo, nestas alterações que eu já percebi que foram focadas nas turmas do sétimo ano, implicou alterações nos documentos estruturantes da ação educativa no projeto educativo, na missão? Vocês mudaram os documentos? Não?

D – Não, não mudámos porque a filosofia do nosso projeto educativo é inerente, nós estávamos a meio da mudança... a filosofia está em articulação com o próprio projeto TEIP, houve reestruturação do plano de melhoria TEIP sim, de forma a poder haver esta articulação e correlação com aquilo que estamos a fazer. Onde nós estamos fossilizados, e é o meu maior desgosto porque não conseguimos fazer tudo e depois com estes desafios todos que têm surgido e estou mesmo muito preocupado é na reformulação do regulamento interno da escola. Nós quando começamos aquilo que nos foi apresentado até foi em sede do conselho geral e eu achei muito crítico e fui muito crítico relativamente a isso, porque eu acho que um regulamento interno não precisa de ter leis... o nosso é maçudo é horrível é uma coisa horrorosa e acabou por ser aprovado pelo conselho geral. Eu acho que deveria ter apenas especificidades a serem abordadas no nosso tratamento e no nosso agrupamento e aí estamos literalmente atrasados, esse documento nem vale a pena lê-lo porque aquilo que vai ler não interessa agora em termos de projeto educativo o plano de atividades contemplam já aquilo que está preconizado na lei.

E – Sim, mas não foi por causa da lei então...

D – Ah não, não, não. Nós já tínhamos... repare o projeto educativo sofreu uma lavagem em função daquilo que já eram as nossas perceções da educação, ao fim ao cabo, digamos que se antigamente eram mais de cariz reivindicativo aquilo que era um projeto reivindicativo e com sentido prospetivo neste momento tornar-se-á mais realista a sua consecução porque a lei nos dá essas possibilidades.

E – Muito bem, no início quando começaram a implementar criaram algumas equipas específicas para o desenvolvimento da autonomia e flexibilidade curricular?

D – Foram criadas equipas depois de replicação de formação que tiveram, isto porquê? Porque o projeto é para avançar, não é?, para ser alargado e portanto nós não queríamos de forma alguma... aliás eu acho que mais importante do que deixar a heranças é deixar algum legado para as outras pessoas e a última coisa que eu queria é que dissessem que... eu preocupo-me também um bocadinha por uma

questão de brio e de um conjunto de coisas até porque é a minha escola eu vou ficar lá a trabalhar e também quero voltar ao meu contacto com os alunos e quero ter condições até para aprender e disponibilidade para aprender mais sobre processos e procedimentos dentro da flexibilidade e por isso aquilo que foi lançado aos professores foi nestas horas de trabalho colaborativo que fazem há reuniões de réplica de temáticas que são abordagens dos próprios normativos legais e de forma a tentar preencher o maior número de professores, como lhe disse eu tenho muita resistência ainda, a sorte é que eu tenho pessoas que se irão reformar daqui por dois anos e a coisa vai ficar por aí porque se não ia ser muito difícil.

E – É, portanto, a tal equipa educativa.

D – A equipa educativa e depois o trabalho com os docentes de formação. Porquê? porque há dinâmicas que ... há dinâmicas muito grandes de formação... há uma informação muito grande por parte do conselho pedagógico junto de todos os docentes ... claro que nós não obrigamos ninguém, mas ninguém morre desinformado, aliás, às vezes até têm informação em excesso, nós tentamos fazer q.b.

E – Mas para desenvolver especificamente esta mudança no 7º ano, a tal equipa de professores

D – Sim, e é o mesmo que queremos fazer para a frente para que as coisas – e isto agora foi muito mau ...

E – Sim, porque interrompeu

D – Era muito mais fácil, agora foi interrompido... porque aquilo que estava previsto era no final deste 1º ano haver uma partilha alargada,... vou-lhe dizer, quando foi o nosso processo de avaliação externa ... eu tinha dois, um ainda no tempo da escola secundária em que tinha um grupo de professores de informática muito bons, professores novos que ainda não se tinham pirado para escolas melhores e fizeram uns ppt fenomenais, fiz uma apresentação para uma plateia enorme de pessoas com ppt engraçados sobre a identidade do XXX XXX e foi muito monocórdico, fui eu que apresentei as coisas.... Desta vez surpreendi os senhores inspetores, e foi assim uma coisa de momento. Tivemos muito poucos diapositivos, e fiz uma apresentação, foi uma maldade minha, surpreendentemente coletiva. Queria focar determinados pontos e foi mais uma conversa ... e os professores da Faculdade disseram que foi uma apresentação muito fora do comum, porque não se cansaram de me ouvir. Introduzia determinados temas, dizia qual era a estratégia e a visão sobre o ponto e pedia aos intervenientes e tive sorte porque ninguém ficou com vergonha e as pessoas acabaram... foi tudo cadeado, depois do primeiro ser encaixado foi uma maravilha. As pessoas falaram com desenvoltura sobre as coisas. É isso que nós queremos....

E – A partilha

D – Sim, que essa partilha se faça com base... queríamos fazer uma reunião em que as pessoas iriam espalhar para toda a gente, que se dispusessem as coisas para que fosse possível esclarecer dúvidas, que falassem muito à vontade sobre os obstáculos ... Eu não queria o discurso cor-de-rosa que fui ouvir a Lisboa, mas ver que há uma mais-valia, muito potencial, e sobretudo que há esta filosofia à qual... nós temos uma lei que nos rege e que pela 1ª vez temos uma confluência dos documentos... Quando vou ler uma coisa, tirando agora esta situação da pandemia, percebia-se que havia um fio condutor nos diferentes documentos, e isso ajudava a interiorizar as perspetivas... e essa congruência ajudava... água mole em pedra dura...

E – E essa coerência ajudava a mudar a cultura...

D – Não tenho dúvida disso. E há uma característica importante nas pessoas do XXX XXX [refere seu passado de aluno no liceu, Rainha Santa em frente para as raparigas e a proibição do acesso], que é um agrupamento muito desempoeirado, pessoas muito abertas a querer aprender, são muito céticas, perguntam... e depois aceitam a partir do momento em que veem que é uma mais-valia. Ao fim e ao cabo, o professor sente-se muito melhor se começa a experimentar algo em que em princípio estava à espera de diretrizes muito concretas, agora faz assim... e começa a ganhar outro gosto, a verificar que as suas apostas acabam por ter resultados positivos. Penso que a autonomia passa por aí... não tanto pela obtenção dos resultados imediatos, mas daquilo que nós vamos aferindo e avançando...

E – Muito bem... Gostava de lhe perguntar também o seguinte: a organização do trabalho dos professores mantém-se igual nas duas turmas do 7º ano... quantas horas é que a tal equipa reúne por semana?

D – Ah, ah... a equipa reúne semanalmente duas horas, fazem duas horas semanais para trabalho colaborativo em componente não letiva, mas depois eles têm 11 horas de trabalho individual em que as pessoas não estão na escola, mas têm um contacto ... aliás há aí um grupo parece que já previam a pandemia... um grupo de WhatsApp de discussão em que eles vão articulando... e foi por livre iniciativa...

E – Portanto um bocadinho diferente do conselho de turma tradicional que reúne duas vezes por período...

D – Não, não, não... é um trabalho ... aqui é uma abordagem sistémica, aliás... porque eles sabiam, aliás, o diretor foi a única coisa em que o diretor foi intransigente com eles, foi dizer-lhes que no fim nós, a prestação de... aliás...no início do ano e depois em sede de conselho pedagógico foi abordado essa questão e sempre a relembrar que o feedback, a monitorização, termos dados muito concretos para no fim fazermos [uma avaliação]... e isto só poderia ser rastilho para o agrupamento todo se tivermos dados concretos... não pode ser com base em impressões...

E – Exato. Portanto, os alunos têm durante a semana, qual o tempo deles durante a semana?

D – Os alunos têm o horário normal nas turmas com exceção das quintas-feiras em que têm este espaço como espaço comum das duas turmas. Foi esse o plano que nós encetamos para depois monitorizarmos, retirarmos daí alguns resultados, refletirmos de forma alargada, ver o que há a mudar. Mesmo em termos de experimentação, contrariamente às equipas piloto das outras escolas até próximas do nosso – e eu não entrei, até gosto porque estávamos numa situação muito particular, não dava, tivemos até discussões sérias... O facto de termos estas condições lamentáveis estaria a exigir aos professores um esforço desmedido...

E – Das condições físicas que está a falar...

D – Sim, e as condições físicas eram prioritárias. De que adiantava estar ali a querer ter-me metido logo no projeto piloto sem ter havido condições para ter havido uma reflexão cuidada... Essas pessoas dessas escolas (piloto) tiveram uma monitorização do Ministério

Estou a dizer isto porque, tinha-me esquecido e isto é um aspeto que quero sublinhar ... este grupo de professores foi para além de variadíssimas ações no próprio Centro de Formação situado na escola básica e secundária do Cerco do Porto muito próxima e a escola do Cerco entrou no projeto piloto... Resultado, os nossos professores foram lá, falaram com o órgão de gestão, com professores, com alunos, viram mais ou menos o sistema que no início ainda andava assim muito perdida, muitas vezes vinham com a ideia com que vim de Lisboa e mesmo transmitido abertamente por parte dos professores, professores mesmo com responsabilidades, isto é um bocadinho para se ir fazendo ... e pronto. E quando cheguei a Lisboa e vi os resultados vi que era impossível ter acontecido num ano só. Até pensei que isto não é de um país em que eu vivo... E fiquei muito feliz porque não tenho inveja das outras escolas, às vezes gosto de aprender com elas e tentar chegar a esses lugares Aqui há uns anos o Ministério teve uma iniciativa e que foi uma pena tê-la perdido ... aqui do Porto fomos 3, eu, do Cerco e da Augusto Gil que era dos líderes inovadores ... íamos um fim de semana para Lisboa, íamos para a Faculdade numa parceria da Microsoft com o ME e a grande vantagem é que estavam diretores de todo o país... E quando eu via que numa escola do Algarve estavam a fazer de uma determinada maneira ... e à vinda no comboio estávamos a discutir coisas que poderíamos trazer para nós e o mesmo fizemos relativamente a eles...

E – Essa rede de partilha existe agora?

D – Não, e devíamos ter. A criação de trabalho em rede é um dos alicerces mais importantes que vão fazer com que o prediozinho no fim não caia por maior que seja o terramoto, vai estar ali seguro e vai aguentar com a maior das tormentas. Porque nós, ao fim e ao cabo, num trabalho em rede encontramos respostas para muitas das nossas inquietudes. E não há mais ... e até falo nem tanto como diretor, mas como professor... e as minhas inquietudes e pontos de interrogação encontram nas experiências dos outros algo que é similar e a forma como conseguiram resolver obstáculos eu posso também experimentar. Esta rede de partilha, porque não há receitas, é muito importante ... é um pouco a perspetiva sobre a universidade que não tem de nos ensinar tudo ... tem de nos dar pistas... e nós mediante as pessoas, os professores que temos à frente vamos por nós próprios ganhando autonomia e investindo al algumas coisas. E aqui o trabalho em rede é importante para depois irmos mais longe, não ficando sentados à sombra da bananeira, como mais segurança e muito menos angustiados. O conhecimento dos problemas e das soluções que as escolas vão encontrando é importante.

E – Exato, é o caminho... Portanto, à quinta-feira de tarde ...

D - À quarta de tarde eles encontram-se e quinta de manhã é que têm aquelas 3 horas...

E – OK, e que disciplinas é que entraram?

D – A História, o Português e a Geografia...

E – OK, as outras disciplinas continuam a fazer o seu trabalho individual...

D – Não... não... não... também fazem... também contribuem, não é tão vinculativo porque não há horas..... está a ver é a questão da autonomia... se tivesse punha-os a todos... O que é que acontece? Estão todos a trabalhar o projeto que é comum da turma, trabalham todos em sentido convergente, com mais resistência de algumas áreas, de algumas disciplinas que acham que não dá..., mas essa parte até já conseguimos ultrapassar... Ao fim e ao cabo todos estão a trabalhar para isso... e depois tenho sorte, também trabalhei para isso, consegui nos horários colocar como coordenadora a professora de Biologia e como é professora de Ciências dessas turmas consegui alocar horas para fazer uma trabalho mais... pois tem também formação para fazer uma monitorização de forma mais informal sem ser com aquela história do horário rígido, para ir acompanhar professores em jeito informal... se não, como sabe, os professores gostam muito de cumprir aquilo que está estabelecido no seu horário e tudo o que seja um bocadinho mais.... E têm razão. Vou-lhe dizer eu tenho de ser muito solidário com eles a 100% porque eles trabalharam sempre em condições muito difíceis. Repare, eu sou de Português, na minha escola secundária aquilo é dividido por paredes de madeira se estiver um professor de matemática ouvem tudo... e o esforço que os professores fazem é hercúleo... E não me sinto nada confortável ... tento propor, tento convencer com mais ou menos assertividade, mas com um sentido de proposta porque isto da imposição Não resulta. Se a pessoa estiver contrariada não faz.

E – Então as 3 horas da manhã são acrescidas... por exemplo Português quantas horas no 7º ano e essa é uma hora a mais

D – Não, não ... é a hora normal das disciplinas... têm de ter a matriz curricular igual aos outros, às outras turmas de 7º

E – Só para terminar esta questão: estas turmas de 7º, porque foram escolhidas essas duas?

D – Olhe, em primeiro lugar, o perfil dos alunos. Coincidentemente, eles são alunos que têm francês como língua estrangeira, e isso foi oportunidade minha ... uma oportunidade, vou-lhe primeiro falar dos meus defeitos... e o meu primeiro defeito foi olhar para ali e dizer alto, eu tenho aqui para não haver chatices com a escolha de professores ... e depois dizerem ah, porquê.... Porque sim e porque não Então e como era em trabalho de projeto e não tinha horas para tudo por causa daquelas 3 horas que ficam a mais.... Deu-se a coincidência da língua estrangeira francês era muito mais fácil formar o conselho de turma porque se fosse um professor de francês e outro de espanhol já não dava... e depois, também coincidentemente, eles apresentam perfis de baixo rendimento escolar. Esta é a característica que é mais uniforme relativamente aos alunos. São alunos com muitas dificuldades... bom eu não peguei... podia ter sido uma opção, houve escolas que fizeram isso, eu não fiz isso nem faço ... é a minha maneira de ser e estar na docência, é tentar esbater as desigualdades. Estes miúdos são miúdos que efetivamente, primeiro, precisavam de um maior controlo por parte da escola, controlo no sentido de atenção, portanto, a escola tem ali uma oportunidade para de alguma maneira conseguir uma atenção ao tipo de trabalho que esses alunos desenvolvem enquanto que pelas suas características e dificuldades são alunos que muito facilmente os professores poderiam deixar cair,

estavam mais vulneráveis... *se não acompanhas deixa lá*, o esforço que fazem se fosse fora deste contexto, se calhar não existia... Daí haver uma insistência grande na convergência, as pessoas trabalham em uníssono relativamente a tentar agarrar os alunos... portanto, são alunos que apresentam essas dificuldades não só do ponto de vista do conhecimento, das competências ao nível do que são conhecimentos científicos de determinadas disciplinas, mas sobretudo ao nível da cidadania, das questões sociais. E por isso é que nós apostamos mais nesta área, porque ao fim e ao cabo havia aqui e há aspetos que nós achamos que há aqui aspetos que são muito importantes que os alunos consigam vislumbrar algum grau de consciência de cidadania, algum grau de intervenção do ponto de vista ecológico e ambiental...

E – E, portanto, considerava que nova forma de trabalhar conseguiria ajudar a desenvolver essas capacidades?

D – Sem sombra de dúvida.

E – E porquê?

D – Houve resistências, muitas... dos miúdos, mas agora estávamos a avançar...

E – Mas por causa de quê? Nas alterações o que é que contribui para que os alunos estejam melhor?

D- Foi logo pela questão das metodologias. Os alunos estão perante um conselho de turma que maioritariamente, haverá ali um ou outro que ainda faz umas resistências, mas até também estão a adaptar-se, mas também pela disciplina que é, a fazer semestralmente, não ali grande coisa... não vai ter grande impacto. Eles não veem a escola como um lugar... passamos daquele paradigma da escola como lugar de encontro com os amigos – e que agora com a pandemia se está a revalorizar, estão todos mortinhos para ir para a escola com as saudades dos amigos – mas eles começaram a ver a escola com utilidade e sobretudo a ter gosto por aprender e começaram a perceber – e isto é muito giro, fui falando com alguns deles – que há muitas maneiras de aprender, um professor pode desempenhar diversos papéis, e isto tudo, muitas vezes, e até é um bocadinho irónico... Tinha um miúdo que dava alguns problemas e a certa altura disse-lhe, nós como pessoas somos todos iguais, eu sou igual a ti... Só que o grande problema que está a criar chatices aos dois – é como se fosse uma peça de teatro, e temos papéis diferentes... Eu desempenho um, sou o diretor que manda nisto tudo e tu tens de obedecer. E o mesmo acontecer relativamente aos professores. Achou piada e disse mesmo os professores têm papéis diferentes uns dos outros..., portanto como quem diz, eu percebi ...

E – E, portanto, essa melhoria na forma de estar dos alunos tem a ver com a quinta-feira de manhã?

D – Tem a ver com a quinta-feira de manhã, com o acompanhamento ... os alunos têm consciência de que estão num processo de prestígio [sic]... foi um pouco como o truque da ação tutorial... ninguém queria... estes pais ainda se lembravam da velha tutoria que havia ali na rua das Águas... *o quê, o meu filho...* foi um bico de obra. E quando começamos a desmontar o discurso e mostrar que era uma mais-valia, que não seriam cobaias, que era uma experiência piloto e que seriam um marco no agrupamento ... seriam os primeiros a iniciar um projeto cujo sucesso ou fracasso iria depender da forma como eles assumissem. E eles acabaram por aderir... assumiram do sentido do vestir a camisola.

E – E acha que isso foi benéfico...

D – Acho, acho... e ação tutorial também quando comecei a distribuir trabalho de responsabilidade a alunos que estavam a ser tutorados... quando normalmente eram postos de parte... coitadinho vai ficar para as tutorias... eu comecei a dar algum papel para estes alunos, coisas muito simples... nem que fosse a entrega de papel, o vir mais vezes à direção, o articular com o diretor, a participação nos casos de uma festa da escola ...

E – Pois a questão psicológica e emocional. Queria perguntar o seguinte: quando organizou as turmas do 7º ano como é foi definido o agrupamento de alunos? Teve a ver com a idade, com os projetos...

D – Seguimos os critérios que estão definidos para os processos de matrícula. Fazemos todos os anos e em todas as turmas, e começa no 1º ciclo, ...

E – Mas a questão é mais pragmática... tem sempre a ver com a idade, não tem a ver com projetos de trabalho, um aluno de 14 anos trabalhar com alguém de 12... isto não acontece... o agrupamento dos alunos é feito pelas idades...

D – Não... a primeira questão é a continuidade pedagógica, se eles já vêm até com desfasamento etário até da primária, eles mantêm o mesmo grupo...

E- A questão é porque é que agrupa assim?

D – Por causa da idade, da faixa etária...

E – Sim, por continuidade pedagógica..., mas porque é que agrupa assim?

D – Porque é uma questão de muitas vezes, com esta lógica de agrupamento, há muitos alunos que vêm já juntos do 1º ciclo ... se tentarmos separar gente é um bico de obra. Porque fulano vem de boleia com o pai do outro, porque o outro...

E- O facto de serem agrupamento a continuidade é mais evidente...

D – Consegui uma vez e foi um grande desafio trabalhar com autênticos gorilas ali da Sé porque eram de famílias com eles todos assim quando a Sé era perfeitamente estigmatizada e a escola da Sé é minha, consegui uma vez fazer com uma turma do 4º ano ficasse dispersa e os alunos fossem repartidos pelas turmas de 5º ano, falei um a um e depois em plenário com os encarregados de educação disse vocês querem o mesmo que eu quero que os vossos filhos tenham sucesso, e se eles se mantiverem juntos no 5º ano será uma desgraça. Estava a professora, a coordenadora do estabelecimento e tivemos muita sorte porque a coisa resultou e os miúdos já estão agora no 10º ano e 11º ano e foram andando bem...

E – Deixe ver se eu percebo... agrupam os alunos no início do ano, mantêm essa forma até ao final do ano, certo?

D – Sim, só em situações muito pontuais em que por intervenção direta das famílias ou por intervenção dos professores ou por..., mas situações pontuais...

E – Pois, os alunos por princípio estão agrupados por ano...

D – Ai é que eu gostava que as escolas tivessem autonomia, por exemplo, eu tenho uma visão de ciclo... quando falamos no 3º ciclo do ensino básico, seja em que disciplina for, os ritmos de aprendizagem podem ser muito diferenciados e podemos programar as coisas para 3 anos e podemos chegar ao fim do 9º ano com os miúdos todos, embora partindo de contextos diferenciados, podem chegar no mesmo momento e nas mesmas condições... e tudo é uma condição da escola lhes poder dedicar a mesma atenção que eles pedem em determinado momento do processo. E acho que muitas vezes eles chegam ao 9º ano em contexto muito desequilibrado porque a escola se remete unicamente à assunção do papel burocrático de fazer os ciclos no tempo normal. É talvez os dos pontos de maior discussão com os professores, então com os de matemática... mais do que com os outros, talvez por ser da área das humanidades... e digo não adianta ficares com a ideia de que deste a matéria se o tipo não percebeu nada... mais vale voltares atrás, parares ali, cuidares dos pré-requisitos, e depois ele recupera e pode chegar aos outros.

E – Nessa sequência, uma das questões que eu gostava de lhe perguntar tem a ver com o seguinte, e já não demoro muito tempo, que estratégias é que a escola tem, diferentes ou não das da AFC, relativamente à promoção do sucesso escolar. Como estruturam a escola para que os alunos tenham todos mais qualidade nas aprendizagens?

D – Olhe, tentamos criar sinergias e sobretudo dentro de um contexto cultural paupérrimo valorizar o contributo de todas as equipas, sejam professores, assistentes operacionais, ou mesmo de famílias e da associação de pais que é fenomenal... reconhecemos o mérito escolar... fazemos o que está na lei, mas o dia do diploma é, sem sombra de dúvida, um dia muito importante em que os meninos vão todos muito compostos e num agrupamento em que se pensava que as famílias se demitiam muito da escola, o dia da entrega do diploma é muito importante, e há aquele reconhecimento do quadro de honra, do quadro de excelência. Levamos os alunos a participar em tudo o que surgia [alude aos rankings e à posição do meio da tabela em que o Agrupamento se posiciona...] com destaque para os projetos da Câmara Municipal do Porto. Participamos em projetos que nos são lançados pela Câmara Municipal, Porto de Futuro, Porto de Criança, ... os alunos participam ativamente e ganham muitas vezes prémios, havendo também um reconhecimento do mérito por parte da Câmara Municipal... vão os alunos com uma sessão com o presidente da Câmara, recebem prémios de excelência ... e com miúdos que têm pouca sensibilidade com a questão artística, trabalhar com entidades parceiras como o teatro do Bolhão que faz muitas sessões de sensibilização, tentamos fazer com que o professor do 2º ciclo de educação musical vá às escolas do 1º ciclo e está a promover uma sensibilidade para a música, a biblioteca tem um manancial de propostas, fazemos sessões de leitura participadas pelo diretor, pelos professores, por funcionários, por pais dos alunos, por alunos... comemoramos este ano diversas efemérides, o dia internacional das línguas, por exemplo, ...

E – O próprio plano anual de atividades está pensado para ampliar...

D -Está a fazer uma mudança de filosofia... parece um déjà vu, mas passa muito pela formação integral... passa por apostar fortemente nas questões de cidadania e eu acho, como lhe digo, vamos tendo algum sucesso. E vou bater 3 vezes na madeira, nós temos uma história de Comenius muito grande, seremos das escolas do Porto das que mais participa, ainda agora, mandamos projetos para diversos parceiros europeus que conhecem as condições que as escolas têm... o ano passado lançamos o Erasmus para o 1º ciclo, levamos miúdos à Roménia, a Espanha, a Itália e nunca na vida, eles ficam normalmente alojados em famílias e contrariamente ao que acontece nas escolas parceiras nunca tivemos nenhum tipo de problema sério. Os pais confiam em nós... vão levar os meninos em horas impróprias porque temos de arranjar voos mais baratinhos. Os alunos conhecem novas realidades ... (...) agora vou apostar um bocadinho na formação de professores, mas é engraçado ... se visse os nossos alunos nas sessões de apresentação ... se visse nível de proficiência em inglês... nós somos uma escola TEIP.... Os alunos do básico apresentam alguns trabalhos, mesmo de investigação, sei lá... sobre ecologia, sobre a emigração ... fizeram um trabalho sobre a emigração nos anos 60 e a imigração agora no século XXI, a mudança que houve, fizeram umas apresentações muito, muito boas. São muito bons....

E – Acho que consigo perceber qual é a ideia de amplitude, de cidadania, de cidadão do mundo...

D – De tudo. Como se comportam, como têm acesso a determinado tipo de realidades ... quando damos jantares formais, no 9º ano, os miúdos preparam-se, fazem daquilo um ritual, na cantina tentam criar uma decoração engraçada e repare num agrupamento TEIP... alunos veja temos imensos ... e eles preocupam-se com este tipo de características... Isto quer dizer que vão tendo algum conhecimento e foi muito propiciado pela escola...

E – Conhecimento do mundo. E especificamente o caso seguinte: imaginemos que as duas turmas que estão agora no 7º, foi pouco tempo, mas ali em dezembro quando começaram a sair as primeiras avaliações sumativas, um aluno com várias negativas ou com dificuldades de aprendizagem em várias disciplinas ... como é que a escola trata este problema específico com a Maria, o José...?

D – Muito bem, em 1º lugar trata ... tem aqui um papel fundamental o diretor de turma que é o mesmo e que conhece a realidade e pode até juntar alunos em situações similares. Depois ...

E – Juntar como?

D – Juntá-los em aulas de apoio ... continuamos a manter a metodologia Fénix... vamos supor, no caso, aquilo que tem acontecido por acaso e não é dar mais do mesmo e às vezes até brinco com isso ... no caso dos professores de matemática, às vezes até brinco com eles, o aluno é mau a matemática e como é que eles resolvem o problema? Com mais horas de matemática... ora não vai por aí, porque ele vai odiar a matemática. O que nós fazemos é criar grupos de apoio mais individualizado ... por exemplo há ali um caso ... por exemplo... vou-lhe pegar num caso que tem acontecido agora mais amiúde de miúdos que têm vindo de fora... e o nível de proficiência a português é uma desgraça... e é um trabalho conjunto em que nós recorremos ao programa ciber escolas e recorremos a uma professora do 1º ciclo para aumentar a proficiência em língua portuguesa juntamente com o professor de língua estrangeira... o professor de 1º ciclo é muito competente ao nível da língua materna no 1º ciclo mas depois preciso do contributo do ciber-escola para a habilidade da língua portuguesa como língua estrangeira... olhe, ainda esta semana estávamos a diligenciar um computador para esses e miúdos de uma família em contexto muito precário para lhe fazer chegar um conjunto de materiais, primeiro em suporte papel e enviado pelo correio, mas o efeito era nulo e conseguimos arranjar um mecenaz e tem agora um computador que o vai ajudar muito... e portanto, estamos a apostar numa perspetiva global criando uma consistência fazendo com que o aluno possa ganhar autonomia para poder avançar. Infelizmente, agora em março o processo foi interrompido ... gostava de ter isto num processo normal, estar agora em junho a fazer uma avaliação global do que foi...agora estamos a fazer as coisas pelo mal menor...

E – Sim, mas por exemplo, em janeiro, os alunos que estavam com algumas negativas ...

D – Foram identificados, o conselho de turma implementou medidas específicas individuais ... é uma das oportunidades da flexibilidade curricular nomeadamente mesmo na gestão da própria disciplina e na organização haver uma flexibilidade de modo a que o aluno só tem de estar presente na escola e o professor, por exemplo, repare, se estiver a dar matemática ou se estiver a dar história, e se o aluno em história não tem problema ou o contrário, aliás a questão do sucesso não foi o sucesso esperado mas foi acima de 50%...

E- Ai é? Percebeu que em termos de resultados de aprendizagem ... é claro temos ainda de esperar

D- Pois, é tudo muito relativo, no segundo período já foi um bocadinho de ficção a avaliação e repare e como há bocadinho falamos, realmente a escola ainda não tem autonomia... gostava que o Ministério tivesse dado autonomia para nós fazermos avaliação... aquilo que a escola fez foi dar uma autonomia sombria... pois o que a tutela quis preparar foi, pelo menos foi isso que eu senti foi muito desconfortável, foi dizer assim... ora bem, nós não sabemos o que vai acontecer com esta pandemia...portanto há uma lei que diz que os alunos têm de ter duas avaliações, portanto a todo o custo o menino tem de ser avaliado... e desde logo enviamos o sistema, eu vou-lhe dizer dei muitos puxões de orelhas entre aspas aos professores, fiz pedagógicos por videoconferência a massacrar os professores coordenadores e subcoordenadores e a explicar... relativamente às faltas a mesma coisa... eu não ia ficar com a minha consciência se travasse... eu acho que nenhum aluno está definitivamente condenado eu ouvi o secretário de estado a propósito do Arco Maior, também o diretor Joaquim Azevedo e aquilo que disseram ficou-me gravado na memória uma fulana que estava grávida e é bom vai ter mais uma criança, vocês nunca desistam há sempre uma oportunidade porque terem uma qualificação será sempre uma porta aberta para a vossa vida em sentido por exemplo arranjam maneira de ganharem subsistência ... portanto eu acho que mesmo para esses alunos o XXXX é uma resposta... eu tive muita dificuldade logo no início... os professores tentarem sacudir a água do capote... e então era logo a despachar para XXXX, mas agora já perceberam que existe essa saída [mas que não pode ser 1ª opção], nós temos de agarrar sempre o aluno, eu acho que os profes vestiram essa camisola, preocupam-se... estou preocupado com esta pandemia porque as famílias estavam a começar a valorizar a escola e agora não têm condições...

E- É pena, é pena... mesmo em termos de país... parece a história do trauma de Portugal, quando finalmente o país estava a recuperar há qualquer coisa

D- Pois, repare, eu acho que estamos a aproveitar mal o nosso génio... tem havido, repare, isto foi bom para todos nós para nos abanar as consciências. O mundo inteiro estava dependente da China... e por muito que me queiram dizer que isto foi um fenómeno natural... não vi nada de estanho nos restaurantes... e fui eu não faço turismo de mochila às costas, mas também não me meto num hotel... e ficar fechado... andei no metro em Pequim em Xangai... entrei em todo o lado... andei em transportes públicos comi de tudo mexe com questões económicas... foi importante para a Europa para se centrar nas suas potencialidades

Os nossos pequenos empresários... elaboração de máscaras... quem não tem cão caça com gato...

Repare uma escola replica... nós ouvimos o primeiro-ministro dizer e lembro que

E posso-lhe dizer isto foi mesmo ao jeito da pandemia... eu há duas semanas, nesta altura surgem problemas económicos graves...o nosso grande desafio... as crises quando sairmos são momentos de muita felicidade e alegria...

E- Depois vivemos a disforia...

D- Repare já há malta nova com dificuldades... já há professores a ir ao banco alimentar, farmacêuticos... há pessoas com profissões muito boas ... classe média que estava a recuperar bem ou relativamente bem e agora estão com dificuldades... e está a assustar-me muito

Eu não me garanto... eu hoje com o telefonema que recebi de um senhor das forças armadas [por causa da desinfecção da escola...] ... que não fariam desinfecção porque não tinham nenhum caso de COVID... e eu vou confinar os miúdos à escola, de que maneira?... mas não fazer ao menos formação para os funcionários para saberem como agir... eu neste momento tenho uma escala, neste momento estou em casa... temos uma escala com os elementos da direção, somos uma escola de acolhimento e temos 3 assistentes operacionais e 22 na secretaria ... o que quer dizer que de um momento para o outro... é preciso criar condições de higiene e orientações para aquilo que possa vir...

E- É verdade, é uma situação completamente assustadora, anómala ... eu até pensei se deveria fazer esta entrevista consigo... porque é quase surrealista estarmos a conversar sobre AFC numa situação tão atípica como a que estamos a viver...

Uma das perguntas que não queria deixar escapar... e tem a ver com o seguinte: quando estas duas turmas do 7º ano arrancaram, notou que houve metodologias de sala de aula mesmo elas são diferentes, não são...

D- São, são... sobretudo por essa gente ... repare, nenhuma mudança pode ser implementada sem estar sustentada no saber científico, com o contributo que vem da universidade... eu acho que é uma direção se eu tivesse alguma responsabilidade maior em termos educativos... eu acho que o próprio secretário de estado tem esta noção ... cada vez mais haver uma articulação entre a escola e o conhecimento sustentado. Ainda que no início [antes da flexibilidade] houvesse uma reação negativa ao conhecimento pedagógico provindo da universidade [oh, lá vêm eles com as teorias... era um caos], penso que se fez mudança, aceitam a legitimidade desse saber e mais do que aceitar, mudam as suas práticas....

E- Pode dar dois exemplos de metodologias novas?

D- Por exemplo, a centralização do papel dos alunos... muito mais lógica nos trabalhos para fazer, uma maior articulação entre as disciplinas.... [aulas síncronas de 90 m... que não pode ser...]. Por exemplo, maior complementaridade.... em termos interdisciplinares, passou a haver mais partilha e mais interação ... algumas situações de supervisão colaborativa... eu vou ver a aula daquele, para ver o que posso aproveitar para a minha aula...

[referência à interação com alunos do 1º ciclo,]

Nestas turmas não quis que os professores sentissem que estavam a ser controlados....

E- Mas sente que pelo foi ouvindo as metodologias são mais expositivas ou menos expositivas?

D- Não... não... muito menos expositivas...

E- Mesmo sem ser à quinta-feira de manhã?

D- Como lhe disse, à quinta-feira de manhã, podem sair para formatar texto... pesquisa de site... o resto do trabalho ... dava para pôr as disciplinas todas durante uma manhã... e uma tarde todos os profes estão a trabalhar para o mesmo...

Noto que o grupo de profes AFC reforçou uma prática mais colaborativa, de partilha... de saída para a biblioteca trabalhar ... não a primeira nem a segunda vez [refª a uma educadora de infância sem horário e que colocou a coadjuvar na biblioteca...]

E- E a avaliação? Notou algumas diferenças? Quais as modalidades de avaliação e os instrumentos...

D- [hesitação] ... ao fim de muita luta, o que se começou a concretizar mais é a avaliação formativa... [discurso hesitante...] não vou dizer como o Camões.... *Vi Claramente visto*... mas vi já.... Com a colega de português com o conjunto de trabalhos deles ... um conjunto de dicas sobre toda a frase... repara na vírgula entre o sujeito e o predicado... isso lembrou-me foi um dos casos que eu vi... ela até põe com uma cor verde que é mais agradável, têm alguns detalhes...

E- Da avaliação formativa...

D – Formativa, o que os miúdos conseguem e o que não conseguem... têm momentos de pausa para isso, aproveitando muitas vezes a questão da própria construção do trabalho quando já ... e o trabalho do diretor de turma que por acaso é essa tal professora que é do departamento das ciências e tem muito espaço porque tem horas.... Para ouvir os outros professores e depois ajuda a tentar chegar individualmente aos miúdos para eles saberem onde estão onde podem melhorar onde têm de insistir mais e isso também resultou em alguma uniformização das notas ... sim...

E – E que instrumento é que os professores têm usado?

D- Como?

E – E que instrumentos têm usado?

D – Têm grelhas de observação, com os detalhes, fazem com folhas Excel, eu até me rio, na altura até cheguei a ser muito discreto... temos critérios de avaliação e depois eles passam pelos testes que têm uma determinada valoração, os trabalhos, as atitudes têm outra, a questão dos comportamentos outra... do primeiro para o segundo período assumiram que iam mudar... agora não sei... de que forma é que foi, houve uma melhoria... eles no primeiro período insistiram muito, valorizaram muito a questão dos comportamentos e das atitudes que era a questão das dificuldades dos alunos e da forma como eles encaravam as suas próprias dificuldades... como é que eles as iriam vencer, superar... e isso era uma tarefa muito importante para os professores...

E – Mas continuam a fazer os testes?

D – Sim, fazem na mesma porque há que... e eu vou-lhe dizer isto é muito simples, há que manter ... e eu vou-lhe dizer isto é muito simples... neste momento o mais importante... neste momento... não um momento nenhum é uma tristeza o que estamos a viver, mas aquilo que seria expectável é que nós fôssemos criando algum de maturidade em que em certa altura os testes começassem a ter um valor muito mais relativo e muito mais esbatido..., mas, para isso é preciso haver trabalho sobre os alunos e os encarregados de educação... ainda há muitos pais e encarregados de educação que continuam a dizer que 50 mais 50 é igual a 3.

E – Pois...

D – E essa explicação é algo que demora muito, muito, muito ... tempo. E digo-lhe uma coisa, e implica riscos... para os professores.

E – Sim... sim.

D – Vou-lhe dizer eu em Gondomar estive lá 12 anos fiz uma experiência, eu tinha turmas do 10, 11º e 12º ano e só dava testes no 12º ano ... e uma das alunas era filha da presidente do conselho executivo era muita simpática comigo eu orientava estágio e então ela achava ... estava cheia de medo porque a filha queria entrar em farmácia e entrou ... era de uma competição... faziam turmas de nível, algo que era errado, e eu ficava com os melhores ... alunos... tinha um 18, um 19 ... e lembro que essa presidente do conselho executivo quando chegou ao 12º ano quase que me encostou à parede... e eu disse, tem calma, agora eu vou ensinar-lhes a fazer exames... para perceberem o que é que pedido, mas os alunos estão mais do que preparados porque têm mais do que um momento de avaliação... faziam trabalhos, faziam investigação, sabiam fazer a priorização da bibliografia e isso faz-se quando sabemos que vamos ter alunos durante 3 anos e podemos trabalhar de variadas maneiras... pronto, no 7º ano não dava...

E – última questão no domínio da avaliação. Os testes que são feitos são por domínios ou são aqueles testes mais tradicionais?

D – [hesita] No caso do Português ah... ah... bem, eu acho que no geral são mais tradicionais... ainda foi muito incipiente... é, foi...

E – Exato, por causa do perfil dos alunos... há várias iniciativas que estão a fazer com domínios... e as aprendizagens essenciais

D – As aprendizagens essenciais ... isso já foi trabalhado diversas vezes e estamos numa fase de ... de... aliás, agora até veio a talhe de foice porque vamos rever outra vez os critérios de avaliação... para o 3º período por causa da situação em que vivemos e mais uma vez vamos pegar nestes documentos [Perfil e Aprendizagens essenciais] e realmente nós tentamos implementar essa mudança... os critérios de avaliação já contemplaram ... agora ainda bem que falou disto agora até me lembro da avaliação externa e quando eles pegaram nos critérios de avaliação e uma das pessoas era a Ariana Cosme foi uma das pessoas e estivemos várias vezes a conversar e ela disse então ainda é disto que tu tens [relativo a professores], isto está ainda incipiente mas estão a sensibilizar-se para... mas neste momento já tenho outros assim e assim... vê-se que está em trabalho muito incipiente...

E – Agora estamos quase a terminar... sei que tiveram pouco tempo de projeto, mas que efeitos houve desta Flexibilidade Curricular na motivação dos alunos, dos professores, e por outro lado se notaram alguma evolução na aprendizagem dos alunos

D – Olhe, é assim... ah, em primeiro lugar acho que houve aqui algum impacto junto dos alunos no sentido de eles perceberem alguma coisa relativamente ao que lhes era totalmente desconhecido que era o trabalho dos professores... eles achavam que muitas vezes aquilo que acontecia numa aula era uma questão de inspiração do momento... o professor nem tinha de preparar a aula nem nada... que chegava lá e dava a matéria que muita bem lhe apetecia... hoje vamos fazer uma composição, amanhã fazemos um ditado, ou noutra área, equações ou geometria... ora o que é que acontece, eles já ficaram com a consciência de que o que lhes está a ser transmitido resulta de concertação entre os professores e que há trabalho colaborativo entre os professores; em segundo lugar, impacto na vida dos professores houve esta rotina dos encontros, os professores extrapolaram o que está previsto nas horas de trabalho colaborativo ... os professores conhecem muito mais nas respetivas turmas a especificidade de cada um dos alunos não ao nível do que são as suas competências e ao nível dos conhecimentos mas também ao nível do que a sua maneira de ser, de estar, a forma das suas relações com os pares e a própria relação com a instituição. Isto sem dúvida alguma... para os alunos acho que tornou a escola como eu lhe disse... a escola deixou de ser aquele local de encontro de amigos e já viram alguma utilidade nas aulas... porque? Porque surgiu aqui algo de novo que é a possibilidade de serem surpreendidos seja pela didática e pelos instrumentos que o professor utiliza seja pela forma como abordagens... como sabe no básico em termos de conteúdos muitas vezes recorrentes e há aqui alguma coisa de novo na forma como estão a ser dados e isso creio que os tem entusiasmado de alguma maneira...; em termos de resultados, no primeiro período houve um trabalho grande relativamente a isso e no segundo período um bocadinho enviesado eu não sei a que é que isto corresponderá... agora, em termos de convicção eu acho que pelo menos se me perguntar assim, acha que foi positivo ou negativo ter apostado [na flexibilidade], chegado a setembro voltaria a apostar? E eu dir-lhe-ia sim porque acho que dei a oportunidade de sem ser com base em receitas mas com base no contributo que os professores foram bebendo em formações que tiveram e foram porque quiseram, não foram obrigados, foi-lhes lançado o desafio e inscreveram-se... e os alunos tiveram a oportunidade de ter um modelo diferente, não um modelo tão flexível como nós gostaríamos que fosse... e se calhar se houvesse um ... estas coisas passam um bocadinho pela apropriação do conceito do bom senso ... se pusermos bom senso nas coisas... não tem de estar distanciado do rigor, não tem de estar distanciado... tem de contemplar e muito o saber... a consciência das coisas. E estou convencido que se dermos autonomia às escolas os alunos que fizerem isto com base neste processo de flexibilidade curricular e ao fim de certos anos eles vão ter um desempenho se calhar superior a quem não passou por este processo... estamos a criar mais pessoa, vai mais ao encontro do perfil dos alunos... acho que concorre muito mais ... os documentos estão todos intercecionados... pronto, agora a experiência da minha escola ainda é muito incipiente... agora há uma coisa que lhe posso dizer com toda a clareza e até lhe digo de alguma maneira com orgulho, é que pelo menos, apesar de ser incipiente não é folclórico... não aquilo a que fui assistir a Lisboa e ouvi coisas oníricas... aquilo só no domínio da fantasia... eles podia falar e dizer que fizeram e aconteceram, mas eu gostava de ter visto, sou como São Tomé, só vendo para crer. Claro que havia lá escolas particulares que até faziam coisas... eu ouvi testemunhos de miúdos..., mas eu também consigo fazer gravações de miúdos, digo-lhes assim, olha, vais ali, vais fazer uma

entrevista e dizes se gostaste e os miúdos conseguem dizer... Agora até o tecido social dos alunos ...eram de um colégio da zona de Lisboa é de gente com algum poder económico e miúdos que já trazem de casa um saber que não é a escola que lhe deu. E eles realmente falaram muito bem, mas depois, até foi mais aqui da parte do Porto ... sabiam das dificuldades que estavam a ter (?) falaram de uma receita e eu disse que é isto? Disse para a minha colega vamos embora.... Vamos aproveitar o dia [dado o desinteresse da sessão de Lisboa]. Aquela parte da partilha onde mais queria beber...

E – Sentiu que não eram realistas?

D – Era impossível! Repare, ao fim de certos anos no terreno nós conseguimos... eu acho que um professor deve ser idealista em muitas coisas, mas deve saber distinguir o que é ideal ... eu gostaria de um dia poder ter isto e isto e isto... aliás no encerramento da XXX XXX fui idealista.... mas no contexto de crise desde 2009 a querer que se fizessem obras de milhões quando o país estava em crise... e insistir... era um idealismo assente na convicção profunda de que eu tinha de dar aos meus alunos condições idênticas aqueles que têm aqui na cidade do Porto ...

E – Acho que consigo perceber a sensação... agora em jeito de síntese, consegue-me dizer quais foram ou quais são os fatores facilitadores e os obstáculos para o desenvolvimento desta flexibilidade curricular?

D -Ah... os fatores facilitadores e eu vou pegar num que dá para os dois lados. Fator facilitador, primeiro, esta disponibilidade por parte da tutela de criar mecanismos legais que permitem esta execução e esta mudança de filosofia na forma de olhar os processos. Agora, também acho que o ME foi prudente, para mim se calhar até foi excessivamente prudente, podia até ter alargado mais. Os grandes obstáculos passam um bocadinho pelas características do nosso corpo docente, pela faixa etária que tem... o corpo docente envelhecido está muito à espera de diretrizes... à espera não que lhe deem a cana para a pessoa pescar mas que lhe tragam o peixinho já grelhadinho e todo porreiro à mesa... gostam muito de ler que isto é assim e eu tenho de fazer, assim, assim e assim. Noutros tempos quando eu andava na faculdade era assim, quando era o professor que lançava pontos de interrogação ... e isso era muito difícil porque ficávamos com os apontamentos para decorar para a frequência. Pronto, depois, acho que também é um desafio para as famílias, mas é também um obstáculo porque as famílias ainda não estão muito sensibilizadas para esta possibilidade da escola. Primeiro porque são também pessoas mais velhas, com muito maior afinidade a um sistema mais diretivo, mais rígido e olham um bocadinho, até com ideias populistas que andam por aí na nossa praça... olham para esta coisa como um certo facilitismo e desconfiança e não estão devidamente informadas. E é um dos grandes obstáculos. Acho que não informação. O Governo faz um decreto, mas depois não há fóruns de informação dirigido ao nosso povo, com um nível de escolarização baixa, com um nível de conhecimento baixo. Está melhor do que o que era, mas devia haver, até mais na questão cívica, de cidadania, no sentido das nossas famílias... Mesmo os pais mais letrados continuam a ver na escola só um objetivo ... continuam a pôr os filhos numa escola, mesmo de professores e depois colocam num colégio para aceder ao curso superior pretendido... sei de miúdos que são autênticos escravos de uma décima ou duas para entrar nos cursos onde normalmente se exigem notas altas. Eu acho que uma formação geral em relação à intencionalidade desta flexibilidade, do que se procura, da questão do perfil geral, daquilo que se pretende de um aluno que completa a escolaridade obrigatória de 12 anos, daquilo que é essencial e do que acessório... não há esse conhecimento e isso é um dos grandes óbices. E acontece ao nível escolar, no meio dos próprios professores. E isso provoca resistências que é própria dos seres humanos e os professores por muito que queiram... também são humanos... e resistimos com mais segurança porque somos especialistas de determinadas áreas e ajuda a fazer resistência... por isso somos muito reivindicativos. Mas acho que também é uma batalha para os professores. Somos muitos voluntariosos e quando acreditamos nas coisas o professor é capaz de fazer coisas... tem-se visto isso neste contexto de pandemia. Tenho visto colegas que eram incapazes... Eu tenho um colega que vai à escola todos os dias – ele tem muitas possibilidades económicas – mas tem um problema familiar grave, ele não consegue estar assim como nós porque tem uma pessoa doente mais velha que a certa altura entra pela sala e, portanto, ele não conseguia estar a dar uma aula síncrona, e ele tem 12º ano e vai à escola fazer isso. Ele arrisca-se não tem carta de condução, vem em transporte público, vem de máscara e vem fazer isso por amor aos alunos. Felizmente é muito maior o nº de pessoas que faz do que o que não faz. É muitas vezes os que não fazem também por falta de entendimento.

Por isso é que o não estar devidamente explicado ... e depois ainda temos uma enorme burocratização, como lhe disse, passa pelos corredores da 24 de julho e da 5 de outubro em que estão lá os mesmo senhores seja qual for o governo e por mais que vá lá gente... não tem a ver com cores políticas... se houver gente mais conservadora ou se quiser ser mais inovadora... não vai conseguir porque aquela máquina, aquela engrenagem está cheia de areia. Depois, nós nas escolas acabamos por sentir isso. Repare, eu se quiser implementar ou ser mais arrojado este projeto à partida ... falou em mais valias.... Uma das mais valias é tentarmos ser arrojados, apelarmos ao nosso engenho, tentarmos dar a volta para fazermos mais e melhor. Mas, por outro lado, se eu fizer isso, tenho de mandar para Lisboa um pedido de autorização cuja resposta nunca mais vou receber ou se receber será tardiamente a dizer que não... e depois chega o início do ano e lá vou ter a inspeção e? económico da minha escola é nulo... está a ser paga pelo POCH, por fundos europeus, portanto...

E – Agora estou-me a lembrar daquela hipótese de planos de inovação pedagógica, vocês candidataram-se, não, do PIP?

D – Não...

E – E até tenho a legislação, foi em 2019, a Portaria 181... permite criar um plano com muito mais autonomia... do que o 55.

D – Nós eu acho que nós não conseguíamos fazer isso.... eu digo-lhe assim, nós daqui a um ano nós teríamos as condições reunidas para isso existir... repare nós tivemos também de priorizar as coisas, portanto eu acabei de lhe dizer que mesmo as coisas [?....], não sei se apercebeu disso, é outra inconfidência, o inspetor que lá foi ele depois confidenciou, mesmo a diretora aqui da direção do norte (da Dgeste), não sei por que é que o XXX não pediu um regime de exceção relativamente às condições que tem... repare, eu este ano tive

de reabrir uma escola que é agora a escola sede. Eu passei o meu verão juntamente com funcionário a carregar móveis, tive de salvar patrimônio, museu... foi, foi porque senão tinham desaparecido... se for ali à direção de serviços da região norte ... eu até ainda não fui lá para não me aborrecer com o delegado que até gosto muito dele..., mas já ouvi dizer que armários de grande porte... Ainda se deve lembrar que há pouco tempo apareceram aí numa mata, foi culpa do ministério material do XXX XXX ... eles contrataram, a direção de serviços, uma empresa de mudanças e o homem resolveu despejar as coisas numa mata que era material que não usado, claro... repare, foi um crime ambiental, ainda bem que eles assumiram que a culpa ... e o homem ainda lá está na direção de serviços, se fosse eu tinha sido despedido ou levado com um processo... Salguei o museu da Física, da História Natural que tinha um acervo grande, um patrimônio substancial da biblioteca... nós temos fechados em caixas-fortes de escolas, cheias até ao teto, aí fui eu e a bibliotecária, sozinhos, um ano a selecionar obra que era a mais de 5 mil euros, está tudo muito resguardado, não foi para lado nenhum,

E – Eu acho que não tinha tomado consciência realmente das implicações que a vossa escola

D – Passei o verão a carregar móveis de pau brasil, pau preto, ... tenho mobiliário que o senhor presidente da República tem, contadores que estão no palácio de Belém, eu também os tenho, e aprendi muito com os diretores que passaram pelo XXX XXX [cita vários casos] ...

Portanto, nós temos um círculo de proximidade e eles foram-me dizendo que como tinham sido intervencionados o grande problema tinha sido o atentado ao acervo ... o XXXX perdeu muito patrimônio... e eu estava precavido...

E – Ou seja, dadas essas condições, não houve possibilidade de pensarem no tal plano de Inovação ...

D – Pois...

E – OK.

D – Julgo que é o Maia, o Maia sim, que era coordenadora de projetos... agora também a DGE ficou a meio por causa da pandemia ... estávamos a formar professores, tinha um grupo já com os encarregados da educação da escola ...

E - E desculpe porque interrompi-o... estava a terminar os fatores facilitadores e os obstáculos ... não sei se disse todos, peço desculpa...

D – Pronto, é conforme eu lhe dizia. Nós não temos ainda a liberdade, não se vislumbrar ainda uma autonomia que seria desejável. Há fatores intrínsecos que estão dentro das escolas e aí caber-nos-á a nós diretores, e mobilizarmos órgãos de gestão intermédia ... há fracassos mas também muitos sucessos, por vezes as mensagens passam enviesadas, mas a minha visão de estratégia pode não passar a 100 %, mas é muito importante que as pessoas percebam as responsabilidades, e cada vez mais, e será mais rápido do que aquilo que se pensa, os órgãos de gestão intermédia poderão até sobrepor-se aos órgãos de topo das escolas porque são eles que criam as dinâmicas, que mobilizam as escolas, são os verdadeiros intermediários. E nós efetivamente ainda não temos uma sensibilização dentro das escolas para as coisas. Se quer que lhe diga porquê, no caso do meu agrupamento tem a ver com a falta de tempo para podermos pensar. Não é falta de vontade, muitas vezes tenho de pôr travão ... tenho um grupo de professores que são pró-ativos, que conheço muito bem e são aliados, sempre presentes... e que às vezes até ficam desconsolados (pela travagem) e eu sempre digo nós temos de ter tempo para pensar. Ficam muito entusiasmados e é uma oportunidade, mas também não quero que eles se espalhem logo na primeira vez... e então interessa mais que disseminem as coisas. Depois, o grande óbice que superintende a tudo é a comunicação. Ainda não temos a começar pela tutela que depois se vai desmembrando por aí abaixo até às escolas, e então nas escolas o grande problema, o nº um, é a questão da comunicação. Ainda não temos uma eficácia comunicativa. Nem sempre as coisas são muito claras. As coisas produzidas pelo Ministério são coisas muito longínquas, mesmo para nós, as que nos são dirigidas não são explicadas, se nós temos dúvidas, ligamos para Lisboa e eu passo uma manhã inteira a ouvir uma gravação a dizer que não foi possível atender ... Às duas da tarde estou a pedir ao funcionário para ligar logo às duas que é a hora em que a senhora entra na 24 de julho para trabalhar... Também lhe posso confidenciar que a 24 de Julho às 4 e meia da tarde fica vazia e isso faz-me uma confusão... uma vez fui lá a uma reunião, deixei lá ficar um caderno, não propositado, esqueci mesmo, era para entrarmos num projeto inovador e até entramos, mas tinha deixado lá o caderninho dos apontamentos. E de repente estava em frente à 24 de Julho na paragem dos elétricos, dei pela falta do caderno ... estava lá tanta gente nem foram dez minutos ... e quando cheguei lá não se via ninguém. fui à sala e parece que tinha passado um Tsunami... as pessoas vão para casa. Realmente aquilo é uma máquina muito complicada... e esta eficácia comunicativa ainda não existe. Agora, a nossa grande sorte é que temos à medida que o tempo vai avançando possibilidades de partilhar. Para a minha escola foi importante, independentemente de termos deparado (sic), e chegados à escola veem que afinal as coisas não eram bem assim, mas tendo estado com outras escolas que tinha participado no projeto piloto ... e acho que foi uma pena termos interrompido o processo porque estava a ser um benefício para os alunos. Não lhe posso quantificar o benefício... houve mudança para melhor. Porque a crença na possibilidade, o esbatimento de estigmas do burrinho, da turma dos mais fracos ... Sabe que ainda há professores, cada vez menos, que têm essas ideias..., mas isso foi-se esbatendo dado o trabalho que se ia desenvolvendo. Até a própria intervenção pessoal em contexto de aula, a postura, a proximidade do professor em relação aos alunos mudou. Mesmo esses que costumam ser mais distanciados, mesmo esses começaram a encetar um caminho de aproximação. E tenho pena que agora mude tudo outra vez por causa da crise económica...

E – Já terminei as questões, mas só por curiosidade, os alunos dessas turmas do 7º ano estão sentados em cadeiras individuais, pares, grupo, em U... como é que...

D – Variadíssimas situações. Passam por tudo. Situações em U..., trabalho de pares, e muitas situações de trabalho em grupo.

E – Mudam as cadeiras conforme...

D – Mudam ... depende, na parte mais relacionada com o trabalho de projeto têm de partilhar o material, aí está mais gente, e depois há aulas em que eles podem circular. [refere turmas do 5, 6, 7, 8 que estão na XXXXX e algumas na XXXX.... refere armazenamento de material em escolas primárias de grande valor... mobiliário do reitor...] Criamos salas diversificadas... estão mais professores alocados a salas do que turmas.... Por isso é que nas aulas mais práticas (FQ e CN) têm a parte prática, mas aquilo que acontece quando têm aulas teóricas estão em trabalho de grupo na sala normal têm as mesas juntas, dois alunos ... ficando até 8 alunos por grupo.

E – Muito bem. Não sei se gostaria ainda de acrescentar alguma ideia... fui lançando questões, não sei se haverá algo que queira ainda dizer...

D – Tivemos uma conversa simpática...

E – Agradeço profundamente... tinha aqui um guião.... mas temos muito mais material do que era suposto...

D – Não tem nada que agradecer ... fico satisfeito, disponha sempre... às vezes à dificuldade, mas agora tem o meu número...